



0

ALABAMA



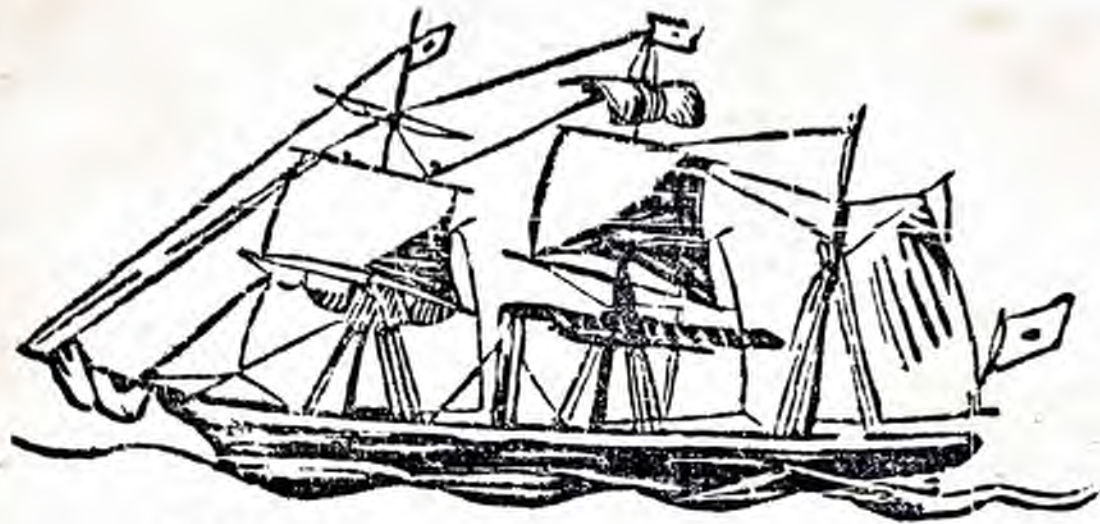
1869

A

1870



I.C.H.V.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 50

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

1 DE MAIO DE 1869.

N. 499.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
30 de abril de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que está verificado que o individuo que desce, á noite, pelo lampeão de um sobrado ás Portas do Carmo, é um sujeito de nome Lourenço, morador no 1.º andar da casa n. 20, o qual salta para a saccada da casa immediata, em cuja parede está assentado o lampeão e por ali desce. O proceder desse individuo é summamente reprehensivel, em vista d'isso espera-se que S. S. se digne infligir-lhe o conveniente correctivo.

—Ao Illm. Sr. thesoureiro do Senhor do Bomfim, para que expeça suas ordens ao zelador da egreja, afim de que não consinta que os corredores da mesma continuem a ser aposto de cabras e carneiros.

—Capitão, que horrivel catastrophe!

—A da praça do mercado?

—E' verdade.

—A desidia, a incuria, o deleixo, a inercia dos que nos governam, são a causa de tão lamentavel desgraça.

—Eu o creio.

—Si conservassem a guarda, que ali havia, o incendio seria presentido a tempo de dominar-o.

—Um lugar como a praça do mercado, onde a segurança de propriedade e a ordem reclamam constantemente a presença da força publica, nem de noite, tinha uma patrulha!

—E os roubos, os arrombamentos, repetiam-se ali espantosamente!

—E o incendio veio coroar a obra!

—E hoje lutam na miseria honestos e laboriosos individuos, que d'ali tiravam os meios de subsistencia!

—E' porque os poucos brasileiros; que ali se davam ao commercio de cabotagem, devem ir cavar minhocas!

—Quem pode contar-se seguro nas ruas desta cidade, quando nas praças se serram arvores, como no Terreiro, e no mercado a policia, que deve velar, só da com um incendio quando elle tem assumido proporções inextinguiveis!

—E para caso de tanta gravidade, como são os incendios, ainda não houve quem se lembrasse de crear a mais leve medida preventiva.

—Ha negação completa nos governos desta terra para o bem commun.

—Maldicta economia para o que é de utilidade publica!

—O governo, seja qual for seu matiz, que inventa sinecuras, que estuda propinas para mimosear, com os dinheiros publicos, a seus afilhados, ainda não teve a minima complacencia de crear um serviço para as occasiões de incendio, serviço, que, embora não fosse completo, ao menos fosse regular.

—Que esquecimento para um perigo que ataca a todos!

—Ha qualquer incendio, e quando as egrejas dão signal, já elle vae em meio caminho, porque os sineiros, embora avisados, negam-se a dar os toques sem ordem expressa dos subdelegados. Quando sahem as bombas, já elle tem attingido proporções descommunes e irreparáveis.

—Nem pode ser d'outra sorte.

Primeiro que um homem, que mora, por exemplo, em Nazareth, accorde, vista-se e vá até o arsenal de guerra ou mesmo o de marinha, vae longo tempo e o fogo não espera.

—Depois, a confusão, a desordem, os roubos que ha em taes emergencias.

—Como se deu ultimamente, onde os *arranjadores* de taes occasiões fizeram mais estragos que o fogo.

—Ha gente que vae de proposito para se armar em taes occasiões.

—No incendio de quarta-feira, o fogo ardia de tal sorte que as labaredas subiam até a cidade alta e nem uma providencia appareceu!

—E' sempre assim.

Quando o mal se torna irremediavel é que apparecem pelas ruas os galopes de cavallos!

—E com tantas desgraças que se dão, tantas calamidades que accarretam, tantas vidas que se tem perdido, em occasiões destas, nada moveu ainda os *paternaes* corações daquelles que fazem a felicidade desta terra.

—Accrescente, aliás tão prodigos em gastar em outras cousas!

—Foi encontrado, ante-hontem, o cadaver de uma creancinha, branca, na porta da matriz de S. Pedro, ás 9 horas da noite; envolvido em uns pannos velhos.

—Que mãe deshumana seria esta, que jogou o cadaver de seu filhinho á porta de um templo?

—Em que terra estamos!

E pode muito bem ser que ali esteja encoberto um crime.

—Quem sabe si o filho não serviu de despique ao ciuume da mãe?

—Compete á policia syndicar disso.

—Soube o que aconteceu?

—Não.

—Uma desgraça no arsenal de guerra.

—Ainda não ouvi fallar,

—Nem convem.

—Mas o que foi?

—Pouca cousa; um menor que ficou com um braço de menos, afóra o mais.

—Coitadinho!

—Entendem que desvelar creanças é deixal-as fazer tudo que lhes vem á cabeça; eis o resultado.

—Não me explicará como se deu esse fracasso.

—Dous menores brincavam com *pecinhas*, na terça feira, fazendo pontaria um sobre o outro, a peça disparou e feriu ao menor Pedro Faustino que está em perigo.

—Que fatalidade!

—Note que o successo se deu ao pé do 2.^o armazem, onde ha uma immensa quantidade de polvora, cartuchos embalados e de festim, lugar que é prohibido fumar-se e andar-se com fogo.

—E consentiam que dous meninos estivessem a disparar tiros!

—Capitão, o menor do arsenal de guerra sobre quem conversamos hontem acaba de expirar!

—Que brinquedo desastroso.

—E' para V. Ex. ver como anda aquillo por lá.

—Nesta terra, quem tem razão vae preso.

—E apanha.

—Não diga brincando.

—Ora! si eu vejo a cada momento!

Exemplo: na quarta feira, o preto Gregorio foi *bumbado* redondamente por um açougueiro, na Baixa dos Sapateiros, porque insistiu em reclamar contra a lesão que fizera este n'um peso de carne.

—E esta!

—O valentão, depois que moqueou o corpo do preto bem moqueado, chamou quatro guardas nacionaes, seus conhecidos, e mandou-o preso á ordem do chefe de policia!

—Pois está como são as cousas! N'um lugar de tanta eoncurrencia, nem um fiscal, nem um policia.

—Para que?... Veja o que fazia o ordenança do subdelegado, um pouco mais adiante, no Pelourinho, prendia e espancava á panno de refle uma mulher livre, Francisca Romana, que, por morar no reconcavo, ignorava que é prohibido arrear carregos e descansar nos passeios das ruas.

—Este comprehende a vida; procurava cousa que *deixe*.

—Uma publicação no *Jornal* diz que o Alabama mentiu quando disse—o incendio começou ás 3 horas, e as autoridades appareceram depois de extinto elle; como é costume.

—Então é mentira!

O *M* do *Jornal* pode negar que o fogo foi extinto pelos moradores da circumvisinhança,

e que as authoridades compareceram depois de tudo acabado!

Pois ali está o proprio Dr. Eloy para attestar a veracidade do que noticiamos.

Mentiroso é o *M do Jornal* por negar a verdade, tão mentiroso que até se revela pela assignatura que adoptou.

—É com que cynismo vem elle querendo desmentir um facto presenciado por diversas pessoas!

—Deve servir bem a quem lhe paga, está no seu direito; mas não negue a verdade.

—O que realmente não pude entender foi uma mixórdia de *pae e filho* que trouxe o tal *lambe pratos*.

—Talvez que em outra epocha elle não dissesse assim.

A PEDIDO

—Novidades, capitão.

—Vá dizendo.

—No dia da invenção da Santa Cruz, revue-se o *cabido dos eremitas abençoados* para escolher o novo patriarcha, que ha de governar a *casa*.

—Que mais?

—A sinagoga está em movimento estes dias; a rusga, a intriga baniram a paz e fraternidade do aposento monastico.

A caballa predomina.

A desmareada ambição de um, que quer a todo transe empolgar o bastão, traz tudo *bacafusado*.

—Quem é elle?

—Um jesuita damnado, malvado como um Borgia, que troca a roqueta pelo punhal, que converte as feitorias da *casa* em serralhos, e deflora candidas raparigas de 12 e 14 annos, que surra os escravos para apossar-se das mulheres, enfim, um ente inutil que vive para comer e crear a barriga.

—Appelle para o criterio dos que hão de fazer a escolha.

—Elle espera ser *geral* a repulsa que ha de encontrar, mas pretende atirar a *cal* da intriga com a *mão* da hypocrisia nos olhos dos *definidores* de sua conducta o illudil-os.

—Espere pelo resultado.

Chama-se a attenção do Illm. Sr. subdelegado do Pilar para o inqualificavel procedimento de um dos seus inspectores, procedimento revoltante por ser o de *amar o alheio*, abusando indignamente do cargo que occupa para extorquillo.

Posta-se esse aventureiro á noite, no Caes Novo, á pista dos roubos de assucar e algodão

que desembarcam das alvarengas, o que seria muito louvavel, si fosse praticado com boa intenção; porem aquillo não passa de um meio de vida que o tal industrioso adoptou.

Os objectos são apprehendidos, mais passam a pertencer ao esperto inspector e são conduzidos para certa biboca pelas immedições da *rua dos Callereiros*, pertencente a um irmão e consocio do cujo individuo desta laia não merece confiança para ser agente de authority, e por isso, adverte-se a S. S. que abra os olhos com elle.

O INCENDIO DO CUME.

Da montanha lá no *cume*
Eu dormia n'uma tarde;
Atacam fogo no mato
De repente o *cume* arde!

Desperto: vejo Marilia
Trabalhando com seu fole;
Com tal força assopra ella
Que o mato do *cume* bole.

Ingrata! Que fazes tu?
Fazer damno p'ra que serve?
Não notas que o *cume* treme?
Não sentes que o *cume* ferve?

A cruel não me responde:
Um tição no *cume* crava,
O fumo do *cume* surge
Nos roneos que o *cume* dava.

(Continúa.)

—Consta que o director do arsenal de guerra está tirando uma devassa.

—Sobre o que?

—Sobre o procedimento do seu ajudante.

—Alguma suspeita que pesa sobre elle?

—Dizem que o homem, descendente legitimo da tribu dos *goytacazes*, soffre accessos de *antropophagismo*.

—A melhor cura conhecida hoje para tal molestia, é alimpar os monturos.

—Ora, o director, desvellado e paternal como é, parece que quer se capacitar do facto para livrar os menores do perigo a que estão expostos, em contacto com elle.

—Deixe la disso. Eu creio mais que os accessos que elle tem são *vertigens*; influencia dos *espíritos exaltados* sobre os corpos debels.

—Mas o homem tem pedaços!

Domingo atrazado, o director estava ausente, o homem tomou por divertimento mandar pelo empregado Vieira castigar a alguns meninos duas e tres vezes, ao passo que cobria a outros de caricias e affagos, que faziam admirar.

—Ora são cousas! E' que uns merecem mais do que outros.

(Continuação.)

—Neste meu pungente trabalho, subi em cima de uma *pedreira*, na Cova da Onça, e ali fiquei immovel, cogitando os meios de empolgar alguma cousa.

Como eu não tinha dinheiro, descarei-me e tornei-me um filante consummado; comia, bebia, fumava sem ter dinheiro e muitas vezes na tal *pedreira* achei cobres para o bolso.

Vagava eu assim, á mercê de destino, quando me appareceu uma aragem de bonança, que foi o preludio do porto da abastança que hoje desfructo.

Hoje, que me cercam de considerações aquelles mesmos que, em certo tempo, me olharam com desprezo; porque, creia realmente V. Ex., o homem sem dinheiro, parece ser mal visto dos proprios irracionaes. E é preciso que o homem se faça descarado, por que esta viscera que nós temos, chamado estomago, não tem lei com pessoa alguma; podem estas reflexões não se entendem comigo que de natureza tenho propensão para o cynismo.

Vamos porem á historia de minha vida.

Alguem se lembrou de metter-me na devoção de uma irmandade, o que foi para mim o prenuncio da felicidade.

Dotado de atilada experiencia, manhoso como raposa, eu fui me insinuando pouco a pouco, affectando grande interesse pelo engrandecimento da devoção, perdia dias edias em proveito della; dias que, seja dito de passagem, eu não tinha em que empregar, visto que á nenhuma occupação me dava.

Desta minha fervorosa assiduidade, deste meu inculcado desejo pela prosperidade da irmandade, resultou que cheguei a captar a confiança de todos os irmãos e por fim galguei o cargo de thesoureiro.

A minha nomeação não deixou de dar o que fallar a alguns dos mais escabriados, que extranharam a escolha de um verdadeiro *pé-leve* como era eu, para cargo tão importante; meu simulado procedimento, porem, era o melhor argumento contra os fundados receios daquelles, que se oppunham a minha nomeação.

Principiei por instituir uma bolsa de esmollas e chamei para esse encargo um sujeito com quem eu me entendia.

Os tempos de então não eram como os de hoje, em que parece querer desaparecer o espirito religioso. Naquelle tempo havia muita gente fanatica e credula, que julgava que, dando seu vintem para a festa da Immaculada

Virgem de..., obtinha o perdão de alguma obra mal praticada e que com esmollas e velas de libra se comprava de Deus a reparação da extorsão feita ao orphão e á viuva, o salario roubado ao artista, a perseguição ao innocente, etc.

Mais como dizia, persuadidos por má fé de que Deus se media pela bitola dos juizes da terra, que vendem a justiça, as esmollas choviam, os cobres pingavam e o sacco se enchia, e quando o esmoller voltava á noite a bolsa vinha repleta.

Eu então lembrava-me daquella passagem da Biblia, de Labão com Jacob a respeito das ovelhas e fazia com o dinheiro da Santa a mesma cousa. (Continúa.)

Pede-se ao Sr. Marinangeli, empresario da companhia lyrica que, para arredar de sobre si suspeitas, de que tem parte no cambio dos bilhetes, mande expol-os todos á venda na porta do theatro e não vinte á trinta como costuma.

VARIÉDADES

BIGODE.

A proposito de bigodes:

Um jornal estrangeiro estabelece os seguintes dados phisionomicos como outros tantos axiomas Lavaterianos:

«O bigode preto e ralho mostra um coração sensível ás doçuras do amor.

«Castanho, é indicio de bons sentimentos.

«Louro, revela espirito voluvel e difficil de contentar.

«Descuidado, crescendo ao acaso, inculca pouco apego á existencia, exagerado espiritualismo, ou acamplação de cuidados e negocios.

«Aparado, é signal infallivel de espirito acanhado, character secco e pretencioso, e de supino máo gosto.»

Agora não vão os leitores porem-se a pintar de preto e a rarear o bigode a poder de pinça!

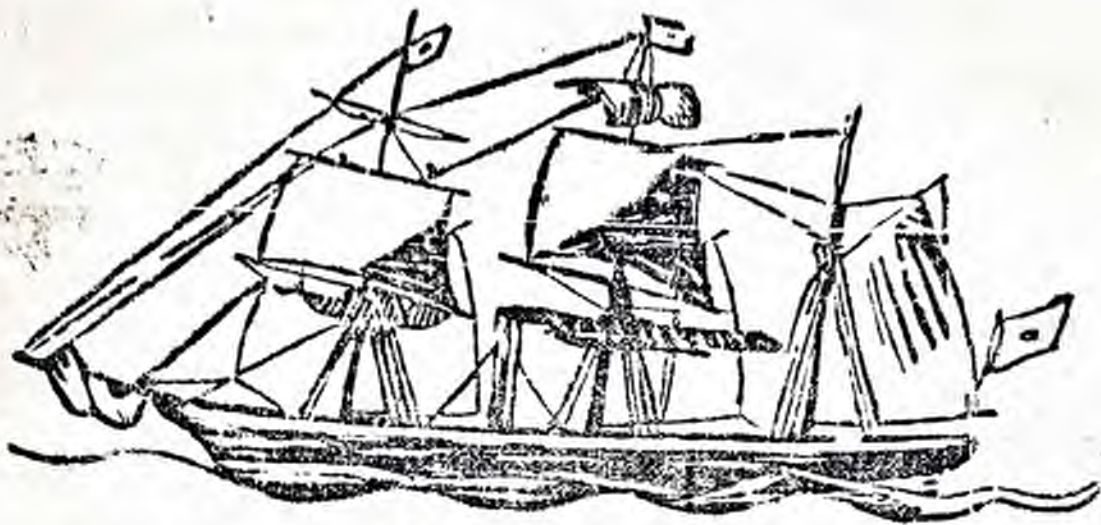
O jornal que traduzimos não passa por ser um evangelho, e.....aqui estamos nós para provar que com bigode louro se póde ser modelo de constancia e bonhomia.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 33.^a folha do—RO-CAMBOLE.

ANNUNCIOS

Nesta typographia ou na loja do Sr. Manuel do Carmo Moreira Junior, á rua Direita do Collegio, se dirá quem precisa de um hortaleiro;



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 50

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

4 DE MAIO DE 1869.

N. 500.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
3 de maio de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que manda examinar o boceiro do gazometro, o qual apresenta uma enorme rachadura pela base, e cuja fenda torna-se mui saliente pelo lado da Mangueira. Pode muito bem ser que semelhante rachadura não passe do reboco, porem a dura experiencia do que ja alli aconteceu, reclama de S. S. tão justa medida.

—Ao Illm. Sr. provedor da casa da Santa Misericordia, insistindo pela retirada do distico—*deposito dos cadaveres*—existente no alto da capellinha do hospital, por ser aquillo um logro que se faz á credulidade dos vivos e um falso testemunho que se levanta aos mortos, pois que ali não é que se depositam os cadaveres.

Na intima convicção de que S. S. detesta a mentira, espera-se que será solícito em prevenir que não se continue a trucidar a verdade, com tanto alarde, n'uma casa de charidade, cujo supremo governo pertence a S. S.

—Camarada, sabe me dizer o que foi isto?

—Um sinistro.

—Isso estou eu vendo pelo individuo que vae carregado, e lavado em sangue, e pelo peço que o acompanha?

—Nesse caso era escusado me perguntar.
—Não, homem, o que eu desejava saber era a natureza do successo.

—Isso agora é outra cousa.

O individuo chama-se Basilio Ferreira de Carvalho, é saveirista, estava trabalhando em um guindaste, ao Caes Novo, e por descuido de um companheiro, a manivella rachou-lhe o craneo.

Agora, bem vê, são 6 horas, e levam-no para o hospital.

—E não creia-se em certas cousas! O homem julgou que adiantava, quebrando o preceito do Senhor, que manda guardar os domingos e atrasou-se todo.

—Capitão, ainda estou estupefacto com um acontecimento que se deu sexta feira.

—De que maneira?

—Caminhava uma mulher pela rua da Lapa, boa, forte, com passos firmes e seguros. De repente tombou para um lado da rua, encostou-se á uma porta, não fez o menor movimento, e conservou-se quieta; quando chegaram para vel-a era um cadaver!

—E' assim o nada desta vida! Bruxoleante candeia que ao menor sópro se apaga.

—Assim mesmo ha tanta vaidade, tanta presumpção!

—Já ouviu fallar em casos de febre amarilla?

—Nem Deus tal permita.

—Pois eu já.

Dizem que depois que os marinheiros do *Guiscard* entraram para o hospital de charidade, tem-se dado lá diversos casos.

Não sei si foi quarta ou quinta feira, que falleceram 5 pessoas.

—Que necessidade havia de irem os marinheiros para o hospital, si ha um lazareto proprio?

—Cousas da terra.

—Quem sabe si V. não está mal informado?

—Pode ser.

Mas asseveraram-me que os medicos até já prohibiram que os colchões e camas dos que morrem fossem aproveitados, e ordenaram a separação dos atacados de febre dos demais doentes.

—E' o que nos faltava, para cumulo de infortunio.

—Um facto triste a registrar.

—Peza-me isso bastante.

—Afogou-se hoje, no Caes Dourado, o menor Philomeno, filho do official de justiça Xavier.

—Sei quem era: uma pobre creança idiota.

—Esse mesmo. Indo banhar-se afogou-se.

—Endouceceu um soldado de policia.

—Quando, homem?

—Agora mesmo; eu o vi pela Estrada Nova, á correr atirando pedras.

—E uma chusma de moleques atraz?

—Exactamente.

—Olhe que V. é um basbaque!

Vê o guarda Francisco de Paula, *emborrachado*: a correr desvairadamente, e a fazer diabruras e diz que é doudice!

—Advinhasse la eu!

—Ja fez um sarceiro no botequim do Candinho e dahi é que sahiu *pintando*.

—Não e nada; é um agente da força publica, que merece ser policiado, em lugar de policia.

---Hontem áe cinco horas da tarde, no Ferreiro, teve lugar a cerimonia da ascensão do symbolo despertador dos festejos do memoravel dia Dous de Julho.

Concorreu immenso povo.

Tocaram tres bandas de musica marcial,

Os vivas foram dados pelo Sr. barão de Sauhipe.

—Que diabo de esquivança tem a policia em se fazer vista, onde sua presença torna-se necessaria!

—Está sempre invisivel.

—Para capturar negros fugidos, coadjuvar os fiscaes á multarem ganhadeiras de peixe, auxiliar os meirinhos na apprehensão de bens, os soldados estão sempre promptos, afora disso não.

—São cousas que rendem.

Ha dias, tres soldados de policia tiveram o arrojo de, accompanhados por uma mulher, cercarem, a seu arbitrio, a casa de uma familia, na rua do Bacalhau, cujo chefe está ausente, á pretexto de ahi se acoutar um escravo fugido.

—Ao passo que nas ruas espanca-se publicamente, brada-se por socorro e a policia é surda!

—Pode-se até matar.

—No sabbado um grupo de seis a oito individuos espancou com viração a uma rapariga, que senta-se na ladeira da Prata para vender doce, depois de lhe haverem saqueado a caixinha.

—Isto vae n'uma miseria!

—O que valeu á perseguida foi passar os individuos Leopoldino e Vicente de tal, que á toque de apitos conseguiram afugental-os.

—Cada um que faça por ser bom cavalleiro, por que quem se fiar no auxilio da policia n'um aperto, ha de apanhar como boi.

—Capitão, trago a seu conhecimento um facto que horrorisa, uma deshumanidade que ultrapassa os limites da ferocidade, e para o qual, si eu pudesse, chamaria a attenção do Sr. provedor da Santa Casa, e até lhe pediria que se dignasse explicar como é que em um estabelecimento de charidade, se pratica tamanha selvageria, propria somente de feras.

—Siga o barco; de preambulos ja basta.

—Ouça e pisme de tanta crueza:

Corroída pela syphilis, existia no hospital de charidade, em um leito da enfermaria Assumpção 1.^a, uma dessas desgraçadas, que a sociedade despreza; e que entretanto lhe compra os gozos materiaes com obulo da infamias: soffria de uma ferida.

No domingo, 25 do passado, a *africana* Juvencia, servente do hospital, querendo tiral-a do leito para leval-a ao salão de Santa Clara, afim de dar-lhe um banho, segurou tão grosseira e brutalmente naquelle corpo doído, que a infeliz pediu supplicante que a segurasse com mais brandura, pois que d'aquelle modo, lhe avivava as dores.

A servente, que segue o exemplo de suas amas, e não sabe o que é ter paciencia com o proximo, não fez caso dos lamentos da infeliz, a qual redobrou de supplicas e gemidos, ao passo que lhe augmentavam as magoadas dores com o modo tosco e achambocado com que a deshumana servente a ia levando.

A inclemente servente, impaciente com os gemidos da soffredora victima, assomada em ira, atirou-a ao chão e arrastou-a pelos braços para a gamella do banho!

—Malvadeza inaudita!

—A infeliz, não podendo supportar tão martyrisante trato, rompeu em pungentes e acerbos gritos: Uma irman de charidade que ouviu, veio á enfermaria, e informada do que era, mandou que deitassem a doente na cama, ja que não queria ir para o barbo.

Dahi a duas horas, sitanto, a infeliz era victima da gangrena e fazia termo para morrer.

A irman de charidade, vendo as extorsões da agonia da morte, disse que era manha e mandou a ferina servente bater na moribunda que expirou nas mãos de seus algozes!

—Custa a crer!

—O facto deu-se ás 3 horas da tarde de domingo 25 do p. p., hora das visitas no hospital e foi presenciado por muitos visitantes.

—Que canibalismo!

—Não se admire.

Que se importam essas mulheres com o soffrer do proximo. quando continuam a passar vida folgada e regalada?

—São bem parodiadas com ellas os seguintes versos:

« ... que lhes importa.

« A miseria, o desgosto, a magoa, a infamia,

« A dor dos outros, si *ellas* tem consigo—

« Riquezas, risos, regalias, honras,

« Prestigio, nomes, adoracões, incensos?!

—Digam os apologistas destas mulheres, si *ellas* são verdugos ou anjos, mostrem onde está a clemencia, o amor do proximo, a charidade dellas, praticando, atrocidades da ordem desta.

—Anjos!...

« São demonios com mascara divina!

Á PEDIDO

—Capitão, um creado de V. Ex.

—Quem é V.?

—Um trabalhador da repartição *aduaneira*.

—Ja é o segundo que de lá me vem massar.

—Não, capitão, eu venho somente restabelecer o facto alterado pelo homem de *capa atraz*.

—Quem é este *capa atraz*?

—E' o *Xico boi*.

—Estou na mesma.

—E' aquelle, á quem ha tempos pãssados, V. Ex. chrisinou de *Xico vacca*, por julgar que, nem de *boi* merece as honras.

—Ahl sim, lembra-me agora, é um animaljo da freguezia dos *sanhaços*, á quem em pleno dia cuspiram na cara...

—Justamente! Dizem até que foi um parente del'le.

—...e, elle com a prudencia da *vacca* dei-

xou a vinganca para o pleito eleitoral, onde derrubou completamente o seu adversario.

—Va por ahi.

—O que ha então á cerca dessa *cara d'asento*?

—O *capa atraz* veio com uma historia de *Jornal*, ou de convite á uns homens que quizessem trabalhar na *aduanas*.

—Sim, e que, mandando-se tomar fresco por quinze dias ao *capa atraz*, *atraz* d'elle mandou-se admitir de preferencia quem tivesse netos, sobrinhas e afilhadas!

—Fresco devia elle tomar para sempre, esse insubordinado, que por seu mau procedimento e relaxação no serviço em que pretendia admittir um bando de *sanhaços*, em vez de homens, foi castigado, em lugar de ser por quinze mezes, de machos aos pés dentro do porão, apenas com a suspensão de quinze dias

—E que mais?

—No decorrer o castigo, induzio o *Xico vacca* aos seus *parceiros* para não comparecerem ao serviço, e assim comprometter o seu substituto, que, apesar de tudo, sahiu-se galhardamente, recebeu, deu, arrumou, e até mesmo satisfiz as entregas de volumes que a relaxação do *Xico vacca* tinha retardado pelo empachamento da casa, e escondimento das marcas dos volumes.

—E para que escondia elle as marcas dos volumes?

—Sem duvida para encarecer o serviço, e fazer juz a alguma gratificação dos proprietarios.

—Oh! sendo certo, é infame procedimento.

—Si é certo não sei, mas o *bicho* tem cara para tudo.

—Que mais ha?

—Depois d'isso, por se ter de despedir os que se prestaram a não comparecer para comprometter o substituto, e diminuir o valor da accusação que lhe podia fazer o *inspeccionador*, fez-se então esse annuncio, e foram so admittidos quatro homens á quem o *capa atraz*, trazendo as *netas, sobrinhas e afilhadas* á pulha, deixou-lhes as *filhas*.

—Isso ja foi muito favor.

—Mas si o *inspeccionador* precisasse d'*essas fructas*, estou certo que o *capa atraz*, que é tão prestimoso, e que tem geito para creado de servir, se encarregaria de lh'as levar á casa.

—Oh! isso seria cynismo demasiado!

—Qual; o *Francisco* caixeiro do *José*, que mora no monte (*oiteiro*) de *carvalho*, tem se servido d'elle por muitas vezes.

—Sendo assim, por que não guindaram a mais tempo esse *traste*, á quem já deviam ter atudido para o olho da rua?

—E' porque o *inspeccionador*, em cujos actos se revela o fino trato do distincto cavalheiro, homem bondoso, compassivo e illustrado, pretendendo transmittir costumes sociaes á esse bruto, a quem por misericordia queria educar, esperou vel-o aproveitar as lecções que se lhe dava; porem, como se convencesse de que tal bruto era indomavel, começou, para domestical-o, suspendendo-o no *quincho* do proprio *antro*, onde esse animalinho quer ser *cousa*.

—Está bem; acabe com isso, do contrario V. não é hoje apontado.

—E' verdade, capitão, não posso mais demorar-me que já se vae fazendo tarde, eu hei de voltar, e então, concluindo, lhe narrarei factos espantosos.

—Pois bem, até a volta.

Sr. Redactor.—Indo na sexta-feira e minha senhora ouvir missa no Bomfim, indaguei do caixeiro da Companhia de Vehiculos si havia gondolas depois da missa do Senhor do Bomfim; este respondeu-me que dessa hora em diante haveria de meia em meia hora.

Acabada a missa, vim com minha senhora para o ponto das gondolas, e nessa occasião sabia uma para a cidade e estavam mais duas cheias.

Neste caso o que fazer?

Esperei ate ao meio dia, quando chegou uma gondola da cidade, na qual entrei e minha senhora.

De momento encheu-se a gondola; então appareceu o Sr. coronel Nicolau Carneiro, um dos directores da Companhia, procurando logar para dous amigos seus. Perguntou ao caixeiro quem não tinha comprado bilhete; este indigitou-me.

Em vista d'isso tirei a importancia dos bilhetes e dei ao caixeiro; mas o Sr. coronel Carneiro, ordenou que me retirasse.

Observei-lhe que estava ali desde 10 horas, á espera de gondola.

Disse-me que, não tendo eu comprado bilhete, devia retirar-me.

Retorqui-lhe dizendo—que não sabia, que os bilhetes eram comprados antes de entrar-se na gondola, suppondo ainda ser como d'antes, e como actualmente, que vinha o caixeiro vendel-os áquellas pessoas que estavam dentro.

A' estas palavras, Sr. redactor, o Sr. coronel Carneiro respondeu-me com maneiras asperas, das que elle costuma mimosear aos passageiros, e que ainda não achou um que lhe soubesse repellir energicamente, dizendo-me que eu mandava em minha casa e ali mandava elle, e por conseguinte me retirasse, si não quizesse passar por uma *desfeita*.

Obedeci a ordem do futuro *barão da Machambomba* o sahi de dentro da gondola, porque ia acompanhado por minha senhora, e quiz evitar um conflicto.

Peco, Sr. redactor, á publicação destas linhas para que o publico aprecie as maneiras *delicadas* porque o Sr. coronel Carneiro trata os passageiros; e com isso V. penhorará mais ao seu leitor

Melchhiades José Garcia.

Bahia 1 de maio de 1869.

VARIÉDADES

RESULTADO DO JOGO.

A condessa de Arraceli conta esta triste historia em uma certa carta escripta de Baden:

« Voltando de um passeio campestre para casa, passamos por diante de uma singela cruz de madeira coberta com grinaldas de flores.

« — Que é isto? perguntei aos homens que me acompanhavam.

« Elles fizeram o signal da cruz e foram continuando o seu caminho.

« Mais adiante vi uma joven pallida, vestida de branco, com os cabellos em desordem. Andava a apanhar flores.

« — Quem é? perguntei tambem.

« — Ah! respondeam os meus companheiros, é uma so a historia desta mulher e daquella cruz que viu. Ha um anno vieram aqui dous esposos; ostentava ainda frescas e louçans as flores da sua corôa de desposada; elle mostarva o coração ainda abrasada pelo primeiro fogo do amor. Eram como os amantes de Victor Hugo: dous dedos da mesma mão, duas almas em um só corpo. O jogo da roleta attrahiu o esposo; o exemplo dado pelas mulheres ricas moveu a esposa a queimar incenso ante as aras do luxo desordenado.

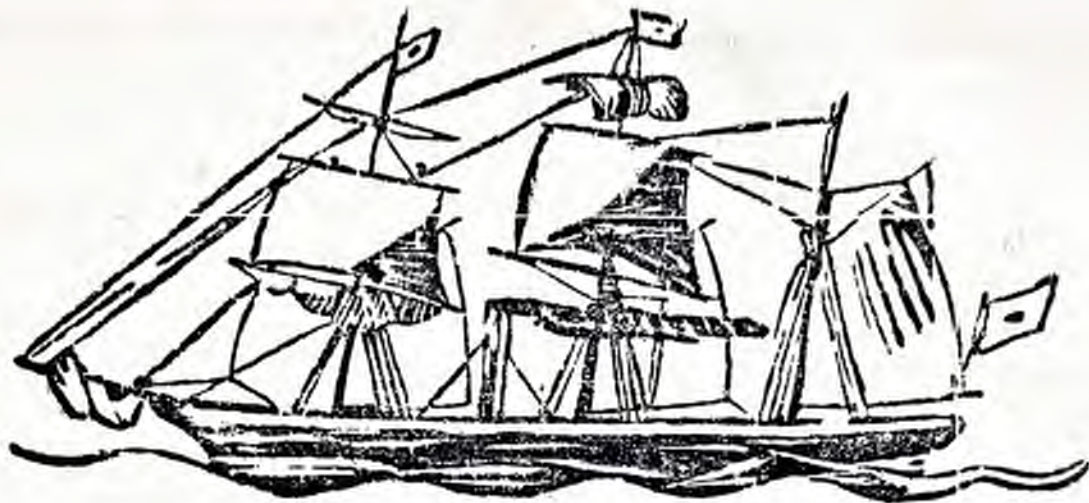
« Elle jogou e perdeu quissi tudo o pue tinha; ella desbaratou o resto. A cruz cobre o cadaver de um cuicida; a mulher que cobre com flores essa cruz está louca! »

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 34.ª folha do—ROCAMBOLE.

ANNUNCOS

João Luiz das Virgens & Friandes, continuam encarregar-se de obras de pedreiro e carapina, (suas profissões) podendo ser procurados nas casas de suas residencias, este á rua da Independencia, freguezia do Santa-Anna e aquelle, a rua do Alvo, casa n. 61, na mesma freguezia.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 51

Preço d'assignatura—1.75 rs. por serie de 40 numeros, ou 5.75 rs. por 6 series.

BAHIA

6 DE MAIO DE 1869.

N. 501.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
5 de maio de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, communi-
cando-lhe que, por baixo da secretaria do commando
superior, ha um cubiculo, onde todas as noites repre-
sentam-se scenas da mais requintada immoralidade,
cujos actores são individuos que áhi se reúnem para
isso. Ha poucos dias, houve um berreiro formidavel,
ocasionado por haver uma certa «heroina» ido la bus-
car o seu «Adonis» e enconral-o repartindo caricias
com outra nympha. E como semelhante escandalo não
deve continuar, recorre-se á intervenção da authori-
dade de S. S.

--Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, enviando-
lhe a queixa que nos fazem contra o incorrigivel pro-
cedimento de duas mulheres, ambas de nome Maria,
moradoras ao becco dos Coqueiros, junto á rocinha do
finado capitão Cabocolo, casa n. 6, para que S. S., at-
tendendo, dê as necessarias providencias.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, or-
denando-lhe que passe a indagar quem foram os mal-
fazejos que escavacaram o becco do Mocotó, a ponto de
impossibilitar por elle o transito de cavalleiros, e de-
pois de bem informado os conduza á presença do Dr.
chefe de policia, afim de lhes dar o justo premio de
tão benefica obra, como a que praticaram. Cumpra.

—Ja que V. Ex. costuma me escutar com
benevolencia, ouça.

—O que ha ainda?

—E' mais uma tyrannia praticada pelas
irmans de caridade, com os infelizes doentes
do hospital.

—Diga.

—A comida aos desgraçados enfermos é a-
tirada bruscamente, e passado um pequeno es-

paço retiram-se os pratos, sem se importarem
com quem comeu ou deixou de comer.

—Mas a razão?

—A razão é por que as irmans de charida-
de tem immediato interesse de que fique bas-
tante sobra de comida, pois *com ella cevam a
manada de porcos que cream dentro do hospital.*

—Quanta iniquidade!

—Eis o desvello, a paciencia destas santar-
ronas senhoras.

—Si quem está são aborrece, ás vezes, uma
ou outra comida, que fará um doente marty-
risado de dores, acabrunhado de repugnante
fastio?

—Si a missão dellas é serem compassivas,
resignadas, indulgentes, tolerantes, porque
não se chegam aos leitos desses entes soffredo-
res, não os consolam, não os aconselham a to-
marem o alimento, não lhes facilitam um ou
outro que mais lhes agrade ao paladar; por
que não mandam demorar a comida a aquelles
que não tem vontade na occasião, para quan-
do lhes apparecer o appetite?

—Querem que todos sejam obrigados a ter
vontade de comer na mesma hora!

—Mas é porque isso faz conta á sua insa-
ciavel sordidez: sobrando bem comida, podem
engordar os seus porcos, graças a condes-
cencia do Sr. Dr. inspector da saude.

—Eu so queria ter gosto de ouvir o Sr. pro-
vedor a este respeito.

—Ha mais de oito dias que se acha
aposentado o professor do curato da Sé e

ainda não se nomeou um outro para o logar.

— Que quer V., si o director diz que anda atrapalhado com os empenhos?

— E os meninos reúnem-se na porta do palacio do arcebispo a pintarem o *peruta*, a darem pedradas e a gritarem pelas portas, por que os paes não sabem que a eschola está fechada e os manda para ella.

— Entretanto que a instrucção em todo caso é quem soffre.

— O governo pouco cavaco dá com a instrucção, tomara elle que todo o povo seja estúpido.

— Tem razão. Quando o povo é cego o governo faz o que quer.

— Que duvida; em terra de *cegos* que tem olho é rei.

— Capitão, aprecie o seguinte facto, passado na villa da Batalha, provincia do Piahy:

«Falleceu um pobre homem de nome Joaquim Soares, deixando mulher e filhos, entre os quaes existem menores: possuía apenas umas 4 ou 5 rezes 1 ou 2 animaes. A justiça cahiu em casa da pobre viuva e atemorizando-a—obrigou-a a fazer inventario: o resultado foi que a esses herdeiros veio a tocár 7\$000 reis, a cada um; ao escrivão porem, coube 3 rezes e ao juiz não sei quanto! Inventariou-se até uma casa coberta e tapada de palha, distante da villa 3 legoas, e um cano de espingarda avaliado por 3\$000 reis, que tocou a um orphão-sinho!!!

— Quanta sollicitude por amor da justiça!

— Agora ouça este outro passado no Rio Grande do Norte:

«Sabemos por pessoa fidedigna, ultimamente chegada da comarca do Assu, que o subdelegado de policia do districto de S. Anna de Mattos, Antonio Gtulio Souto, acaba de commetter no exercicio de sua autoridade um facto barbaro e atroz, um attentado horroroso, raro nos annaes do crime, e unico nesta provincia. Ei-lo:—Na ultima quinzena do mez findo, essa autoridade, por si propria e por outrem, fez castigar a um rapaz, de quinze annos talvez, com grande numero de calabrotadas e cento e dezenove palmatoadas, dez duzias de bolos, menos um, pelo simples facto de haver tirado dous a quatro cocós do do sitio do Rvd. vigario!.

«Dias depois, (dous a tres) as mãos do menor, em misero estado, eram atacadas pela gangrena, em consequencia da qual, dizem, resultou-lhe immediatamente a morte! Facto barbaro, e crueldade sem nome, crime horroroso! Acto de tão requintada perversidade, praticado por uma autoridade contra um cidadão, jámais tinhamos visto.

— É preciso que appareçam destes factos, para retratar bem ao vivo a situação desgraçada em que vivemos.

— Capitão, acaba de suicidar-se com um tiro de pistola, que deu debaixo do queixo, o capitão Honorio Belluino de Souza. Veio para o hospital da Misericordia, onde expirou, ás 3 horas da tarde!

— Que motivo o obrigou a praticar semelhante attentado contra as leis divinas e sociaes?

— Credores *implacaveis!*

— Coitado! Deus se compadeça de sua alma!

— Aquelle Paraguay é a terra dos mysterios!

O Sr. duque de Caxias, em uma participação ao governo, disse que viu o corpo do vice-presidente Sanchez na valla dos executados no horrendo morticínio de S. Fernando. E agora lá está o vice presidente Sanchez, vivo e forte, em Pirabibué, despachando *las cosas del gobierno*.

— Imbecil! V. não sabe que os mortos do Paraguay ressuscitam?

— É esta?

O capucinho Fr. Fidelis ouviu de confissão e recebeu o ultimo suspiro do general Caballero, cuja carteira trouxe e entregou, ao então Marquez de Caxias, no dia 11 de dezembro.

Entretanto, agora o general Caballero achase em Acurra, commandando a vanguarda inimiga, com perfeita e excellente saude, e de vez em quando, minoseando-nos com uma surpresa!

Ora bolas, com tanta mentira.

— Então V. o que quer? Pois não ha de o paternal governo, ir entretendo este povo de basbaques com algumas novellas?

— É preciso fazer mais um reparo.

— Qual é?

— Ninguem falla mais daquelle façanhoso coronel paragnayo Martinez, que jurou em Buenos-Ayres, com tanto espalhafato, ir vingar a consorte, que Lopez aqontara, perseguindo-o sem tregos nem descanso.

— Espere para mais dia menos dia ouvir dizer que o coronel Martinez desapareceu e que nem elle jurou cousa nenhuma e nem a mulher foi morta.

— A proposito, sabe alguma cousa da guerra?

— Pouca.

O exercito marchara para Luque. Falta de cavallada. Pedido ao general Portinho de 1000 cavallos, e 2500 muares. Havia carencia de alimentos. Os soldados não tinham o que vestir; compravam roupa a sua custa. Em todo o exercito não havia uma unica calça de pannol!

Segundo uma correspondência de Assumpção as forças alliadas compõe-se de

Brasileiros	22,000
Argentinos	5,600
Orientaes	600

— — —
28,200

Uma carta dá noticia de terem desaparecido de Corrientes, n'uma noite, todos os niños

e serventes paraguayos, que a tolerancia dos alliados relaxara da condição de prisioneiros, para que podessem ganhar sua vida. Dos de Angostura, diz a dita correspondencia o mesmo; de maneira que de tal arte não é admiração que o vencido de Lombas Valentinas tivesse ja, a hora d'esta, mais dos 7,000 homens, que as ultimas noticias lhe attribuiam.

O facto é, que foi ao vencido a quem coube a gloria de dar primeiro signaes de vida, mandando uma força interromper o trabalho de nossos pontoneiros no dia 10 do p. p., duas leguas longe de Luque, pouco mais ou menos.

Parece que o general Guilherme tinha idéa de avançar sobre o marechal Lopez pela via ferrea de Villa-Rica, mandando proceder por isso aos reparos na ponte do arroio Juquery que o inimigo destruiu. Os paraguayos suberam-n'o, e mandaram uma força com duas peças de artilharia volante pela estrada de ferro; porém, nossos piquetes receberam-n'os galhardamente, fugindo o inimigo da mesma maneira por que veio, desde que viu o 13, de cavallaria correr a escape para atulhar as rails na sua retaguarda, e capturar assim a machina e os tres ou quatro carros que arrastava. Elogia-se a presteza com que esses homens aguerridos pulavam dos wagons, e assestavam as peças avançando, e a não menor rapidez com que embarcaram novamente estas, e fugiram á toda a força da locomotiva, deixando um morto, levando os seus feridos, e burlando a temeraria diligencia da cavallaria rio-grandense, que depois de ter assaltado baluartes e trincheiras, se preparava a continuar as tradições do heroico Andrade Neves, atravessando os seus cavallos diante das locomotivas para lhes tomar o passo, deixando-se esmagar pelo tremendo engenho.

Assim devia ser: n'esta luta de gigantes aos paraguayos, abordando a peito nu nossos encouraçados, deviam corresponder os rio-grandenses atirando-se como amoucos as locomotivas para as capturar, ou tombal-as sobre os seus cadaveres.

—Capitão, torna-se necessario que V. Ex. lance de novo suas vistas para a rua do Sodré, freguezia de S. Pedro Velho.

—Então o que ha de novo por lá?

—E' materia velha; porém que cada dia toma maiores proporções. Quero fallar de uma infinidade de casas, que ha nessa rua, as quaes, sendo occupadas somente por africanos de ambos os sexos, são uns verdadeiros quilombos. Os proprietarios dessas casas, tendo somente em vista o prompto recebimento dos alugueis, pouco se importam que suas propriedades fiquem estragadas, e que a vizinhança seja incommodada.

Um africano aluga uma casa, e é preferido a qualquer nacional, que a pretende; reduz as salas, quartos e cosinha a pequenos cubiculos, divididos por taboas, esteiras, e até mesmo por cobertas, e da noite para o dia estão todos esses casebres occupados.

O negro que aluga a casa, além de lucrar cento por cento na especulação, se constitue chefe do quilombo.

Nessas casas da rua do Sodré, além das altercações e desordens, fervem constantemente os tabaques, as danças e as gritarias que se prolongam até alta noite, com grande incommodo da vizinhança, que tambem se ressentem do nauseabundo cheiro que exhalam os fatos, e sangueira dos diferentes animaes immolados em sacrificio; durando essas festas quatro, seis, e oito dias seguidos; ora á pretexto, segundo dizem elles, do Santo ter ido para a guerra, ora porque voltou da guerra, ora porque morreu uma *filha da casa*, e ora porque é serviço grande, que precisa fazer-se; e de contrapezo para mais divertimento das familias da vizinhança, os negros de noite se assentam nas sacadas, nas portas das ruas, e nas janellas nus, e apenas ombrulhados em lençoes ou cobertas.

—Homem, isso é terrível, porque não se dirige á policia, ou ás authoridades locais?

—A policia dorme, e eu tenho medo de acordal-a; as authoridades locais cochilam, e eu tenho receio de assustal-as.

—Então queixe-se ao seu vigário:

—Não senhor, é com V. Ex. o meu negocio, porque nessa rua do Sodré parece que está enterrada caveira de burro.

—Pois ainda ha mais alguma cousa?

—E' que as familias estão privadas de chegarem em suas janellas por causa de um petulante malandro, verdadeiro reu de policia, que anda á qualquer hora do dia ou da noite, enchendo de pernas a rua, contendendo e dizendo chalaças a quantas moças avista nas janellas, fazendo paradas, e accionados pouco decentes, e, para descansar dessas suas infames conquistas; existe nessa mesma rua na lojinha de um sobrado; uma biboca de marcineiros, onde elle permanece constantemente:

—E quem é esse sobre dito cujo?

—Consta-me, que é devoto de S. Marcos, e appellidam-no *Rabeca*; e que, em vez de procurar meios honestos de viver, ao contrario, occupa-se em desacreditar as familias, pelo que ja por algumas vezes, se lhe tem ajustado a roupa, e consta-me finalmente que esse servandija possui uma lingua devassa, e que uma de suas maiores gentilezas é gostar de morder o cartucho, pelo que dizem—valha a

verdade—já teve o arrojo de assentar uma *rabecada* em seu proprio pao.

—Basta até ali, eu tomarei esse biltro a minha conta, e mandarei arrastal-o aqui pelo muxingueiro, afim de lhe mandar estagnar a deslavada cara, e aparar-lhe a ponta da vipeina lingua.

Á PEDIDO

—Sr. velhaça, V. é a sensualiadade em pessoa!

Si continua a não respeitar a decencia, força-me a tomar uma providencia energica a seu respeito.

—Por *Santa Anna* não me encommode.

—Por *Santa Anna* mesmo lhe digo que o mandarei a um *torneiro* para metter-lhe a cara no torno, si não se emendar.

—Respeite a minha idade.

—Do que vale a idade a um velho sem pudor!

O que V. precisa é um reforçado clyster de buxa, para moderar-lhe a incontinnencia.

—Tanto mal não faço eu.

—Mas o um velho gaitero, deshonesto e impudente.

—Outros dão mais escandalos

—Mais do que V.?

Por sua descaração a *Joanna salta o balcão* da quitanda toda a noite.

—Estou vendo que querem me prohibir de passar no Cruzeiro.

—Quem ha delhe prohibir, ha de ser o muxingueiro com a taca.

Tem la termo andar V. a dar espectaculos, ridicularisando-se a si, servindo de *bobo* e ofendendo a moralidade publica?

—Meu defeito é gostar de saborear *mala-cas*.

—Saia-se velho de um dardo, antes que mande o muxingueiro começar a tomal-o a sua conta.

(Continúa.)

—V. passou, domingo passado, á noite, pela rua Direita?

—Por que pergunta?

—Via uma reunião familiar que ali havia?

—Vi e gostei; estava em boa ordem.

—Pois n'um grupo de gente *mais ou menos* que se ajuntou na rua, não se atreveu um *João Chrysostomo* a dizer que uns dous dos que la se achavam eram escravos?

—Não faça caso.

Quem tem sua bocca falla.

—Mas que interesse ha em querer aboanhar os mais, quando todos que ali se achavam estão muito distantes de semelhante re-

butalho; por que ao menos nenhum delles foi ainda encontrado acompanhando uma senhora, ou segurando-lhe nas cortinas da cadeira?

—Ah, isso é a senhora da mãe delle.

—Sabe por que é tudo isso? Despeito por não se lhe querer dar a importancia de admittil-o na reunião.

—Si V. sabe disso, para que falla?

—Porem si esse bestalhão ha de se intrometter com o que lhe não compete, não é melhor que va cuidar no seu interminavel estudo, que ha mais de oito annos o conheçonnelle, sem ver nunca o resultado?

—Chama-se empatar o logar aos que tem habilitações.

—E' o diabo quem não se conhece. Si elle tivesse consciencia de si, não andaria a dar gasto ás livrarias, havia de ver que na bolea de um carro fazia melhor figura.

Pede-se ao Illm. Sr. capitão do porto que, depois de informar-se do capataz do Caes Novo quaes são os dois saveiristas que se empregam á noite em conduzir roubos das alvarengas para terra, dê destino a semelhantes flagellos da propriedade alheia.

Um prejudicado.

—Está vendo aquelle alarma de moleques, ali no largo da *luxuria*, defronte d'aquella venda?

—Estou. E' um sujeito que me parece espião e mais quatro soldados de policia, munidos de chibatatas, que estão escovando o pello de todos os moleques que vão passando.

—Nem V. conhece as authoridades de sua terra! Aquelle sujeito que lhe parece espião é o subdelegado da freguezia do *Chaveiro do Ceu*, que todas as noites sahe com quatro soldados de policia, e se põe aqui a tozar os moleques.

—*Barros*, V. quer chicanar comigo? Pois um subdelegado vac la se pôr, defronte de uma taverna, com quatro soldados, a dar chibatadas nos moleques, eu posso lá crer isso!

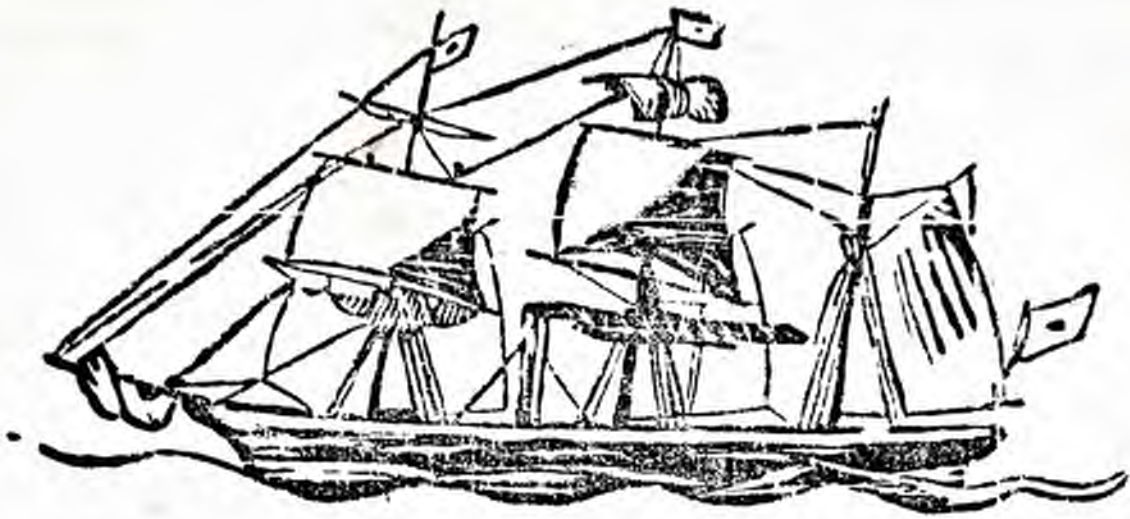
—Ora, o que é, que não ha de ver-se em sua terra?

—Com effeito! Os subdelegados, até já fazem de soldados de policia!

Tenho visto!

Tenho meu anel de ouro
Cercado de pedraria,
Em cima tem um batoque
Que fiz na *marcenaria*.

E' um anel delicado,
E' uma prenda adorada,
No dia do meu casorio
Quero dar a minha amada.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 31

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

8 DE MAIO DE 1869.

N. 502.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
7 de maio de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe severa correccão para os desregramentos de uma obstinada meretriz, conhecida por Lulu-cerveja, moradora á rua de Palacio, a qual, sem guardar o menor decoro as familias da vizinhança, profere palavras as mais immoraes.

Essa « lamparina, » tem ido, diversas vezes, á presença da authoridade, pela irregularidade de sua vida, porém, na volta, continúa nos seus escandalos, cada vez mais desenfreada!

Espera-se que S. S. proceda de modo que ella se corrija de sua depravada vida.

---Ao mesmo, resommendando-lhe muita attenção para o decantado becco do Escorrega, foco de muito vadio e mulher dissoluta. Domingo, á noite, houve samba estronoso, que terminou, como era infallivel, por sarceiro.

Jacyntha e Maria, duas sambistas, ciuamaram e as garrafadas choveram: tocou-se apito, mas a patrulha chegou depois do aguaceiro desfeito, e isso mesmo por que a foram buscar na Praça.

S. S., em quem se folga de reconhecer actividade, providenciará como for justo.

---Ao Illm. Sr. subdelegado da Rua do Paço, despertando sua attenção para os interminaveis alarmas do « Paraguay, » sobre-sahindo entre elles o que houve domingo, á noite, por occasião de um samba: é verdade que o ordenança de S. S. appareceu na occasião, mas foi obrigado por um cabo do batalhão 110 a metter o reflexo na bainha e a ficar sem apito e escovinha. Este conflicto polia ter resultados desastrosos, porque o proprietario daquella furna, armado de uma enchada, pretendia, á enchadadas, apasiguar o barulho, quando assim mais o atava.

Confia-se na boa vontade de S. S. que de certo es-

tenderá a sua acção policial áquello antro e refugio de desordeiros.

---Ao Illm. Sr. director do arsenal de guerra, para que informe si é exacte que S. S. está fazendo dispendiosas obras na arrecadação desse arsenal, gastando na divisão da mesma perto de 2:000000 rs. com a factura de monstruosos armarios, e no caso de assim ser, para que declare com que authorisação procede a tão exorbitante despeza.

---Quando o mundo inteiro condemna a pena de morte; quando os legisladores tratara de riscal-a de seus codigos, somente o Santo Padre, o chefe visivel da Igreja catholica, apostolica, romana, se mostra inflexivel!

---O ministro do Senhor das misericordias!

---Foram condemnados á morte dous homens, por crimes politicos, Azane e Luzzi; al-guem intercedeu ao papa pela commutação da penna e S. Santidade respondeu que «este pe-« dido implica, entre outros perigos, consa-« grar um principio immoral, que tende a es-« tabelecer uma especie de impunidade para « os crimes politicos! »

---Este homem é o chefe da christandade, o Vigario de Christo na terra, o sacerdote de paz e charidade!

---Condemnar á morte por crimes politicos! nem na Hespanha!

---Capitão, os brasileiros são faltos de ap- tidão para tudo.

---E' bom que V. tenha bocca para depre- ciar seus patricios.

---A prova é que eu vejo todos os dias a

creseida importação de estrangeiros para exercer os misteres mais insignificantes da vida.

— Isso é uma mania chamada *estrangeirismo* que grassa na nossa sociedade; não que os brasileiros não sejam dotados de penetração e intelligencia para tudo.

— Do commercio, dos cargos publicos e particulares, dos estabelecimentos pios, das artes, industrias e profissões, de tudo vae se apossando o estrangeiro, em quanto o brasileiro pobre, ou ha de dar em vadio, ou sentar praça, ultimo recurso que lhe resta.

— O culpado quem é?

— Veja si eu tenho ou não razão.

Vagou o logar de enfermeiro dos doudos no hospital de charidade, pela retirada do respectivo.

Julga que chamaram algum brasileiro para substituí-lo? Enganou-se: foram buscar um francez.

— Aquelle hospital de charidade ha de se tornar um *estabelecimento francez* na Bahia.

— Por ventura não haveria na Bahia um rapaz honesto e amante do trabalho, que quizesse se empregar?

Mesmo entre os serventes daquella casa não haverá algum que merecesse acesso?

— Mas V. quer ser a palmatoria do mundo?

— Deus me livre.

— Então deixe correr o barco.

— Quer ouvir um caso?

— Si vale a pena. . . .

— Tem seu chiste.

Quem me contou, disse que passou-se ha poucos dias. . .

— Pois diga lá.

— Um certo spiritista entusiasta, e excellentemente medium, é casado com uma linda mulher.

Ha dias comprou um bello chale de cachemira franceza com que brindou sua esposa; mas a filha de Eva disse que preferiria uma cachemira da India.

— Não tem nada de innocente.

— Um *intimo*, para *agradar* a fiel consorte, fez substituição, trocou a cachemira franceza por uma da ladia e collocou-a sobre o leito dos fieis esposos, depois do que disse ao seu *parceiro*:

«O meu amigo devia magnetisar o chale francez, talvez que o seu fluido o possa metamorphosear em chale da India.»

Foi dito e feito, o paspalhão poz-se a executar os seus melhores tregeitos e momices, no fim do que, a mulher, que, como é facil de suppor, estava a par da traficancia, corre ao leito. . . . e que milagre! tinha-se realisado a metamorphose!

— E o marido?

— Está mais spiritista do que nunca.

— Pobre cabeça, que aguenta semelhante peso de tamanha *caraminhola*!

LA VAE VERSO

MISCELLANEA RECREATIVA.

Menina namoradeira

Só na janella pregada,

Para os amantes faceira,

Para os paes se: pre enfadada,

Julgando a costura asneira,

— Merece palmatoada.

Mulher, que tem seu marido

Sem ser muito recatada,

A's lisonjas dando ouvido,

Sem se importar que é casada,

Não tendo muito sentido,

— Merece ser despresada.

Casado, que *com motivo*,

Deixa a mulher mal guardada,

Que põe nos olhos um *crivo*,

Sabendo que é namorada,

Já que não tem *olho vivo*,

— Merece palmatoada.

Mulher janota e exigente,

De *saia balão* armada,

Que quer pós, escova e pente,

Velludos, fitas, pomada,

Cuidando só do presente,

— Merece palmatoada.

Homem já velho e solteiro,

Com fortuna bem ganhada,

Que vai casar mui lampreiro,

Com mocinha ajanotada,

Perdendo a paz e o dinheiro

— Merece palmatoada.

Namorado eriançola,

Sempre com luva calçada,

Que, feito mesmo um pachola,

Traz a luneta assestada,

Sem ter juizo na bolla,

— Merece palmatoada.

Gaixeirinho inda no viço,

Ou já de barba rapada,

Que é mui leve de toitiço,

Sò mettido em patuscada,

Que namora e tem derricko,

— Merece palmatoada.

Mestre escola em *pasmatoria*,

Sem gramatica estudada,

Sem sciencia e sem memoria,

Sem moral, sem valer nada,

Em vez de ter *palmatoria*,

— Merece palmatoada.

Namorado de *chupeta*,

Que só *chupita* massada,

Que feito mesmo um pateta . . .

Engolle da namorada
 Trinta mil e uma peta
 — Merece palmatoada
 Aquelle, que antes que *quebre*,
 Põe a casa hypothecada;
 Que por dinheiro tem febre,
 E na *quebra* mal *quebraba*
 Impinge gato por lebre,
 — Merece palmatoada.
 Rabulista, que com *gana*
 Vive da gente *enganada*,
 Que armando muita *chicana*,
 Não perde o *tempo* ou *passada*
 Contra os incautos que engana,
 — Merece uma arrochada.
 Roubador de honra alheia,
 Que com seus crimes engorda,
 Tendo sempre a bolsa cheia;
 Que não lh' importa a cadêa
 Dos abysmos sempre a borda;
 — Que merece? — boa corda.
 Velhaco, que, sem receio,
 Pede quantia emprestada,
 Com riso de galanteio;
 E depois de farto e cheio,
 Diz ao creder: *Não ha nada*,
 — Que merece? — bordoadada.
 Vadio, que passa a vida
 Feito mesmo um mandrião,
 Sempre co' a bolsa escorrida,
 Que o trabalho o intimida,
 Mastigando alheio pão,
 — Que merece? — correção.
 Assassino, mal-feitor,
 Do sangue alheio vampiro,
 Sem compaixão, sem horror,
 Sem da victima ter dó;
 No seu ultimo suspiro,
 — Que merece? — bom sipó.
 Patriota por *eyuismo*,
 Que falla da patria amada
 Por falso patriotismo,
 E com cara *descarada*
 Nega a pia do baptismo,
 — Que merece? — bofetada.
 Juiz, de vara na mão,
 Que, na roça tendo alçada,
 Derroga a constituição;
 Que sem causa bem julgada
 Não é juiz, é papão,
 — Que merece? — uma tacada.
 Boticario, que arma a *têa*
 Com o doutor á calada,
 E cuja *pharmacopêa*
 Torna a morte declarada,
 Ficando co' a bolsa cheia;
 — Que merece? — chicotada.
 Ministro, que faz programma
 De salvar a patria amada,
 Cujos projectos são lama

Depois da *pasta* empalmada,
 Sem se importar da má fama,
 — Merece cassuletada.
 Escrivão, que guarda os *feitos*
 Entre a sua papelada,
 Q' acha nos *outros* defeitos
 E arranja uma embrulhada,
 Ganhando *de mais* nos pleitos
 — Que merece? — uma tacada.
 Caloteiro por officio,
 Com vestimenta assejada,
 A qual tomou no commercio
 Ao logista, fiada,
 Já por luxo e já por vicio,
 — Que merece? — outra tacada.
 Taverneiro, que por vôso
 Traz a medida encurtada,
 Que, escapando de ser preso,
 Continúa na *assada*,
 Roubando tambem no peso,
 — Que merece? — bordoadada.
 Poeta d'agua salgada,
 Que, sem saber dar um motte,
 Julga ter musa engraçada,
 E em suja versaliada
 As regras vae pondo a trote;
 — Que merece? — calabrote.
 Empresario de *patotas*
 Que faz grande *mascarada*,
 Que é *publico* tratante,
 Que tem fortuna roubada,
 Da viuva e dos orphãos,
 — Que merece? — mais tacada.
 Braz Tizana.

Á PEDIDO

Quem precisar de um vaqueiro chefe, pastor de vaccas, procure em Itapagipe, que achará com quem se contracte por qualquer preço.

O vaccinador.

— Capitão, aqui estou.
 — Para que?
 — Para cumprir a palavra que lhe dei de voltar para concluir a historia do *Xico boi*.
 — Veja em que fica; si é *Xico boi* ou *Xico vacca*.
 — Pois bem, capitão, como o bicho tem mais de *vacca* que de *boi*, chamal-o-hemos *Xico vacca*.
 — De accordo; siga o carro.
 — Esperei que esse *vacca* me passasse pela porta para trazel-o á sua presença, capitão.
 — Para que festa?
 — Para fazel-o ouvir, bem amarrado ao mastro grande, o que lhe prometti contar.
 — Mas como elle não veio, conte sempre, que lhe farei saber tudo.

—Pois bem; lá vae:

Suspensso o bicho, como disse, no *guincho* do proprio *antro*, deu tantos urros e pernuadas, que, sendo de um vulto pesado e informe, conseguiu afrouxar a corrente e com o maior desfaçamento *arrastou-se* até a sala onde estava a verdadeira *inspecção* que, indignada de tanta safadez, mandou-o enxotar.

—*Tangido* devia ter sido elle.

—Porem, capitão, isso não admira; por que, quem olha para a cara d'elle, advinha logo a concentração de muita descarração, mentira, intriga, tratantice, etc, etc, etc.

—Oh! homem, não enfie mais que isso já dá a conta.

—Pois não, capitão!...

Ora ouça V. Exa:

Em certa eleição, entendeu esse bruto de fazer frente ao governo; e, no distribuir as chapas, ou listas, enfiou uma nas mãos do velho pae, a quem por isso fez a mais horrivel das desfeitas que se pode imaginar; por que, chegando o pae a urna para votar, o *vacca*, aproximando-se d'elle, tirou-lhe a lista das mãos e deu-lhe outra dizendo—que bem *podia ser que o tivesse trocado*, e não queria duvidas para o seu triumpho!

—Oh! isso é horrivel!

—E' horrivel; mas creia V. Exa. que é verdade pura o que lhe estou contando.

Por essas investidas pedantescas, o governo deportou-o para o terra da *maranha grande*; e o larapio, filho desta *Latronopolis*, tomou a *ajuda* que se costuma dar, como *custas*, aos deportados, e *impinou-se* com ella.

—Então commetteu elle um furto?

—Eu sei; creio que mais alguma cousa, por commetter abuso de confiança.

—Bem; e que mais ha?

—Para encerrar hoje a narração, basta dizer-lhe que esse bruto, não querendo circumserver se ás ordens e obediencia, inculcando valimento, promettia a todos da sua freguezia um *logarzinho* no *antro*; e como se demorasse no cumprimento da promessa, foi um dia, na rua direita dos *sanhaços*, *abatroado* mesmo pela *proa*, por um dos pretendentes, que lhe disse o que Mafoma não disse do touciinho, e elle, com a humildade de bicho pisado, dava mil satisfações, com pasmo dos espectadores, que o admiravam.

—E quem o vê com semelhante cara levantada, pensa que ahí ha magestade.

—So si é dos moleques, capitão. Aquillo é um odre cheio do vento que lhe introduziram e mais nada.

—Desta forma, meu amigo, toná-me V. o tempo, com os contos de semelhante *sandeu*!

—Não; capitão; por hoje basta.

Agora não volto cá, sem que o bicho appa-

reça, porque quero arrastal-o á sua presença, assim de que V. Ex., fazendo-o suspender no mastro grande, o exponha visivel e descaradamente, aos olhos do publico.

São horas de eu ir responder a ponto, adeus, capitão.

—Va-se com Deus, meu massante.

Reduso a canna a rolete
Junto a minha farinheira;
Sou um grande em traficancias,
Em medicina toupeira.

Já fui deputado burro;
E dentro d'esta cidade
Demittido fui, por ser
Sevandija auctoridade.

O escamoteador do virus.

—Capitão, os trabalhadores da *aduana* reuniram-se, na quinta-feira, em uma venda que fica fronteira a mesma, e beberam vinho e caxaca em regosijo do *inspeccionador* ja ter passado a *inspecção* para o seu ajudante e ter de se ir embora no dia 16 do corrente para o Rio.

—Dizem, tambem que preparam foguetes e bombas para tocarem quando elle embarcar.

—E' verdade.

—Mas, tudo isso não é sinão tramado pelo *Xico-vacca*, por haver o ex-*inspeccionador* interino o suspendido por não cumprir os seus deveres de *capa atraz*.

—Essas cousas são proprias, do caracter de um homem, que toma uma cusparada na cara e não repelle.

—Menino, está me parecendo que ja lhe vi no *trem de paz*?

—Não se enganou.

—Porem agora ja não está lá.

—Informaram-lhe mal, Sr.

—Nesse caso, o que faz V. aqui pelas *A-reias* deste *penhasco*, á mangalaca?

—Sou do numero daquelles que o director tira para seu serviço.

—Que tal! Agora é que sei que a nação tem obrigação de dar creados a seus serventuarios!

ANNUNCIOS

GALVANISADOR.

No segundo andar n. 13, á rua Direita do Commercio, prepara-se qualquer obra de dourado ou prateado, e concerta-se qualquer peça de oiro ou prata, tudo por preços commodos e a contento dos freguezes. —Francisco Xavier de Sant'Anna.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 51

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

11 DE MAIO DE 1869.

N. 503.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
10 de maio de 1869.

Officio á I lma. camara municipal, levando ao seu conhecimento que se está reedificando um sobradinho, a rua Direita do Collegio, fóra do alinhamento um palmo, em vista do que pede-se providencias a respeito.

—Ao Hlm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que, no domingo 2, o escravo Cypriano entrou em casa da creoula Lima, que fóra sua amasia, moradora na Barroquinha n.º 1, e, despeitado pela obstinada repulsa da mesma, em continuar a entreter relações com elle, lançou-lhe uma chocolateira com agoa que estava á ferver, desfigurando-a horivelmente.

O criminoso foi preso, mas na respectiva subdelegacia, *arranjou-se* uma combinação em que o senhor do mesmo se obrigava a dar á offendida dois mil reis diarios até o seu restabellecimento, obrigação que foi apenas cumprida durante quatro dias.

O alto criterio de S. S. avaliará da legalidade de tal obrigação.

Parece que, sendo a offendida pessoa desvallida e ignorante, o subdelegado não devia admittir semelhante combinação, muito mais quando jure se diz que foi ella feita debaixo de pressão, por se persuadir a mesma em juizo

que *nenhum partido tiraria*, por ser pobre e não ter dinheiro para gastar.

O caso é que ella continúa a soffrer, podendo vir a aggravar-se lhe os soffrimentos pelo estado de inchação em que tem o rosto, e por se acharem molestados os ouvidos onde a agoa penetrou; em quanto que o malfeitor, sem punição, está authorizado a perpetrar attentado mais grave pela impunidade em que ficou.

Pede-se por tanto a S. S. em nome da lei, que, se informando do occorrido e ouvindo ao respectivo subdelegado si procedeu a corpo de delicto, dê as providencias que o caso pede.

—Ao mesmo, levando ao seu conhecimento que na noite de 8 do corrente foi barbaramente espancada Maria Tertuliana de Carvalho, moradora ao Caes Dourado, por Francisca de Macedo e Rosalina de tal.

A paciente acha-se em lastimavel estado, apresentando diversas contusões pelo corpo e enormes brechas na cabeça, provenientes de garrafadas que levou.

E' extremamente sensível a falta de segurança que existe nesta cidade. A offendida, que foi espancada desde 9 e meia horas até uma da noite, bradou constantemente por soccorro, sem que apparecesse ninguem em seu favor; visto como a freguezia se achava acephala, estando o subdelegado no Bom-gosto e os quarteirões desprovidos de inspectores.

Na noite de 9, repetiu-se a mesma scena no sobrado n. 93, em que mora Maria Francisca da Conceição, a quem um marinheir

com um punhal intentava offender. Esta porem foi mais feliz, porque o pavo invadindo a casa a livrou das mãos do seu aggressor.

De S. S. espera-se promptas e energicas medidas, que ponham termo a tão anormal estado de cousas.

—Uma noticia de interesse para a Bahia.

—Para mim é novidade.

—Então não sabe que a companhia de Vehiculos no dia 12 do corrente franquea á concurrencia publica a viação dos trilhos urbanos?

—Ah, sim!...

—Nós que nos desvellamos pelo progresso desta terra, não podemos deixar de nos congratular com a companhia pela realisação de tão util melhoramento.

—Assim se desvelle ella em cumprir o que tem promettido ao publico.

—Entraram hontem á noite para o hospital dous homens feridos.

—Quem eram?

—Thomé Francisco dos Santos, com um formidavel rombo no pescoço proveniente de um tiro, e João Ignacio da Silva com uma orelha decepada, por uma cutilada de facão.

—Brigaram?

—Não; informaram-me que penetraram em uma roça ao Engenho Velho, onde foram recebidos por aquella forma.

—Imprudencias! Quem foi o aggressor?

—Falla-se n'um filho do proeurador Chavas.

—Tambem ouvi dizer que nas praias do Unhão encontrou-se o cadaver de um pardo.

—Ha dias bem aziagos!

—Aquella gente está *envenenada!*

Parece que querem se acabar!

—Questões de jogo.

—Que diz, homem! No *Passo da Patria* também se joga?

—Que innocencia! Pois não sabe que ahi há bilhar?

—Sei.

—E então? Atraz da vella grande ferra-se o traquete.

—Tem razão. Mas admira que a policia da Bahia, que, para bem dizer, consiste do largo de S. Bento ao do Terreiro, agora desaparecesse.

—E' preciso ser consequente: muito espalhafato quando não é preciso e ausencia absoluta quando é necessario.

—O Sr. Vieira, empregado no arsenal de guerra, chamou a um empregado da typogra-

phia, na venda do Albino, e prometten-lhe certa quantia e quatro garrafas de vinho, si elle descobrisse quem fornecia apontamentos sobre aquella repartição para o *Alabama*.

—Com que fim?

—Sem duvida para prestar serviço ao director.

—Ora isso! Pois o Vieira se metten nessa!

Elle, que em qualquer parte, á vista seja de quem fór, tem tratado do que vae pelo arsenal de guerra!

—Quiz ver si assim se punha fora da raspada.

—Pois elle que deixe-se disso, que a cousa pode-lhe sahir ás avessas; quem tem culpa no cartorio, não falla.

—E não queira medir a todos por si, julgando que os empregados da typographia são susceptiveis de se corromper.

—Noticias do Rio da Prata.

—Vainos a ellas.

—Rio de Janeiro, 5 de maio.

«Pelo vapor inglez *Keppler*, entrado hontem do Rio da Prata, recebemos folhas até 27 do pasado.

«Segundo ellas, as ultimas noticias de Assumpção eram de 21 e resumem-se no seguinte. O 1.º corpo de exercito estava reservado ao visconde de Herval e era interinamente commandado pelo marechal Guilherme, o 2.º corpo estava confiado ao tenente-general Polydoro; o coronel Vasco Alves commandava a vanguarda. S. A. o Sr. conde d'Eu desenvolvia grande actividade e ficava ultimamente do outro lado do Yuquery com as avançadas. Esperava-se a conclusão da ponte sobre este rio para o exercito se pôr em marcha, tendo já chegado á Assumpção uma locomotiva para serviço da estrada de ferro. Para Buenos-Ayres tinham-se feito urgentes encomendas de cavallòs e forragens. Fortificava-se a villa do Rosario, ultimamente occupada por uma força expedicionaria, como é sabido, e o chefe de esquadra Elisiario preparava-se para ir ao alto Paraná.

«Tal é a substancia dos telegrammas transmittidos do Buenos-Ayres para Montevideo, e cuja exactidão não podemos assegurar. Muito menos asseguraremos dous factos que o *Telegrapho Maritimo*, de Montevideo, refere sob o titulo *Noticias da Guerra*, mormente sendo a referida folha a primeira a declarar que carecem elles de ser confirmados. O primeiro facto é terem os paraguayos, descendo em canoas o Tebiquary, abordado, tomado e levado consigo um pequeno vapor dos fornecedores do exercito que ali se occupava em passar gado de uma margem para a outra e

naquella occasião rebocava uma chata, que foi mettida a pique. Esta occurrencia, ainda quando fosse veridica, nenhum desar importaria nem para o nosso exercito, nem para a armada, pois que o vaporzinho lhes não per tencia, mas mostraria constantemente ameaçada a extensa linha de communicações, que carecemos de manter aberta e guardada para abastecimento das tropas. A ter sido inventada, como parece, foi-o certamente neste ultimo intuito.

«O segundo facto é ter sido sorprendida e em parte morta ou aprisionada, alguma gente que, desembarcando dos encouraçados perto do Rosario, dormia em terra tranquilamente, depois de ter explorado os arredores.

«Falla-se ainda de ter sido arrebatada por um esquadrão paraguayo a cavallada de uma força nossa que acampava além do Yaquery, mas este facto está desmentido pela sua mesma data, pois diz-se occorrido a 12, em que nada se diz a este respeito.»

As ultimas notícias do Poraguay constam dos seguintes telegrammas do nosso ministro em Buenos-Ayres para o governo imperial.

«Quartel-general em Luque, 10 de abril de 1869. No Potino Cué, a duas leguas do Juquery, deu-se um encontro entre uma descoberta nossa de 30 homens do corpo do coronel Manoel Lucas de Souza, e 40 lanceiros inimigos. Foram estes completamente derrotados deixando em nosso poder nove cavallões encilhados. Não tivemos um só ferido a lamentar, e os do inimigo conseguiram escapar para o mato. Chegaram 400 cavallos, quantidade insignificante em relação á necessidade. Chegou o vapor *Paysandú*, do Rosario, onde fôra levar alfalfa, e onde não se dera novidade até o dia 18.»

«Luque, 22 de Abril de 1869. Depois do pequeno encontro em Patino Cué, não se deu mais novidade. Pelos passados consta que Lopez ainda tem 8,500 homens. Os vapores que levavam os cavallos e a locomotiva estão encalhados.»

LA VAE VERSO

MOTTE

GLEZADO ENTRE O PADRE AVO' DE CRISTO, O TENENTE BIQUIBA, E O DR. PORRADA.

Banana não tem bagasso.

*Tenente—Na rua anda um petit-maitre
Que no trajar é palhaço,
Não ha servidor sem tampa
Banana não tem bagasso.*

Resto de pão é farello;

*De capim chamam retraco,
Requeijão não tem caroço,
Banana não tem bagasso.*

Dr.—Espere lá, Sr. official; agora sou eu que monto guarda no Parnaso

*Rapaz com dinheiro, em França,
Nos vícios fica devasso,
Quem o manda não tem juizo,
Banana não tem bagasso.*

*Uns dão saltos repentinos,
Outros vão marcando passo,
Ninguém trepa sem ter treta,
Banana não tem bagasso.*

Padre—Bravo, bravo, V. S. tem muito talento; com effeito aquella academia de Olinda tem despejado grandes doutores.

*Certos flatos de mulheres
Chamam todos embaraço,
Arruda cheirada é boa,
Banana não tem bagasso.*

*Um velhaco, um trapaceiro,
Em pouco tempo é ricasso,
Ganhar sem vergonha é facil
Banana não tem bagasso.*

*Tenente—Alto frente, Sr. padre
Certo tempo aqui roubou-se
De papel grande xumasso,
Quem stá de posse? Calúda,
Banana não tem bagasso.*

Dr.—Ah, Vocês querem trazer a coisa para o terreno da responsabilidade? Adeus que me retiro.

Padre—E também eu; por que é contrario aos preceitos da religião a murmuração.

À PEDIDO

—E intoleravel a pouca vergonha com que o escravo Ventura, do Sr. Salustiano, ás Portas do Carmo, desrespeita o decoro e pudor publico!

Sem nenhuma attenção para o grande numero de familias que por ali habitam, e que ás tardes chegam ás janellas, esse insolente pratica os actos mais descortezes e indecentes que se podem imaginar!

Ao Sr. subdelegado da Sé, que tantas provas tem dado de querer bem servir o cargo que dignamente lhe está confiado, pede-se que faça admoestar ao Sr. desse audacioso escravo para que o cohiba em seu desordenado procedimento.

—Ja' viu o namoro escandaloso que ha no largo da *Solidão* na casa numero quarenta e duas ás avesas?

—Va dizendo logo o que temos.

- Pois não sabe?
 — Não sei nada.
 — O *Emygdio* não lhe disse?
 — Não masse, diga o que ha a respeito.
 — Ainda não viu uma mocinha, que fica todos os dias na janella desde 7 horas da manhã até as 9, e de tarde desde das 3 até as 9 da noite, namorando escandalosamente ao *Pires*; que se põe cynicamente com momices e trejeitos?
 — Mas que lhe importa isso?
 — E' que o *Bigorrilha* está assim pervertendo a pobre mocinha, que pode ser para o futuro uma excellente mãe de familia.
 — Parece que V tem paixão pela moça?
 — Quem, eu? eu não.
 — Então que tem V com isso? ao pae della compete vellar sobre sua moralidade.
 — Mas é.
 — *Caluda!* Ali vem o *Eduardo* e eu não quero que elle me veja conversando aqui.
 — Porém o que tem que elle nos veja aqui conversando?
 — V quer muito cumprimento.
Adio, mio caro amico.

- Conhece quem vae ali?
 — O director do *trem de paz*.
 — Um homem inteiramente honrado.
 — Tão honrado, que utiliza-se do que não lhe pertence.
 — V. é o primeiro que diz isto.
 — Porque não gosto de ver imposturas.
 — Oh, que lingua!
 — Julga então que é proibido lançar mão de um saveiro do Estado, distrahir cinco ou seis trabalhadores, e mandar conduzir alguém de sua familia para aqui ou acolá?
 — Mas o homem não faz isto.
 — V. anda atrasado; informe-se melhor.
 — Si V. me dissesse que no *trem do mar* possui saveiros, bem; mas o de *paz*? Só si é para navegar em secco.
 — Tem a de ferro.
 — Está bem; basta.

SONETO.

Adeus, ó patria, minha, ó Santo-Antonio,
 Vou a *raça cruzar* no Maranhão,
 Sei que vou sentir falta de mamão,
 Mas embora, viverei como um *laponio* (1)
 Por vingança mesquinha d'um demonio.
 Vou o Lopo deixar, deixar Leitão,
 Não chores, meu Jambreiro, meu irmão!
 Pois ainda eu espero ser *bolonio* (2)

(1) Como um sujeito da Lapinha, que não chupa nada.

(2) «Bahiano,» isto é pretende voltar para Bahia.

O trilha da politica é mui vasto,
 Pode ser que algum dia eu seja *Zote*, (3)
 E então comereis comigo ao *pasto*.

A' ti Justiniano, p'ra teu cote
 Darte-hei uma *funda forte em basto*,
 Pois ministro serei, que sou garrote.

(Do *Alabama* de 12 de novembro de 1864.)

MOTTE

Com mulher sem ter dinheiro
 Ninguém deve se casar.

GLOSA.

Ante star um anno inteiro
 Na cama com dor n'um braco,
 Do que ir cahir no laço
Com mulher sem ter dinheiro;
 Pois alem de vir primeiro
 Filhinhos para educar,
 Vem molestias p'ra tratar,
 E outros milhões de *nicas*
 Que até mesmo com as ricas
 Ninguém deve se casar.

J. Lauro.

(3) Isto é, sabio e feliz.

ANNUNCIOS

AO PUBLICO.

LINHA DO BOMFIM.

Na quarta-feira, 12 do corrente, será aberta á concorrência publica a linha de ferro que vae dos Coqueiros á baixa do Bomfim, em consequencia do que ficam supprimidas desde hoje as diligencias que trabalhavam nessa linha, por termos necessidade de remover alguns obstaculos que o serviço das mesmas diligencias até hoje impossibilitara.

Publicaremos nos seguintes jornaes os horarios, preços e mais disposições provisórias do novo serviço.

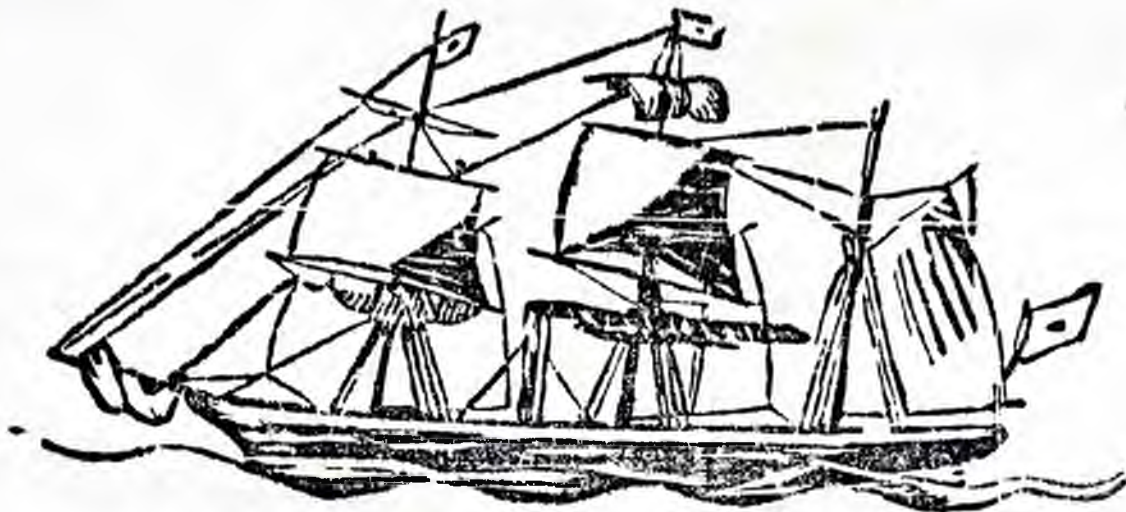
Bahia 9 de maio de 1869.

Os gerentes, — *Monteiro, Carneiro e Azevedo*.

Offerece-se para administrador de algum engenho ou fazenda pelo reconcavo desta provincia, um homem de idade 48 annos; para tratar no escriptorio de Sr. consul do Perú. — *Custodio Moureira de Souza*.

GALVANISADOR.

No segundo andar n. 13, á rua Direita do Commercio, prepara-se qualquer obra de dourado ou prateado, e concerta-se qualquer peça de ouro ou prata, tudo por preços commodos e a contento dos freguezes. — *Francisco Xavier de Sant'Anna*.



O ALABAMA

Periodico critico e histoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 31

Preco d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

13 DE MAIO DE 1869.

N. 504.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
13 de maio de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que, depois da meia noite, tem sido visto, por pessoas que transitam pela estrada do Sangradouro, um vulto todo de preto e encapotado, postado no espaço que medeia entre a propriedade do cidadão J. Gabriel de Gouveia e a do capitão Jeronymo Felisberto.

No sabbado, seria uma hora, dirigia-se para sua morada o Sr. Francisco da Cunha Bacellar e percebendo que semelhante vulto, ao vel-o approximar-se, abaixava-se, perguntou-lhe quem era; não obtendo resposta, encaminhou-se para elle, na persuasão de que seria, talvez, um seu moleque, que sahisse á noite escondido; o vulto porem disse-lhe—*senhor, siga seu caminho, que não é com o Sr.*

Este facto, asseverado pelo proprio Sr. Bacellar, vem corroborar ao que tem affirmado outras pessoas sobre a apparição do mencionado vulto em tal lugar, pelo que pede-se a S. S., que tantas provas tem dado de actividade e energia no desempenho do seu cargo, uma providencia á respeito.

—A' direcção da companhia de Vehiculos, pedindo que ponha cobro em uns molequinhos, que ali traballham, que á noite mettem-se na

cocheira do lado de terra, na rua de Baixo, comendo canna, e atirando os bagaços sobre quem passa. Si, porém, reclama-se, elles dizem—*perdoe que não vi*—e depois que o individuo segue largam-se em gargalhadas.

Em vista do que acima fica exposto, espera-se providencias.

Portaria ao fiscal da freguezia da Sé, ordenando-lhe, pela segunda vez, que se dirija aos sobrados numeros 19, 21 e 25 e depois de examinar o estado de imundicie em que se acham os pateos dos mesmos, multe aos moradores dos referidos sobrados, afim de que não os conservem em tal porcarias, com grave prejuizo da salubridade. Cumpra.

—Ao thesoureiro da irmandade de S. Vicente Ferrer, para que immediatamente dê conta da estampa de prata e bolsa do Santo, que ha mais de quatro annos carregou do convento de S. Francisco, sem ao menos declarar, até hoje, o destino que lhes deu; assim como que entregue todos os objectos da irmandade existentes em seu poder, dos quaes por maneira nenhuma se quer desapegar, sob pena de incorrer na culpa de desobediencia, que lhe será imposta pelo muxingueiro. Cumpra.

—O governo deste paiz quer matar os brasileiros á fome!

—Longe vá o seu agouro.

—Uma immensidade de cidadãos vae ficar sem pão para si e suas familias!

—Homem, varra da lembrança ideias tão aterradoras.

—Espera menos? O governo, aniquillando as industrias, suffocando as profissões, matando as artes, com os malvados impostos, vae tirar os meios de subsistencia a grande numero de paes de familias, que ficam sem trabalho.

—Deus fará o melhor.

—Pois ja não está vendo a amostra do panno? Uma infinidade de operarios tem sido despedidos das officinas, cujos proprietarios julgam que assim diminuem a pesada quota do imposto, que têm de pagar.

Ajuiza quantas pequenas fabricas se hão de fechar por não poderem resistir á exorbitancia de tão iniquo tributo?

—Appellemos para a Providencia.

—Parece que a Providencia desvia os olhos deste desgraçado povo, em quem pesam calamidades sobre calamidades.

Não ha attribuição porque não tenhamos passado!

—E tudo isso á pretexto de sustentar uma guerra improficua e interminavel!

—Veja si não ha de fechar as portas o dono de uma pequena loja de charutos a quem impozeram o pagamento da pesada taxa de 138⁰⁰ rs?

—Ha recurso.

—Recurso! está bem aviado quem contar com elle.

Diga-me si ha recurso tambem para isso: conheço um rapaz de rara habilidade para a esculptura e ja muito adiantado na aprendizagem. Em virtude dos novos impostos, o mestre entendeu que devia despedil-o; tem corrido immensidade de officinas a pedir trabalho e nenhuma lh'o quer dar.

—O remedio está nas mãos do povo.

—E o povo ha de curvar o pescoço como o camello deante de seu senhor para receber a carga.

—Seja feita a vontade de Cesar!

—Pagará pelo vendelhão, pelo logista, pelo charuteiro, pelo proprietario, e por todos.

—E bemaventurado é o povo, porque teve fome de justiça e foi saciado.

—Pois na Bahia, uma terra civilisado, consente se semelhante ultraje á decencia?!...

—E' uma vorganhal

—Uma mulher semi nua, a transitar pelas ruas mais pspulosas da cidade!

—E' escrava de uma mulher.

—Mas quem é essa senhora, que não se envergonha de mandar para a rua uma creatura, sua semelhante, ao menos no sexo, com as

carnes de fora, cobrindo apenas o corpo com um fragmento de saia, dividido em quatro tiras, embrulhada n'um mulambo?

So não lhe vê as formas sexuaes quem não quer.

—Pareco que desde que a desgraçada enfronhou aquelles trapos, nunca mais os tirou do corpo.

—Eu ja não estou na deshumanidade e deleixo da senhora; admiro o descuido de quem deve velar pelo decoro publico, que ainda não teve olhos para yer a indecencia e porcaria do traje desta miseravel creatura, que corre toda cidade vendendo agoa, e a quem os moleques appellidam de *maxambomba*.

—Estes *pretinhos do rosario* tambem fazem a boal

Não sei quem será mais velho: a guerra do Paraguay, ou a obra que estão fazendo na capella-mor.

—Faltas de recurso.

—Não é com essas.

O caxorro toma medida no osso, antes de engolil-o.

—Mas agora, o que fazer?

—Ao menos mandem arrancar os andaimes infincados na egreja, que podem crear raizes e grelar.

—Os candomblés nestes dias estão no seu auge!

—Admira a condescendencia da policia em permittil-os.

—Mas que quer, si elles deixam uns 16⁰⁰ a 20⁰⁰ rs. para quem obtem as licenças, que são sempre os proprios agentes policiaes?

—E que não são tão gulosos como isso, para comerem só.

—A indiferença com que o nosso respeitavel prelado olha para elles, é que admira.

—Não posso comprehender como é que catholicos romanos vão sacrificar bodes, galinhas e carneiros, a ridiculas figuras de pau, e S. Ex. Revma. com sua palavra evangelica ao menos não pulverisa essas infracções dos préceitos da religião de Jesus Christo, advertindo os filhos da egreja, confiados a seus cuidados, dos erros perniciosos em que se aferram.

—Arripiam as immoralidades e escandalos praticados nesses antros de depravação: os penosos castigos corporaes ás provelytas, que inflingem as regras da seita, a subversão dos préceitos da salubridade, como, por exemplo, a obrigaçao de beberem sangue de animais na occasião do sacrificio; a desordem da lascivia dos chefes, tudo se pratica impudentemente.

—Si o Sr. Dr. chefe de policia tivesse quem lhe explicasse como é revoltante o que se passa n'um candomblé, as scenas de torpeza que se dão na *casinha de segredo*, de certo empregaria toda a força de vontade para exterminal-os.

—Estes dias tem havido candomblé nas Campinas; quinta feira e domingo na Quinta das Beatas; e agora, está fervendo na Cruz do Cosme, por alana de uma mulher, a *Totonia Faleira*. Entre outras scenas burlescas, deuse neste o seguinte: Uma das filiadas, de nome Lucrecia, commetteu uma falta e foi condemnada a uma especie de castigo que consiste em estar de joelhos por longo tempo, beijar a mão e pés de todas, e depois deitar-se de bruços para que toda a confraria passe por cima della trez vezes dançando!

—Quanta barbaria!

—Ora eu sou de opinião que todos tenham o direito de fazer o que entender, com tanto que respondam por seus actos; mas não posso concordar que aquelles, a quem está confiada a direcção da sociedade, consintam, fechem os olhos á tanta perversão de costumes, a tantos desvios da moralidade, e tantas profanações da religião por excellencia.

MOÇAS! MOÇAS!

Que extravagante titulo de artigo!

E com tudo é este o dito favorito de quanta velhaca ou mesmo mãe pachorrenta, que soffre em casa da tal fazenda, á quem chamam Moça. No meio das cabelleiras que a tal gente lhes vae arrumando, vão também ellas, como si deitadas estivessem em macio travesseiro de fofas pennas, exclamando com a maior fleugma possível—Moças! moças!

A bella yayá Lucinda se requebra fagueira com um delicado da visinhança; já lhe ha mesmo enviado seus cabellinhos, e, sem presumir mal algum, porque o innocente sem igual lhe prometteu fallar na escada; o facto se realisa...mas, eis sinão quando, a mãe descobre a traficancia.

--«Que está fazendo, menina? pergunta: toda raivosa, e espivitando-se.

--«Nada, senhora, vim ver o gato.

A velha arrefece o seu furor, e apenas se contenta em pronunciar por entre os dentes:

--Ah! moças! moças!

Uma outra fez uma travessura de vulto; deu que fallar; isto foi o diabo, merecia bem uma punição; mas, á final considerado o caso, depois de muita observação sobre a mocidade, e costumes, inda tudo volta ao antigo estado, duas ou tres sacudiellas de cabeça, e bom ditto de--moças! moças!

Finalmente, parecem estas duas palavras a grande panacéa com que sabem relevar todos os desmandos das filhas, essas mãesinhas indulgentes, e que veem, sem se admirarem, nem fazerem a menor pergunta, as amaveis filhas vestirem custosas gallas que não compraram, filós, chamalottes, rendas, e fittas, como si, a semelhança do maná do deserto, lhes cahissem do céu.

Mas, a final, perguntaremos nós, que dirão estas mães quando a sua rica yayá lhes desaparecer do caza, evaporando-se como levo fumaça?

Oh! inda d'esta vez clamarão--Moças! ah! moças! moças!

Mais do um pensamento nos acode n'este momento; supra porém a interpretação dos leitores. Afora--moças! moças! temos também--mulheres! mulheres! para uso dos velhos casquilhos, quando lhes formam ellas algum toucado, ou lhes esgotam a bolsa, em paga de sua tollice. Com pouco se contentam os tões apavahados. Temos a de--meninos! meninos! para uso dos mestres apupalos, quando, por se não darem a respeito, soffrem as carêtas de seus discipulos; o assim como estes muitos outros ditos, que bem viriam ao caso. Ficarão para outra vez, e por esta, recebam as senhoras mães este lembrête, para não serem tão faceis e simplicis, á vista das travessuras das suas Lucindas, e Mariquinhas.

À PEDIDO

—Capitão, existe nesta cidade certo melcorio, que, inculcando-se de simplorio, é ao contrario uma boa ave de rapina, e tão desalmado que pouco se lhe dá de prejudicar os filhos, contanto que isso reverta em seu proveito; portanto faz-se preciso que V. Ex. o mande vir á sua presença, e depois de passar-lhe uma limpa em regra, proceda a minuciosas indagações, e isto feito, o remetta aos meritissimos Srs. Drs. juiz de orphãos, e curador geral dos mesmos, afim de que tomem delle conhecimento.

—Homem, explique-se, pois, pelo pouco que tem dito, infiro que nesse negocio anda defraudação de menores e de orphãos, e sendo assim, conte comigo, e com a imparcial justiça dessas duas authoridades, que estão encarregadas de velar pelo bem estar desses infelizes.

—Pois bem, comecei a vomitar parte do muito que tenho no estomago.

Esse salafinario, desde o inventario do sogro, que começou a assentar a mão nas suas falcatruas; e agora no inventario da sogra quer emendar o fio de suas gentilezas, e de mãos dadas com outro melcorio lá de fora, e coadjuvado por um frade da mão furada, que também quer entrar na rasca, estão trabalhando somente em seus proveitos, querendo passar a piassava nos mais, e em vez de vedores, como são, desse casal, se apresentam como credores, sem se lembrarem que no casal ha menores.

—Na verdade, esse negocio é digno de serias atenções; portanto diga-me o nome desse troca-tintas, e no que se occupa, ou pelo menos os signaes caracteristicos, para o muxingueiro poder dar com elle.

—Eu ignoro-no que se occupa; sendo certo que todos os dias desce para a cidade baixa, e eu sempre o encontro girando a bola pela Praça do Commercio: sua estatura é regular, magro em extremo, traja como um ratão, a cara assemelha-se a coalheira, pois tem nella mais pregas que chaminés em Roma, seu andar é vagaroso e distraído, pelo que muitas

peçoas lhe chamam *pastor pasmado*, terá sessenta annos de idade, o que não obstante diz que não se troca por nenhum rapaz, e para corroborar seu dito, anda do noite pelo chafariz da praça da *Compaixão*, comportando e agarrando as *bellezas de Guiné*, que, segundo elle diz, são as suas deusas.

—A' vista de semelhantes informações, esse individuo não me é extranho; vamos portanto a saber o seu nome.

—Por ora não sei; porem hoje mesmo me obrigo a relatal-o, porque, em sahindo d'aqui, vou direito á *rua das contas em que se reza*, e perguntarei ao *Antonio*, que é muito amigo do *José*, e que moram no fundo do *Mello*.

Olhe, capitão, a primeira cousa que deve syndicar seja á respeito da venda de uma casa, que ha annos se fez, e em que cofre se acham recolhidos os quinhões de dous menores, ou com que authorisação foram elles esbanjados; entretanto, fique certo, que eu prometto pôr a calva á mostra desses marrecos, afim de ficarem por todos conhecidos.
(*Continúa.*)

PIPAROTE.

CARRO QUE CHIA NA LAMA E NÃO HA DE
CHUAR NA HISTORIA.

Decantando a grande fan a
Do Caxias valentão,
Podre encenso lança á chamma
Do governo a vil facção,
Ronceiro carro na lama,
Responde lhe a opinião
Dos teus ficarás na cama
Ca—chias, na historia,—não.

Ouçam uma nova
Não é cousa van,
Saibam que o Umbellino
Está feito *Ogan*.

Fez-se a circumonia
Em casa da *Bella*,
Pela *Ludovina*
Chefe da *panella*.

Foi no dia 11;
Fiquem bem sciente,
Que tomou o grau,
Pagou a patente.

Doze raparigas,
De joelhos todas,
Em quanto a *mamãe*
Fazia mil rodas.

VARIÉDADES

ORAÇÃO DOS CAAYGNAS.

Homem de palha, que és nosso administra-

dor-mór; profanado seja teu prestigio: venha a nós tua prerogativa: seja feita a nossa vontade no Paraguay como aqui: tua mão da-nos cada dia a lamber: perdoa-nos nossos roubos, assim como nós perdoamos a nossos sub-ladrões. Não nos demitte: mas livra-nos da ira do povo.

OS DOUS COLLEGAS.

Havia em Genebra um latoeiro bastante lido, e grande devoto de Voltaire, o qual se achava então na sua quinta das Delicias. Desejou o pobre artifice conhecer pessoalmente o philosopho; e, sem mais recommendações, nem introductores, foi procural-o. Os criados, vendo que era um viandante pedestre, mal trajado, e que nem siquer lhes sabia dizer o que pretendia, negaram-lhe a entrada. O homem insistiu, elles teimaram, a altercação subiu de ponto, até que o escriptor a ouviu, e chegou á janella para saber por si a causa de tamanha algazarra.

—Vocemecê quem é, e que deseja? perguntou elle ao forasteiro.

—Desejo, lhe respondeu este, conhecer o meu collega, o Sr. Voltaire: sou um latoeiro de Genebra.

—Meu collega!...

—Seu collega, ou tanto monta: o senhor trabalha para alumiar os espiritos, e eu faço lanternas.

O philosopho gostou do dito, e recebeu optimamente o seu collaborador na diffusão das luzes.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 37.^a folha do—RO-CAMBOLE.

ANNUNCIOS

João Luiz das Virgens & Friandes, continuam a encarregar-se de obras de pedreiro e earapina, (suas profissões) podendo ser procurados nas casas de suas residencias, este á rua da Independencia, freguezia de Santa-Anna e aquelle, a rua do Alvo, casa n. 61, na mesma freguezia.

Na rua da Preguiça n. 11 2º andar precisa-se de uma ama.

Na loja do Tabyra precisa-se fallar com o S. João Martins da Costa, que foi caixeiro do Hotel das nações para negocio que não ignora.

Nesta typographia ou na loja do Sr. Manuel do Carmo Moreira Junior, á rua Direita do Collegio, se dirá quem precisa de um hortaleiro.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 51

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

15 DE MAIO DE 1869.

N. 505.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
14. de maio de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando ao seu conhecimento que existe em casa de Letto Jorge dos Santos, morador no caminho do Jacaré, freguezia de Santo Antonio, uma pardinha de 10 á 12 annos de idade, de nome Joanna, filha da Ipojuca, a qual, segundo consta, tem o corpo todo cheio de sevicias, provenientes de ser barbaramente castigada todos os dias, achando-se em tal estado que causa lastima!

Pede-se á S. S., que por mais de uma vez tem attendido aos reclamos da imprensa, fazendo corrigir abusos por ella apontados, que syndique da veracidade deste facto, e em nome da lei e da civilisação dê um exemplo de humanidade a favor da infeliz. Espera-se providencias.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para um beberrote de nome Paulo Nobrega, que vive á noite metido em uma venda á rua Direita do Collegio.

Esse mamarrote é casado e vive fora da mulher, e quando se embriaga insulta aos moradores daquella rua, proferindo palavras offensivas á moral publica.

Em vista do que fica exposto, espera-se de S. S., tão desvellado como se tem mos-

trado pela moralidade dessa freguezia, um correctivo para semelhante insolente.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, para que vá dispersar um ajuntamento de vadios que se reune na venda 61, á ladeira do Genipapeiro, afim de que as familias da vizinhança fiquem alliviadas de tanta pouca-vergonha que ali fazem, assim como muitas pessoas que passam, livres de ser apupadas. Cumpra.

—Ao fiscal da Sé, dizendo-lhe que, tendo o commando deste navio baixado-lhe, em data de 13 do corrente, uma portaria, pela segunda vez, ordenando-lhe que fosse examinar o estado de immundicie em que se acham os pateos dos sobrados numeros 19, 21 e 25, e havendo o escripturario omitido o nome da rua, para que não haja embaraços, fique sciente que é na rua Direita do Collegio. Cumpra.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Moradores do becco das Hostias, queixando-se do pernicioso encommodo que lhes causa o canno que da casa 251 despeja para a rua, a qual se acha transformada em putrida lagoa.—Vão os reclamantes soffrendo com paciencia, visto que é impossivel abalar a indolencia da camara municipal.

—No domingo terá logar a festa de Senhor dos Passos dos Humildes, em sua capella na rua do Tingui.

—E' de esperar grande concorrência de feis, na festividade d'Aquelle que nos libertou da escravidão do demonio.

—Vou dar-lhe uma noticia, que não garanto, por não estar bem informado.

—Cousas em duvida, não me serve.

—E' bom sempre registrar, pela natureza do facto.

—Ja que lhe deu a pertinacia para isso, falle.

—Ouvi, ha pouco, um sujeito dizendo que hontem o Sr. Mathias Moreira Sampaio foi atacado, em pleno dia, por um larapio na Estrada Nova.

—E' cousa que pode ser muito bem, sem causar admiração, á vista do abandono em que vae esta boa terra.

—A natureza tem seus caprichos. Parece que as vezes se aprazem abortar algum monstro para vergonha da especie humana.

Vou ler um pedacinho para V. ver de quanta maldade é capaz a perversidade humana.

—Que folha é essa?

—A *Revista Commercial de Santos*.

—Bom, leia.

—«Na noite de 6 do mez passado, no logar denominado Toque-toque-pequeno, termo de S. Sebastião, José Pereira da Costa Simões feriu com uma fouce a sua avó, velha de 70 annos, que o creára desde tenra idade.

«A offendida está mal, e seria assassinada sinão a soccorresse outro neto, que recebeu segundo golpe quando a carregava nos braços.

«No corpo de delicto declararam os peritos ser grave o ferimento, e ter a paciente uma coxa completamente quebrada.

«O criminoso está preso, e contra elle o delegado de policia instaurou o processo.»

—Que governo deshumano é o deste paiz!

—E' malvado.

—Friamente assassina a industria e as artes, e atira as classes laboriosas na mais desesperada indigencial!

—Em quanto elles, os parasitas deste imperio, regorgitam de commodidades, e passeiam impavidos em ostentosas carruagens, sem dar fé do homem trabalhador, que se extorce na miseria na encrusilhada da rua, por falta de recursos.

—Do que serve ser honesto e trabalhador nesta terra, onde o governo, com mão perversa, trança as portas do trabalho, e aponta a estrada, o roubo, a mandriice ao brasileiro?

—Pura e amarga verdade!

—Veja um exemplo:

Atraz da Sé ha uma pequena loja de massa, cujo dono não tem de fundo o valor de 20

rs., entretanto foi arbitrada em 30 rs. de imposto!

Da-se maior iniquidade!

—Os lancadores não tem culpa, executam a lei.

—Nem os estou criminando. O mal vem de quem baixou esse desproporcional regulamento, para execução da lei, ja em si insupportavel.

—Erga-se o povo, reflecta e compenetre-se do que vale, e tudo será remediado!

Á PEDIDO

—Como vae aquelle sujeito montado á cavallo por dentro do cemiterio!

E as patas do cavallo cheias de barro, e elle com a cabeça activa como se fosse um rei!

Que terra meu Deus! Ja não se respeita a morada dos mortos; já suas cinzas são revolvidas por patas de cavallos!

—Eu entendo que, quando se transpuzer os ambraes de um cemiterio, deve ser de chapena mão, porque se deve respeitar a morada dos finados!

—Capitão, macaco não olha p'ra seu rabo.

—Falle com o visinho.

—Poís o *Moreirinha* sub-renegado do *Segura Parede*, que actualmente vive disto, não acaba de suspender o A...; propalando que assim o fez, por não lhe constar que tenha elle meio de vida conhecido?

—Quer que o chame á ordem, não?

—Sem duvida.

—Muxingueiro, vae a rua *calçada*, becco das *Tabocas*, e diz ao *Moreirinha* que esta tripolação está pouco satisfeita com seu procedimento, assim como que sem demora declare do que está vivendo ha dois annos.

—Capitão, a bella chita de quem V. Ex. me falla, mora no *Mau-Gosto* e não no becco das *Tabocas*.

—Mas não sahe dahi, agarrado como ostra ao rochedo, desempenhando optimamente o papel de *azeteiro* junto de certa *deidade equivoca*.

—Comprehendo, vou ja cumprir as ordens.

—Que modelo de authoridade!

—Que tratante, capitão!

—Marcos Rabeca, um sevandija de primeira plaina, fez uma publicação no *Jornal*, defendendo-se e assignou um *pae de familia*.

Para conhecer quem é tal canalha, basta recorrer aos archivos da delegacia, ou con-

sultar os diversos subdelegados das freguezias da Sé e Sant'Anna.

Marcos Rabeca é turbulento, capadocio e larapio.

Deu uma bofetada em seu pae uma facada em um individuo, no Caminho Novo; na rua do Carro entrou, sem consentimento do dono, em certa casa, onde havia um casamento, quebrou pratos, trastes, vidros e vidraças das janellas; entra em casa das meretrizes e bifa-lhes o que acha desgarrado.

O Sr. capitão Jovino que diga, quando esteve na subdelegacia da Sé, quantas queixas recebeu a este respeito.

Insulta as familias em suas janellas.

Por seu incorrigivel procedimento tem sido recrutado immensas vezes.

E um biltre destes tem a ousadia de levantar a cabeça na imprensa, com a capa de um pae de familia!

Si realmente houvesse um pae de familia que tomasse a si *defender a innocencia* de Marcos Rabeca, podia leval-o para casa.

O MUNDO AS AVESSAS.

Hoje 'stamos no sec'lo das luzes,
E no qual vemos tudo mudado!...
Me parece que o mundo ás avessas
Tambem 'stá para sempre virado.

O que claro era outr'ora, hoje escuro
Nós aqui vemos ser diariamente;
Vemos—vicio---ser hoje--virtude,
Ser---moral---tudo que era indecente.

Probidade, vergonha, honradez...
Chama-se hoje formal---maluquice---
São virtudes, somente o cynismo,
Latrocinio e a vil tratantice!...

Os ladrões, vis, bandalhos, ... d'outr'ora
Impudicos, ralés, descarados....
São na época actual conhecidos
Por---honestos, briosos e honrados.

Actualmente so é respeitado
Quem, aqui, muito dinheiro tem!
E---maluco---somente se chama
A um pobre, si é homem de bem.

E' maluco—quem, actualmente,
Nunca soube, nem sabe adular,
E' maluco, mui bobo, mui tolo....
Si não soube, ou não sabe roubar;

E' maluco, e zombando vão d'elle
O tratante, o ladrão, trapaceiro...
O bandalho que vive adulando,
Por ser cynico e alcoviteiro.

E' maluco---tambem si não tem
Sodomiticq vida actual....

Pervertendo a infantil mocidade,
Desprezando uma *lei natural*.

E' maluco, si nunca serviu
Algum dia de *coelho p'ra onça*,
O comer...ou si nunca cabiu
Nesta infame e fatal *geringonça*.

(Continúa.)

—*Ma tia* seria V., meu tratante, si fosse
mulher e tivesse sobrinhos.

—Felizmente sou homem.

Mas por que diz isso?

—Pela excessiva gana que o domina, para
subtrahir o alheio.

—Que lembrança!

—E' o que lhe digo.

Tanto que até seis dias de serviço do preto
Bernardo lhe faz oonta.

Que unhas damnadas tem V! Que consciencia
de borracha!

—Quem é Bernardo nesta vida? á excepção
do S. Lourenço, não conheço outro.

—Bernardo é o preto do *lanchão* de trans-
porte de generos de onde é V. caixeiro e a
quem caloteou.

—*Calva-arenga!*

—Meu rapaz, deixe de velhacaria, pague ao
preto.

—Fois heide pagar a um negro atrevido,
que insultou-me na porta do armazem no 9,
ao Caes do Ouro?

—Por casa de sua trapaça.

—Pois elle que vá cobrar de seu atrevi-
mento.

—Aconselho-lhe que pague.

—Não estou disposto.

—Othe o resultado...

—Não conto.

—Então quer ver ná rua a sua chronica?

—Isto não; é duro. A minha chronica, não
está no caso de apparecer em publico.

—Nesse caso resolva-se; ou pagá ou soffre.
(Continúa.)

MOTTE.

Minha Velha Briolanja
E' a ostra de meu peito.

GLOSA.

Tem peitinhos de laranja;
Lingoa de acaçá de leite,
Beijos de bobó de azeite,
Minha Velha Briolanja.
Tem as bochechas de canjas,
Seus olhos são de confeito;
O seu corpinho bemfeito,
E' meu lombo e é meu bife;
E' pólvora de meu recife,
E' a ostra de meo peito.

OUTRA.

Si ella um quitute arranja,
Faz a gente se babar,
Tem cousa que faz chorar
Minha Velha Briolanja,
Quer na cidade, ou na granja
O seu amor é perfeito,
Eu vivo bem satisfeito
Porque essa tentação,
No inverno ou no verão,
E' a ostra de meu peito.

* * *

São convidados os irmãos de S. Benedicto, que tomaram salvas para tirar esmollas, a irem recolhel-as e juntamente o quantum que obtiveram.

A comissão dos festejos de Dous de Julho de Brotas convida a todos os seus socios, e bem assim aos habitantes d'esta capital, para assistirem a implantação do pau despertador, que terá logar no domingo, 23 do corrente, pelas 3 horas da tarde no largo de Brotas.

A comissão espera que não se neguem a dar esse passeio, que tem por fim abrilhantar o acto. Bahia 17 de maio de 1869.

Felisberto Nery de Sampaio,
Antonio do Espirito Santo Araujo Lima,
Anselmo Borges da Silva,
João Braz Neponuceno,
José Germano de Santa Anna,
Agripino Braz Neponuceno.
Antonio Nunes dos Reis.

VARIÉDADES

MULHER DE BRIO.

O tribunal de Vaucluse julgou ultimamente uma moça accusada de ter assassinado seu seductor. Leonia Cordenier, fôra seduzida por um moço de nome Feliciano Barbier.

Este promettera lhe casamento, mas, sabendo que ella se achava gravida, recusou cumprir sua promessa.

Esta recusa excitou seus sentimentos de vingança, e uma noite armada com uma pistola esperou-o na escada de sua casa e no momento em que Feliciano descia, atirou sobre elle, que cahiu morto.

A accusada se limitou a dizer para sua defeza que seduzida, e abandonada quizera vingar sua honra na vida de seu seductor.

O tribunal a absolveu.

REGRAS INFALLIVEIS DOS MEDICOS MODERNOS.

1°—Medico que não acha doentes para cu-

rar, mette se em politica e caballa nas eleições.

2°—Medico que não ganha para comer, adopta a homoeopattia e fica beato de repente.

3°—Medico que quer passar por muito zelador de sua saude, não toma chá de noite, em sua casa, por que estraga a vida.

4°—Medico que anda na rua de cara enfaruscada e falla muito pouco, é grande professor.

5°—Medico intilligente, quando come qualquer fructa, bota o bagasso fora para não causar apoplexia no estomago.

(Extr.)

CHARADAS TIBURCIANAS.

Nota (1) que engana menino (2) amolla facas.

Lettra, (1) cujo officio é ler (2) faz deputados.

Nota, (1) que faz como o peixe (2) limpa peças.

Rio (2) que fia (2) pode ser de Archimedes.

Avistei (1) uma lettra (1) e uma nota (1) correndo do caçador.

Lettra (1) de homem pequeno (3) pertence a mulher.

Preposição (1) que sopra (2) é asylo da preguiça.

Camínhe (1) na preposição (1) que faz boa viagem.

Inscrição de tumulo (1) e pronome (1) que dá bom cheiro no jardim.

Esta morada (2) aqui (1) foi feita por bom alfaiate.

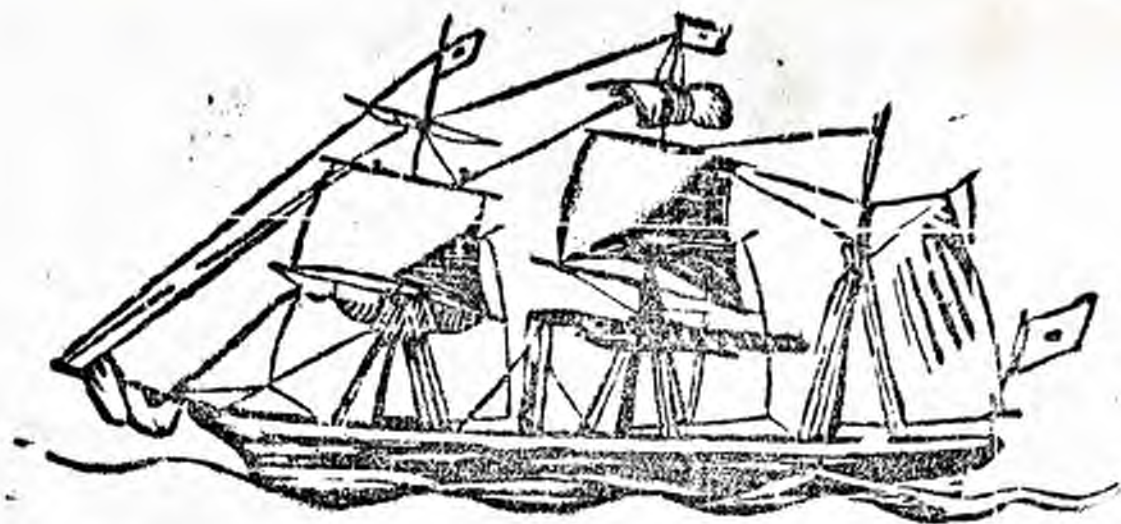
A vibração do sino (1) amarra (1) mas repara as forças e esquece as fadigas.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 38.^a e 39.^a folhas do
—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

Na loja do Tabyra precisa-se fallar com o S. João Martins da Costa, que foi caixeiro do Hotel das nações, para negocio que não ignora.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 51

Preço á assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

19 DE MAIO DE 1869.

N. 506.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
18 de maio de 1869.

Officio ao Illm. Sr. inspector da illumina-
ção publica, communicando-lhe que a illu-
minação na Barra principia sempre depois
das 7 horas e meia, o que torna-se da parte
da respectiva companhia uma falta gravis-
sima do compromisso que tem; em vista do
que, recorre-se a S.S. como o competente para
providenciar á respeito.

—Capitão. vivam os amigos da liberdade!

—Vivô!

—Sabe a razão do meu enthusiasmo?

—Sei que V. é fanatico pela causa da li-
berdade, e por isso applaude aos que rendem
culto ás suas ideias.

—Pois está enganado; ha mais alguma
cousa que me faz agora pulsar o coração de
jubilo e enthusiasmo, e me arranca de novo
este brado de—Vivam os amigos da liber-
dade!

—Homem, conte-me o motivo do tanto
exaltamento.

—Saiba que no Rio Grande do Sul, a so-
ciedade maçonica *Acacia*, possuida de philan-
tropicos sentimentos, acaba de fundar, com
as suas cinco lojas filiaes, uma sociedade abo-
licionista da escravatura.

—E' sublime e humanitario.

—O fundo de emancipação será exclusiva-
mente empregado na alforria de mulheres es-
cravas, cuja idade regulem de 8 a 25 annos,
diz o art. 6.º dos seus estatutos.

—E' uma idéa elevada e magnifica!

Estancar, pela libertação da mulher es-
crava, as fontes fataes da escravatura, ele-
vando o fructo de seu ventre, pela liberdade
deste, a mais altos destinos, a mais elevado
caracter.

—Entretanto, si o exemplo se propagasse;
si a maçoneria seguisse a iniciativa da loja
rio-grandense!

—Realisaria um magnifico exemplo de con-
fraternidade e christianismo, sem muito sa-
crificio, sem extraordinario esforço!

—Honra á sociedade *Acacia*, por tão bello,
e Deus permitta que fecundo exemplo.

—Venda-me um bilhete para o especta-
culo de hoje.

—Não ha mais.

—Como?! Si neste momento o Sr. abre o es-
criptorio!

—Nada mais natural,

—Por onde desapareceram então elles, si
eu sou o primeiro a chegar para comprar?

—Acabaram-se.

—Ora hade estar este publico feito *pau de*
mexer besta, a ser bigodeado por quanto mel-
quetrefe ha por ahi!

Isto é mais que zombar! Annunciar que
nos dias de espectáculo ha bilhetes á venda na

porta do theatro, venho as 9 horas da manhã e se me diz que não ha mais!

—Nossabbados a concurrencia é maior.

—Ora Sr., veja si eu tenho—T—na testa!

A não pretender Vm. que elles fossem comprados por *espíritos invisíveis*, é impossivel dar uma sahida rasoavel, porque, depois que aqui estou, ainda não encostou vivente, com excepção minha. Entretanto quando cheguei o Sr. não tinha aberto o escriptorio.

—Mal de muitos consolo é; não é o Sr. so que passará pela decepção.

—Está direito; quem acha encaixa.

—Capitão, de duas uma: certas authoridades ou assentam de cassuar com seus superiores, ou a cada momento dão evidente prova de deleixo e incuria no cumprimento de seus deveres.

—Eu opto pela segunda parte.

—Com impertubavel desplante, são capazes de negar luz ao sol.

—Chamam de inexactos a quem lhes lembra a observancia de suas obrigações, elles que invertem a verdade sem a menor cerimonia.

—Sem se lhes dar de comprometter a seus chefes, que acreditam em suas palavras.

—Mudemos de conversa. Sabe o que disse o subdelegado de Santo Antonio?

—Não.

—Teve a ingenuidade de affirmar ao chefe de policia que no seu districto *não consta* que haja ou houvesse candomblé!

—Ambiguidade na affirmativa; prova de que o subdelegado ignora o que se passa em sua freguezia; diz que *não lhe consta*, mas não nega que possa ter havido candomblés.

—Pois pode affirmar ao Sr. subdelegado que ha, e tem havido candomblés.

Si S. S. ignora, saiba.

—Pois é a mim que quer dizer?

Para não ir muito longe, basta lembrar o que houve no becco dos Chinellos, ha meos de um mez.

—Justamente.

—Por sete noites houve o que os africanos chamam *segun*, por alma de uma parda que negociava em fatos, conhecida por *Totonia Falcira*.

—E no setimo dia ferveu a orgia desde sete horas da manhã até 6 da tarde.

—Mas o subdelegado, talvez, por não estar, ao facto dessas bagatellas, affiança ao chefe de policia que *não lhe consta* que haja ou tenha havido candomblé!

—E depois mandam dessas bambochatas para o *Jornal*, como si tivessem feito uma grande conquista!

—Essa gente não quer se desenganar de que não vivemos em terra de cegos.

À PEDIDO

VERSOS CAHIDOS DO BOLSO DE UM CONSERVADOR.

No Brazil, o homem livre
Vive sempre aos trambulhões,
Quem não quer ser troca-tintas
Vae p'ra o rol dos toleirões

Viva o jogo da maromba,
Que dá força e animação,
E o governo absoluto
Que dirige esta nação.

A verdade do systema
É saber especular,
Quem prefere o catonismo
Nunca sabe calcular.

Viva a patria e chova-arroz,
Haja cobre e petisqueira,
Viva a gente barriguda
Que so eré na pepincira.

Quem quizer pasteis de nata
Corra cá p'ra esta bandeira,
Tudo cobre—é uma barraca,
Que não tem uma goteira.

Quem for tolo não me siga,
Não queira pensar comigo,
Ao depois não se arrependa
Na hora de algum perigo.

(Continuação do n. 504)

—Capitão, eis-me prompto, para dar-lhe conta das minuciosas pesquisas a que procedi, relativamente ao tal melcorio, inventariante absoluto da sogra, e ex-zelador do inventario do sogro. Colhi todas as informações de que necessitava, porem, para isso obter, foi preciso andar como um cavallo, e suar como um burro.

—Homem, cada um anda e sua como quem é, portanto desembuche.

—Capitão, de hoje em diante, esse quidam será entre nós conhecido pelo appellido de *Mellorio*, porque o seu verdadeiro nome deve ser estampado em letras gordas e no logar competente. Estou já informado de toda chronica desse tabareuzinho, assim como de ser *elle matreiro como uma rapoza, e esperto como um rato*.

—Abrevie a sua historia, pois eu hoje tenho muito que fazer.

—Sim, Sr., porem antes do começar pelos inventarios, devo informar-lhe do que era *olle* antes de cazar-se nessa casa, e d'onde

por sua propria conveniencia, nunca mais arredou pé, e mesmo antes disso, devo contar-lhe uma das *façanhas e gentilezas do tal Sr. Mellorio*.

Ha poucos annos, achando-se o *Mellorio* já viuvo, introduziu-se de amizade em casa de uma viuva, que tinha uma filha moça; em pouco tempo estava elle amasiado com a viuva, e quando esta deu accordo de si, elle estava tambem com a filha!!!... A viuva renunciando semelhante *communismo*, e horrorisada por tal facto, alem de ferida em seu amor proprio, privou o ingresso do tal *Mellorio* em sua casa, lançando para rua a *filha*, e mudou de terra para não ser testemunha do fim de semelhante drama, pois sabe que fez o *Mellorio*?... sem a menor cerimonia deu com a moça em casa morando com as filhas.

—E' um bom exemplo de moralidade que elle dá ás filhas.

—Capitão, note que em tudo isso deve valer a verdade, porque no mundo acho, no mundo deixo, porque quem me contou o caso da viuva foi a *D. Anna*, e quem me contou o caso da filha, foi a *Candinha*.

Capitão, capitão, chegue aqui de pressa capitão, corra capitão.

—O que é isso V. está doudo?

Não senhor, V. Exa. está vendo aquelle homem, que vai passando ali fumando, de chapéu de palha preta, paletot de alpaca da mesma cor, calça e collete de fazenda de cor duvidosa, com passos vagarosos, e tendo as mãos traçadas nas costas?...

—Vejo sim, e o que ha de novo sobre elle?...

—E' o grande *Mellorio*, e eu vou seguir-lhe a pista, a ver si completo o que me falla.

(*Continúa.*)

—Capitão, aqui estou eu,
E trago novas fresquinhas;
Noticias de um candomblé;
Onde vi boas cousinhas.

Saiba, sem tirar nem pôr,
Que a função da Ludovina,
Que se fez na Cruz do Cosme,
Esteve cousa superfina.

Como sei que nessas partes
Cada um vae como pode,
Montei-me na *mula russa*,
E segui para o pagode.

Mas a sestrosa da *mula*
Me poz logo arreliado,
Desviando-se da estrada,
A entrar pelo *roçado!*

Ainda stá muito atrazado
Este poro da Bahia!

Acreditando em *ventura*
E tudo que é bruxaria!

Crêr, que as almas dos que morrem
Deixem a mansão final,
P'ra vir comer carurú
N'uma horrenda bachanal!

Deixemos isso de parte,
Que não é de grande monta,
Tornemos á vacca fria,
Vamos ao que nos faz conta.

Chegando ao Pau-miudo,
Do Almeida fui a roça,
La dei com toda canalha
Em uma extensa palhoça
Tinba gente da Bahia,
Multidão de Cachoeira,
Tropilha de Sant'Amaro,
E uma chusma da Feira.

Quando eu me approximei,
Estavam comendo *amala* (1)
E entoavam um hymno
Em graça e louvor de *Oiá* (2)

Antes porem que me estenda
Em fazer-lhe a narração,
Quero lhe dizer os nomes,
De toda a tripolação:

Simoa, Eleodora,
De S. Felix a Agripina,
Maria Emygdia, Custodia,
E a *pequena* Tranquillina.

Alexandrina. por quem
Eu sei que o Joaquim Ossud:
Nutre tanta sympathia,
Que é capaz de dar-lhe tudo.

De lá da rua do Fogo
Do Nhozinho a Senhorinha
Com seu barrete vermelho;
E Martha, filha de Pascoinha.

Clara, Josepha das Pinhas,
Folô de Rachel, Febronca
A Maria de Ventura,
Honorata e Symphronia.

Maria do *Garapau*
Ignez de Belem, Rosina
Do Eleuterio do barco,
Com Maria Carolina.

Do Antonio Xavier
Maria Zoião captiva,
Clara Maria das *Contas*,
Damiana, Primitiva. (*Continúa.*)

—Capitão, V. Ex. esteve hontem n'assembléa?

(1) Comida feita comervas e azeite, misturada em bolas de inhame.

(2) A mulher do 'santo' maior--'Soubô'.

—Estivo nas galerias, que é o lugar do povo.

—O que viu de mais notavel?

—Foi o Dr. Freire pedir a palavra pela ordem, para requerer que se mandasse acertar o relógio da casa que estava atrazado meia hora.

—Eu estou vendo o dia em que elles pedem a palavra e requerem para se mandar lavar os doutores.

—Tudo se ha de ver ali.

—Eu não sei quem não é para as cousas para que se mette.

Recompensa-se com o discurso do Sr. Dr. J. E. F. de Carvalho, ricamente encadernado, á quem glozar o seguinte

MOTTE:

*Por querer fazer discurso,
Ficou com cara de asno.*

Sr. redactor.—No dia 27 de abril compareceu á barra do tribunal do jury a creoula Ignez Maria das Dores, accusada pelo imaginario crime de ferimentos graves feitos em Maria Salomé; porém, á despeito da encarnizada perseguição que contra ella moveu um celeberrimo Totoló, por meio de seus protectores, foi toda essa monstruosa e repugnante trama anniquillada, graças á rectidão de consciencia dos dignos julgadores, que assim desfizeram os planos de odienta e miseravel vingança, com que se pretendia opprimir a uma fraca mulher, por motivos, talvez, bem ignobeis.

Honra á respeitavel instituição do jury, taboa de salvação para o desvallido que se vê nas garras da prepotencia!

Do depoimento das treze testemunhas, que compareceram, resultou evidentemente que todo esse processo não era mais que um negro tecido, perversamente engendrado, para nelle se involver a accusada, levando-se a malignidade ao auge de mandarem tirar ventosas e applicar sanguesugas, na supposta offendida, para assim fazer crer que ella estava gravemente molestada.

Queira, Sr. redactor, publicar estas linhas, para sciencia do publico.

A Barcaça do Brocô.

VARIÉDADES

Theramenes, um dos trinta tyrannos de Athenas, estando á meza com alguns de seus amigos, a casa abateu sobre os convulados; elle foi o unico que evitou a morte. Admirando cada um a sua felicidade, retirou-se muito triste, exclamando consigo: «O' fortunado a

que desgraça me reservas tu pois?» Foi condemnado á morte passado algum tempo.

Um certo sujeito, para fins que lhe convinham, pedia a um facultativo que lhe passasse uma certidão de doente, quando elle se achava de perfeita saude. O condescendente e facil esculapio promptamente annuiu, e passou uma certidão em que o figurava quasi impossibilitado de mover-se. Recebida a certidão, metteu o sujeito um embrulhinho na mão do facultativo, e retirou-se. No dia seguinte encontrando-se ambos, lhe diz o facultativo:

—Olhe, senhor, que os dous cruzados novos que hontem me dêu são ambos falsos.

—Não tem de que se queixar, respondeu o sujeito: a paga foi da mesma natureza que a obra.

Um sujeito que padecia de dôr de pedra; adquiriu a molestia da gotta e dando parte d'isto a um amigo que o visitava, lhe respondeu este mui sisudamente:

—Estimo muito, e lhe dou disso os parabens.

—Como! replicou o doente espantado do cumprimento.

—Não tem duvida, respondeu o outro; sempre ouvi dizer que gota a gota se desfaz a pedra; e desse modo se verá V. livre da pedra por virtude da gota.

CHARADA TIBURCIANA.

Avistei (1) uma lettra (1) na musica (1) tocando lundú.

EXPLICAÇÃO DAS CHARADAS DO N. ANTECEDENTE.

1. Rebollo; 2. Eleitor; 3. Canada; 4. Parafuso; 5. Veado; 6. Femenina; 7. Convento; 8. Vapor; 9. Jasmim; 10. Casaca; 11. Somno.

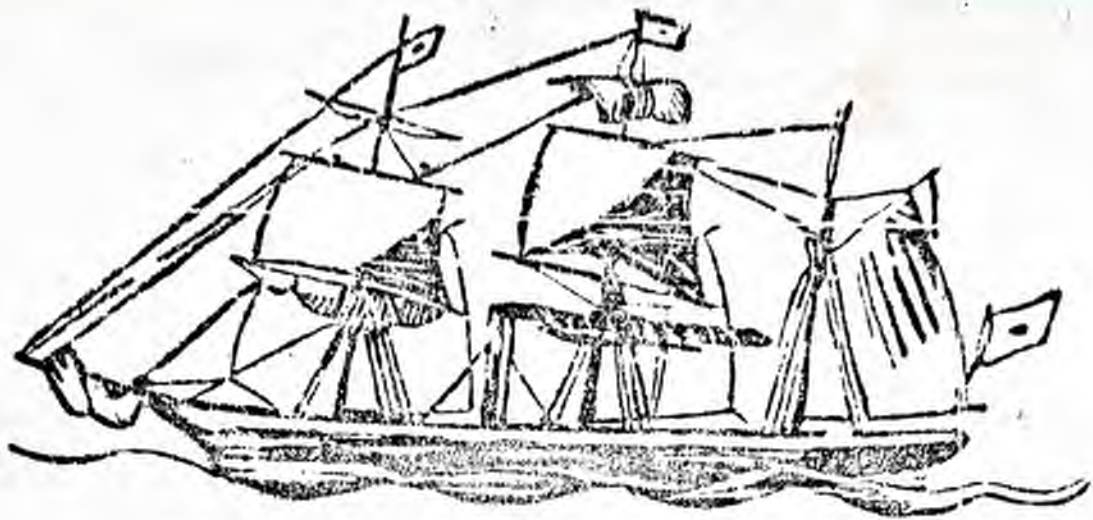
ANNUNCIOS

Na rua Direita do Collegio, n.º 7, 2.º andar, precisa-se de uma ama de cosinha.

Na rua do Pão-de-ló n.º 25 1.º andar precisa-se alugar uma negra captiva que saiba cosinhar, paga-se bem agradando.

Na loja do Tabyra precisa-se fallar com o S. João Martins da Costa, que foi caixeiro do Hotel das nações, para negocio que não ignora.

Nesta typographia ou na loja do Sr. Manuel do Carmo Moreira Junior, á rua Direita do Collegio, se dirá quem precisa de um hortaleiro.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 51

Preço á assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

21 DE MAIO DE 1869.

Ns. 507 e 508.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
20 de maio de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, communicando-lhe que no sobrado n.º á rua da Lorangeira, occupado por africanos, ha todas as noites matizada e algazarra, propria de semelhante gente.

Na quarta feira á noite, era ahí espancada uma preta, a qual bradava inutilmente por soccorro. Recorre-se a S. S. pedindo que tão importunos moradores sejam obrigados a portarem-se como se deve morar entre familias, o que espera-se.

—Ao Illm. Sr. inspector da illuminação publica, ponderando-lhe que sendo nas noites de inverno que mais se precisa de boa claridade nas ruas, é justamente quando tem ella diminuido sensivelmente de grau, a ponto de tornar-se peor do que no tempo em que era feita á azeite. Em vista do que pede-se a S. S. que tome medidas afim de remover semelhante inconveniente.

—Ao mesmo, fazendo-lhe ver a maneira tardia com que é feita a illuminação na rua do Castanheda, succedendo muitas noites que ás sete horas e tres quartos esteja ella em trevas. Conta-se com a intervenção de S. S. para que cesse semelhante falta.

—Ail... ail... Quem me acode!... Estou morto!...

—Dê cá a mão, amigo, levante-se.

—Não posso; tenho esta perna desconjuntada!... Uil... uil... morro!...

—Pobre homem, coitado! Privado da vista, veio despenhar-se neste maldito baraco!

—Atraz dos apedrejados, correm as pedras.

—E não ha quem se importe do infortunio do povo!

Tantos olhos que tem a camara, ainda não houve um que encher gasse este tremendo baraco, capaz de sepultar um homem, na la-deira do Genipapeiro!

—A pobreza está mais alliviada.

Estes dias tem havido carne de dous vintens.

—Mas que carne, meu amigo!

E' verdadeira carniça; poderoso auxiliar para a dysenteria e o catharro.

—O caso é que se vende.

—O que não admira; admiração é ver a impassibilidade com que os fiscaes assistem se empestear o povo!

—Sabe que estou para lhe dizer uma coisa ha muitos dias?

—Qual é?

—A surpresa que me causou ver a policia fora de sua habitual pachorra.

—Como?

—Pelo movimento em que andou na noite

do assassinato do norte-americano Steaven.

—Fez sua obrigação.

—Nem tanto.

Eu fiquei pasmado. Pareceu-me ser suspeita de alguma insurreição. Carreiras e mais carreiras, cavallos á galope, as authoridades acceleradas, archotes pela rua e um espalhafato nunca visto. Até eu fui reconhecido por um sujeito no becco do Viva Jesus!

—V. não vê que o homem era estrangeiro, e não é la das melhores cousas duvidas com os Estados-Unidos.

—Eu creio que foi isso mesmo. Parece que o Sr. Assis ja previa o desaguizado entre o barão de Cotegipe e o ministro americano e não qüeria aggravar a situação.

—Desde domingo até terça feira, houve um *samba* nos Coqueiros, que encommodou a todo o mundo, menos ao subdelegado, inspectores e patrulhas.

—Para que falla em subdelegados?

—Por que, são inviolaveis?

—Para amanha ver um desmentido no *Jornal*?

—Não dê o cavaco. Cego é o que não vê.

Elles não fazem mais do que se desconceituarem com isso.

—V. recebeu jornaes pelo *Cruzeiro do Sul*?

—Alguns.

—O que ha?

—No dia 11, o famoso harmonizador e equilibrista deste imperio, passou revista aos seus voluntarios, e deu-lhes o seu costumado benedicite.

Sobre a emancipação servil nem pitada!

—Desillusão para alguns imbecis que ainda acreditavam em sapatos de defunto.

—Entretanto, ao passo que o ministro americano dirigia uma nota ameaçadora e insultuosa ao governo imperial, o Sr. D. Pedra 2.º dizia na camara dos deputados:

«São amigaveis as relações do imperio com os governos das nações estrangeiras, excepto o do Paraguay, onde tem proseguido, com honra e gloria para o Brasil e para nossos alliados, a guerra a que nos provocou o presidente Lopez.»

Depois continua sobre a guerra:

«A constancia e heroismo dos voluntarios da patria, da guarda nacional, do exercito e da armada, tem triumphado de todos os obstaculos oppostos, ja pelo terreno, ja pelas fortificações do inimigo.»

«Contrista-me profundamente a morte de tantos brasileiros: entre elles sobre-sahem alguns de nossos mais distinctos officiaes.....»

—Martyres obscuros desta longa guerra, mães que lá perdestes vossos filhos, filhas que choraez vossos paes, viúvas desoladas, irmans sem abrigo, orphans desamparadas,

dae-vos por consoladas e beijae reverente a mão do imperador do Brazil, que em sua divina misericordia contristou-se com a morte de tantos brasileiros!

—«As rendas publicas, continua o excelso monarcha, tem tido incremento, que permite confiar nas forças productivas do Brazil.

—Por isso mesmo é que nos mandam acabrunhar com impostos, assassinam a industria e querem acabar com as artes e officios.

—Terminado o chavão do estylo, o mais sabio e philanthropico dos monarchas do mundo, retirou-se do meio dos seus fieis crentes pela mesma maneira porque entrara.

—Estava feita a felicidade do povo, que pode esquecer o nó das cordas, o arrocho das algemas, o opprobrio do tronco, o martyrio da cruz, e emfim o tiro de espingarda, porque Cezar deu um ar de sua graça.

Quanto a guerra que o Sr. Caxias deu por finda, continua.

«No dia 25 tornou a haver um pequeno conflicto nas immedições de «Patinho Cué,» além de Luque. Ceube naquelle dia a costumada descoberta ao 5.º corpo de caçadores á cavallo, cujas avançadas, acommetidas repentinamente por uma força de infantaria paraguay, sahida de uma mata, soffrêram uma descarga que matou quatro praças e ferio um capitão e um soldado; rompêram os nossos valentemente a linha inimiga, causando-lhe varios mortos e feridos, e retiráram-se não tendo ordem de occupar a ponte de «Patinho Cué nem de passar além della

Uma expedição ao mando do bravo Jeronymo Gonsalves, composta dos monitores *Piahy, Ceará e Santa Catharina* e mais tres lanchas a vapor, foi a mandada a 18 do p. ao arroio Manduvirá, a qual penetrou por elle acima umas 60 leguas.

Vou ler lhe a parte mais interessante da correspondencia do *Jornal do Commercio*:

«*Esquadra brasileira na Assumpção, 1 de maio de 1869.*

«A esquadra acaba de praticar um desses commettimentos de tanta ousadia, que bem patenteia que somos descendentes daquelle povo de heroes, que poz pé invencivel, na Asia, como na Africa e America; e por uma coincidencia notavel, o chefe da expedição, de que vamos dar noticia, é commandante do *Colombo*, e filho da primogenita de Cabral.

«Começou a viagem pela madrugada: passou-se todo o Manduvirá, costeou-se parte da grande lagôa de Aguaracaty, entrou-se no arroio-Hondo e dahi no Mbutuy, que, através de mil difficuldades, nos deixou chegar en face da villa de Caraguataby, onde justamente tem sua massa central a cordilheira de Caa-guazul «Estava, pois, devassado o abrigo da fera sanguinaria que tem o nome Lopez.»

«A esquadra brasileira fez fluctuar suas

bandeiras no coração mesmo do Paraguay!

«Levamos seis dias a chegar ali, por que não conhecíamos um palmo do caminho que trilhávamos através de mil dificuldades, n'um riacho estreito e de pouco fundo, coberto de mato por ambos os lados. Mas vimos que desde o segundo dia de viagem eramos seguidos por terra por forças de cavallaria, e a noite cuidadosamente vigiados.

«Quando chegamos em frente a villa, tendo os monitores parado por não haver fundo para a navegação, avistamos aavez o arvoredor de uma volta do riacho os 3 vapores paraguayos postos a secco, adornados sobre a terra. Gonçalves quiz desembarcar e ir incendial-os, mas subito surgiu das matas um regimento de cavallaria, e formando em meio circulo, occupou a nossa vanguarda, enquanto outro executava a mesma manobra pela nossa retaguarda, e auxiliado por força de infantaria. Não tínhamos levado força para desembarque, e porque ninguem suppunha que estivessem tão longo os ditos vapores, havia Gonçalves mandado pedir mantimentos e carvão para continuar a derrota, e para isso despachara duas lanchas, diminuindo portanto a nossa gente.

«Assim mesmo embarcou elle na lanchinha que conservara comsigo e buscou nella aproximar-se dos vapores inimigos. Nem para a propria lanchinha havia agua! E Gonçalves voltou ao monitor, desesperado desta contrariedade.

«Os inimigos não se moviam.

«Então, com uma calma nobre, todos os officiaes vendo que baixavam consideravelmente as aguas dos rios, deliberaram almoçar a vista do inimigo e fazer saltar os monitores antes do que entregal-os ao inimigo.

«Todos sabem que os monitores são de 120 pés de longo sobre 28 de largura, e que a peça, as machinas e uma pequena coberta occupam a cavidade e que em cima existe no meio uma torre de pouquissima elevação. Tal navio semelha, pois, uma jangada; bom instrumento de guerra, não tem accommodações algumas; almoçou-se, pois, ás 2 horas da tarde no convez, em face do inimigo, sorprendido de tanto sangue-frio. Fimdo o almoço, e icado o signal de combate, si fossemos agredidos, levantou-se ferro, e caminhamos de pôpa aguas abaixo, pois o maximo da largura desses riachos quasi todos é de 12 braças, e o minimo de 7. A proporção que caminhamos ouviamos distinctamente multiplicados, e repetidos golpes de machado. Os paraguayos nos seguiam; por vezes de noite, quando fúntleavamos, tentaram abordar-nos. Fizemos fogo de metralha e de fuzilaria: elles recuaram.

«Cortaram-nos a retaguarda pelo rio, disse Gonsalves, e estou afflicto por não saber si embaraçaram a sahida das lanchas. Estas, porem tinham partido a buscar carvão, e nós continuamos a derrota, por isso o inimigo preferiu-nos como presa maior. Ora, pelo que estavamos descortinando desse paiz, tão pouco estudado e conhecido, estavamos por traz do acampamento de Lopez mesmo, vimos os campos do seu gado, vimos parte de sua gente, e todo o terreno plano largo, que fica entre o Rosario e Santo Estanislau e Caragualaby, Tobaty, Caacupé e Escurya até talvez o Paraguay!

«Proseguindo, encontramos de ambas as margens cortadas grossas arvores, e por espaço de cinco braças consecutivas, a fim de entupir o rio e prender-nos.

«Era o trabalho de uma noite executado por muitos paraguayos.

«Passamos a tempo e salvos, porque os interrompemos de madrugada.

«N'outro ponto encontramos enormes vigas atadas umas ás outras com fortes guascas, e trincheiras em ambas as margens.

«Rompemos o caminho, e ainda passamos. E sempre a ouvir golpes de machado!

«Mas, no terceiro ponto, n'uma volta do rio, encontramos os trabalhos todos concluidos, a que prova que elles começaram de baixo para cima, á proporção que nos viam subir o rio, e abi, apercebendo-se de nosso regresso o tempo, concentraram 1,200 homens, artilharia, boas trincheiras em ambas as margens, torpedos em numero de 3, dos quaes um com cinco arrobas de polvora e uma bala ôca, enorme, vigas, canôas, arvores entupindo o rio, correntes de ferro, cordas passadas em quatro voltas, e até carros de bois! As lanchinhas felizmente ja tinham passado. Quando chegamos a esse ponto, que se chama o Passo de Tabaty, rompeu vivissimo fogo de artilharia e fuzilaria de ambas as margens de tão estreito riacho, e 200 homens decididos tentaram abordar os nossos navios. Foi um porfioso combate que durou 5 horas, e houve uma mortandade horrivel de paraguayos!

«Os monitores ancoraram mesmo em frente do inimigo á queima-roupa, e enquanto um metralhava uma das margens, os dous outros metralhavam a outra.

«Não descrevo o combate. Imagine-o quem puder. Basta dizer que o enthusiasmo dos brasileiros era tal que se batiam aos gritos de «viva a nação brasileira, viva o Imperador, viva D. Pedro II, viva a esquadra,» e a fuzilaria nutrida e a artilharia aterravam o inimigo. Muito mais de 100 paraguayos (os da abordagem que traziam afiadissimas facas para nos desbaratar) foram mortos.

mo. Ferimos muitos, outros caíram em nosso poder, e entre elles um ajudante de campo de Lopez, de nome Hernandez, um major que expirou pouco depois, um alferes, etc.

«Rompeamos os obstaculos todos, cortamos correntes e cabos, e viemos ancorar perto da 1.^a divisão, onde o chefe Victorio Lombanos esperava ansioso.

«Foi tal o combate e tal a importancia que Lopez ligava á posse ou destruição dos monitores, que lhe devassaram a sua cordilheira, que o ajudante de campo, nesse prisioneiro, nos revelou que o commandante da força paraguaya fôra preso por ordem de Lopez, furioso por nos ver passar aguas abaixo no ponto um pouco acima daquelle em que combatemos!

«Ah! era um punhado de bravos brasileiros que ali defendiam a bandeira, a honra nacional. O proprio medico, Dr. Oliveira Coitinho, tomou uma espingarda e bateu-se; passando com aquelle vagar que lhe é proprio, de ré á prôa e vice-versa, a peito descoberto, e onde melhor pontaria podia fazer. E por que quasi toda a viagem os paraguayos o viram de binoculo a observar, parece que lhe tinham vontade, pois que as balas zuniam a seu lado e duas elle apanhou que se despedaçaram no costado do navio, e de ricochete bateram-lhe. Os commandantes mesmo na occasião do combate, o cumprimentaram com seus bonés, ao que elle respondeu e continuou a fazer fogo.

«Conserve o paiz os nomes dos valentes brasileiros desta arrojada expedição, cujas consequencias para a guerra são de muito grande alcance, como demonstrarei pelo proximo paquete.

«Vae partir o paquete, e por isso aqui faço pausa, referindo que Lopez, segundo affirma o seu ajudante de campo, tem (9,000) nove mil homens em armas!»

—Leua noticia que deu o *Jornal da Bahia*, do dia 18 do corrente, ácerca da menor Joanna?

—Não; o que diz ella?

—Diz—a policia verificou que esta menor, de quem ha dias tratou o *Alabama*, não estava seviciada; mas, entretanto, mandou-a para o poder de pessoa capaz, a quem mostrou a mesma menor desejo de acompanhar.

—Ora, si a menor não tinha sevicias e era bem tratada na casa do Sr. Letto, para que a policia retirou-a de lá?

—E sendo assim a menor não mostraria desejos de ir para a companhia de uma pessoa capaz, como diz o *Jornal*, sem declinar o nome d'essa pessoa.

—E melhor que diga:—Com effeito, a me-

nor Joanna estava cheia de sevicias, e por isso foi retirada pela policia da casa do Sr. Letto; mas convem occultar tudo isso, por que esse homem é irmão do escrivão de paz do 1.^o districto de Santo Antonio.

Essa é que é a verdade!

O Sr. Letto empenhou-se e por causa dos empenhos tudo ficou abafado.

—Por força; quem tem padrinho não morre pagão.

—Novo incendio na Praça do mercado!

Hontem ás 11 horas da noite as egre ag davam signal de fogo; felizmente foi logo abafado.

—Essas reproduções vão dando o que pensar.

—A policia que ande alerta.

—Emquanto o Sr. D. Pedro 2.^o, fallando aos representantes da nação, esquece-se de uma questão de vital alcance para este paiz, questão que elle mesmo pareceu mostrar-se vivamente interessado por ella, empenhando sua palavra, ante diversas sociedades estrangeiras, a patriotica sociedade Limeirense inicia um projecto para abolição da escravatura e consulta a opinião do senador Nabuco á respeito.

—Tem ahí á mão?

—Fiz-o.

—Leia para eu ouvir.

—Ouça:

PROJECTO

PARA A EXTINÇÃO DO ELEMENTO SERVIL NO IMPERIO DO BRAZIL.

Art. 1.^o Do dia 1 de janeiro de 1880 em diante o ventre escravo será declarado livre em todo o imperio do Brazil!

Art. 2.^o Do dia 1 de janeiro de 1901 em diante será proclamada a liberdade geral dos escravos no imperio.

Art. 3.^o Os poderes competentes farão baixar as leis e regulamentos necessarios para a realisação desta emancipação, sob as seguintes bases:

§ 1.^o O governo mandará desde ja abrir em todos os municipios a matricula dos escravos existentes com a declaração do nome, sexo, idade, estado, cor, officio, e sob que titulo de dominio é possuido cada um. Esta matricula se repetirá todos os annos na mesma época.

§ 2.^o A lista municipal das matriculas será remettida aos juizes de direito das respectivas comarcas, que formarão em resumo um mappa estatistico, e enviarão ao presidente da r vincia.

§ 3.º Aberia a referida matricula nos municipios, cada proprietario é obrigado a exhibir uma relação de seus escravos com as declarações do § 1.º

§ 4.º O escravo que não for dado á matricula, por culpa ou malicia de seu proprietario, *ipso facto*, será considerado livre.

§ 5.º O proprietario no acto da entrega da relação dos seus escravos para a matricula, receberá em troca um conhecimento ou nota declarativa do nome, idade, estado, sexo, naturalidade, cor, officio, e sob que titulos são possuidos. Este conhecimento será rubricado pelo agente e escrivão da repartição municipal encarregada da matricula, e servirá de titulo legal de propriedade d'ahi em diante.

Art. 4.º O governo creará estabelecimentos agricolas e industriaes para receber o fructo do ventre livre.

§ 1.º Os nascidos depois de 1879 serão criados e alimentados pelos proprietarios até a idade de 8 annos, idade esta em que serão recolhidos para os ditos estabelecimentos, recebendo em troca uma apolice do governo do valor de 500\$ de 6% ao anno, e nascidos de 1890 em diante devem ser recolhidos em 1901 a estabelecimentos de caridade mediante indemnisação proporcional.

§ 2.º As erianças recolhidas para estes estabelecimentos serão conservadas na aprendizagem e nos labores proprios da sua idade, até completarem 13 annos, e então seus serviços contratados por conta dos mesmos estabelecimentos, e assim servirão até perfazerem a idade de 21 annos, idade em que poderão trabalhar no que lhes convier como homens livres que são.

§ 3.º Os escravos que não forem apresentados á matricula na forma do art. 3.º, cialora considerados livres pela força do § 4.º do mesmo artigo, serão apprehendidos, e recolhidos aos mencionados estabelecimentos, e ahi trabalharão sob contrato até o dia 1 de janeiro de 1901, época em que seguirão a carreira que lhes convier.

Art. 5.º Encerrada a matricula; toda e qualquer transferencia de dominio de escravos será nulla, desde que se não faça acompanhar de prova authentica de matricula ou do conhecimento de que falla o § 5.º do art. 3.º

Art. 6.º Todos os proprietarios de escravos são obrigados a participar dentro em 30 dias á agencia municipal da matricula o obito e o nascimento dos seus escravos.

§ 1.º Os que incorrerem em falta perderão o direito de propriedade sobre o escravo nascido e a indemnisação de que trata o § 1.º

do art. 4.º, se for recolhida aos estabelecimentos do governo mesmo os de caridades. No caso de morte não fazendo a participação de que trata o artigo precedente será o proprietario responsabilizado perante os tribunaes do paiz.

§ 2.º O proprietario que dando parte do nascimento de um escravo mostrar que o libertou na pia baptismal, poderá gozar dos seus serviços até a idade de 15 annos, sendo porem, obrigado a mandar-lhe ensinar a ler, escrever e contar.

Art. 7.º No dia 1 de janeiro de 1901 todos os proprietarios levarão ás repartições respectivas o conhecimento ou documento legal que prove a existencia de escravos que ainda possuem e pelos seus valores terão uma indemnisação proporcional.

§ 1.º Para esta indemnisação se procederá a uma avaliação em que seja representado o interesse particular por um leuado de sua escolha, e o da fazenda pelo seu respectivo fiscal, ou seus delegados, com recursos aos chefes das thesourarias ou seus agentes.

§ 2.º Servirá de base para ditas avaliações a idade e o sexo, e attendendo-se ao valor actual, para conhecimento do que o governo mandará formar uma tabella do termo medio pelo qual foram vendidos no anno de 1858.

§ 3.º Para creação de fundos para esta indemnisação será levantado, desde já, um imposto de 3\$ por cabeça de escravo. A somma arrecadada será recolhida para bancos territoriaes, os quaes se encarregarão da referida indemnisação, e só poderão fazer emprestimos a lavoura directamente.

§ 4.º O governo por seus regulamentos garantirá e resguardará o interesse desses bancos, estatuinto sobre o modo e condição do emprestimo, e favorecendo as necessidades da lavoura.

Art. 8.º Será promulgada uma lei sobre o trabalho livre com juizes especiaes, processo verbal e summarissimo, gratis, onde fiquem claras e definidas as obrigações de locador e locatario, derogando-se as duas leis de 1830 e 1837, que por obscuras e não interpretadas têm tornado da sua execução um cahos para ás partes que litigam e um labyrintho para os juriseconsultos que as compulsam.

§ 1.º Abrir-se-ha uma matricula em a qual se inscreverão todos os trabalhadorer livres, sem propriedade, com declaração do nome, sexo, idade, cor, nacionalidade e emprego que tem. Na occasião da matricula receberão uma papeleta, sendo obrigados a vir declarar a matricula qualquer mudança de estado, e de emprego.

§ 2.º Os que incorrerem em falta, serão mul-

tados em \mathcal{D} ou coagidos a pagar esta multa pelo valor do trabalho em obras publicas.

§ 3º Na mesma repartição desta matricula haverá um livro de registro onde serão registrados todos os contratos dos trabalhadores livres. Sem este registro os contratos serão nulos.

§ 4º Os juizes especiaes do trabalho livre julgarão sem demora, dando a sua decisão na mesma audiencia do processo. Não haverá embargos nestas causas, nem mesmo os á execução. Haverá appellação para os juizes de direito que tambem decidirão em termo breve.

§ 5º. De seis em seis mezes se reunirá um jury em cada municipio, composto de dous cidadãos chãos e abonados do logar, e o juiz especial do trabalho livre, onde poderão ser apresentados os contratos de trabalho livre, afim de serem examinados áquelles a respeito dos quaes algumas das partes se julgue lesada.

O jury fará com que os contratos lesivos se jam corrigidos e emendados na forma da lei. Os dous cidadãos membros do jury darão o seu voto a respeito, e o juiz especial presidente do jury terá o seu voto de qualidade.

O presidente lançará nos contratos o seu visto, que será rubricado pelos tres membros do jury.

Desta decisão não haverá recurso algum.
—S. R.

Limeira, sala das sessões da sociedade Democratica Constitucional Limeirense, 10 de janeiro de 1869.

Á PEDIDO

O JOGO.

Gentes da orelha da sota,
Não se queiram enfadar;
Não vos venho deprimir,
Mas sim do jogo fallar.

O jogo nesta cidade,
E' continuo na verdade,
Nelle entram espertalhões,
E homens de probidade.

Uns o tem por distracção,
Uns por lucrativo officio;
Por isso ou aquillo jogam,
Ainda com sacrificio.

—Despreza familia e honra
Todo o homem jogador;
Perde todo o sentimento
Até fica bebedor.

Atira-se irreflectido
Em enorme despenhadeiro;

Perde a saude o brio
E tambem o seu dinheiro.

Da familia se aborrece,
O homem que é jogador;
E torna-se preguiçoso
Si era trabalhador.

Quem se assenta p'ra jogar,
Isto é, p'ra perder dinheiro,
E' um louco que se atira
Em um abysmo verdadeiro.

Eu tambem gostei do jogo,
Delle sou mui conhecido,
Na roletta e no monte,
Bons cobres tenbo perdido.

Me acho pois habilitado
Para do jogo fallar,
Por que muito tenho jogado
E nunca pude ganhar.

Barro Preto.

AO HONRADO SR. DR. DR. CHEFE DE POLICIA,

Recorre-se pedindo-lhe escrupulosa attenção para o seguinte que nos informam:

O creoulo Benedicto Belchior dos Reis, acha-se illegalmente detido na Correcção, desde 31 de julho do anno passado, sem haver commetido crime, nem existir nota de culpa contra elle.

Tem dirigido 13 requerimentos a S. S. sem que nenhum delles tenha podido chegar ao seu conhecimento.

Foi escravo de Victorino do Amaral Bate-lho, o qual adocendo, deu-lhe faculdade, bem como a outros escravos, para agenciar dinheiro para sua liberdade. Benedicto tomou a Henrique Pinto de Novaes 640 \mathcal{D} rs., sob condicção de pagar-lhe 740 \mathcal{D} rs., com os quaes recebeu de seu senhor a carta de emancipação, carta que se acha em poder de uma parda de nome Lucinda, que a retém como garantia de uma divida de 50 \mathcal{D} rs., de que é credora de Benedicto.

Sucedeu porem que tornando-se elle omisso em seu debito para com Pinto de Novaes, a quem so deu 99 \mathcal{D} 800 rs., por conta, este o mandou prender e o conserva como seu escravo.

Pretendendo-se forçal-o a ir para S. Thomé de Paripe trabalhar em um engenho, como se recusasse foi algemado e seviciado.

Si essas informações são exactas, é semelhante facto uma requintada oppressão e atroz constrangimento da liberdade individual, e violação flagrante das leis do paiz, e um insulto a sociedade, razão por que le-va-se ao conhecimento de S. S. pedindo que

se digne de mandar ventilar-o de maneira que de qualquer forma não continue aquelle in- a soffrer n'uma masmorra.

O brado da humanidade.

—Si o Sr. thesoureiro da pia irmandade dos Corações de Jesus e Maria, erecta nos Quinze Mystérios, já recolheu algum dinheiro, lembre-se dos pregadores, no dividendo que fizer.

Temos por diversas vezes estampado nestas columnas factos praticados pelo *Moreirinha*, os quaes provam exuberantemente que elle não tem aptidão para ser authoridade policial, visto que não pode infundir conceito, destituído com é de criterio, e por demais conhecido, na freguezia onde exerce o cargo, por prevaricador relapso, concussionario e venal.

Surprehende, e por mais tratos que se dê ao juizo, é impossivel descobrir a razão de ser, a conveniencia que ha em conservar-se como authoridade um homem desconceituado n'uma freguezia, onde ha caracteres circumspectos, intelligentes, honestos e moralizados, que podiam desempenhar tão importante cargo sem enlameal-o.

Porem... são cousas da epocha.

O MUNDO AS AVESSAS.

(Continuação.)

E' maluco -- si nunca nas casas
D'alguns grandes, vae para lambar
La os pratos... por bajulação,
Para assim uma posição ter...

E' maluco—si acaso não leva,
A um baile ou festim, a mulher,
Ou as filhas... p'ra alguém desfructal-as
La em tudo... que mui bem quizer.

E' maluco—si acaso não joga
Com infamia e com vil bandalheira,
Si, por *magica* ou escamotagem?
Tratantice... não faz ladroeira.

E' maluco—si não anda a moda,
Mui gamenho e mui bem penteado
Si não traz um relógio e luneta...
Seja embora fiado, emprestado...

E' maluco—si em casa não faz
Sempre um baile, presepe, ou funcção,
E' maluco si a caso não sabe
Cantar chulas, tocar violão...

E' maluco—é chamado idiota,
Quem, de autores os mais illustrados,
Não publica, em seu nome, uns escriptos
Sem vergonha de os dar, plagiados.

E' maluco—todo aquelle que
Não costuma calotes pregar,
Aos logistas e aos sapateiros...
Para sempre mui gamenho andar

E' maluco—todo redactor
Que não ousa fazer falso artigo
Contra quem não merece... e a verdade
Não occulta em favor d'um amigo.
(Continúa.)

VARIEDADES

COPIA FIEL DE UMA CARTA MANDADA POR UM NAMORADO A SUA NAMORADA.

Alto encanto do Nume do meu mavioso coração.

Sem que eu possa ter na doce ideia, lembrança alguma do mais rancoroso, e desafortado desejo, pego n'esta para te fazer conhecedora do afogado amor que brandamente possuiste meu esfervecente peito, que palpita a todo instante por ti, qual bole dentro da barriga da mãe o innocente fectó que ainda não nasceu, por isso que a tua angelidade se transforma em ternura com a bonança do tempo de repente em horri-vel tempestado, e assim teus olhos sedentos espanca n a perfeição da minha alma que só tem alimento quando através de tua belleza peregrina revela um deço, e infavel agrado—Não deseja atirar-me em tão elevado Polo para cair, como é certo, em tão discontente emiserio; por quanto o meu todo que seduz a mais inabalavel rocha, não pode esperar de tua candura, mais do que uma recente dedicatória,—sem todavia eu querer offender ao teu melindroso acatamento em exceder no topico de minhas paixões o quanto é dado, a quem podera de perto reconhecer a prenhez de teu pensamento de virtudes, e estipulações.—O meu estado de saude, que com um teu desenrolamento, póde melhorar, é o mais che'o de investigações, e estas produzidas d'um olhar que tu desmoronastes sobre as partes do meu corpo as mais sensiveis.—Eia pois minha Adorada fantasia, recebe um beijo dado pela bocca figurada d'esto papel como se propria recebesse da minha e se por analogia tiveres ignaes congratulações espero que seremos os mais felizes no imperio de Cupido.

Teu amante simpatico.

Já sabes quem.

UM LARAPIO HABIL.

Dous sujeitos Ernesto G. e Luiz B., conversavam ha dias em casa de um cabelleleiro onde se estavam penteando.

—Então, sempre venceste a tua demanda? perguntou Ernesto.

—Felizmente, respondeu Luiz B.; recebi hontem os meus mil e quinhentas francos.

—Hoje então é dia grande, gasta-se como rei, não é isso?

—Não estou resolvido. Tenho o meu dinheiro na gaveta da minha secretaria, e amanhã vou empregal-o em acções.

—Compra-as antes já hoje.

—Hoje não posso, porque tenho muito que fazer, mas amanhã sem falta pela manhã logo.

Enquanto elles conversavam, assim acabou de barbear-se um sujeito, que se retirou, levando o chapéu de Luiz B. Suppoz-se que isto fosse um engano innocente, porque o chapéu deixado pelo desconhecido era novo. Enquanto ao tamanho era igual ao outro e serviu na cabeça de Luiz B.

A' noite, quando este se recolheu, encontrou a secretaria arrombada e os seus 1,500 francos de menos.

No dia seguinte, como não gostasse da forma do chapéu que lhe deixára o desconhecido de casa do cabelleiro, foi Luiz B. a casa do seu chapelheiro para encomendar um chapéu novo. Soube então ahi que no dia anterior se apresentara na chapelaria um sujeito com o chapéu d'elle, dizendo que o tinha trazido por equivoço, d'um café onde estava muita gente, não lhe sendo possível reconhecer ahi a quem elle pertencesse, tendo elle tomado em consequencia d'isso a deliberação de procurar o chapelheiro, o qual poderia por ventura conhecer o dono do chapéu, o que fizera. O chapelheiro tinha reconhecido o chapéu e ensinado ao individuo a casa do seu dono, o predio, o andar e a situação da parte do quarto que elle habitava.

Luiz B. lembrou-se então que pelo chapéu do desconhecido poderia tambem vir a conhecê-lo pelo mesmo processo que elle empregára. Examinára immediatamente o fundo do chapéu que hávia sido deixado em casa do chapelheiro. Lembrança inutil o chapéu do desconhecido não tinha o nome do fabricante.

Um sujeito todas as vezes que se ia confessar, dava na vespera uma grande massada na mulher. Perguntando-lhe um visinho a razão disto, respondeu: «E' para me forrar ao incommodo de fazer exame de consciencia; porque ella tem então o cuidado de me lembrar todas as minhas maldades.»

Um uzurario estava em artigos de morte. O seu confessor o exhortava ao arrependimento de seus peccados, e para fazer a sua exhortação mais pathetica, lhe apresenta um Santo Christo. O moribundo considerou-o fixamento, de modo que o confessor, julgando-o tocado

de devoção, lh'o entregou nas mãos. «Pouco vale, diz o doente restituindo-lh'o; não posso emprestar sobre elle mais que meia moeda.

El-Rei D. Affonso I, de Napoles, sabendo que um criado seu dizia muito mal d'elle, fez-lhe tantas mereês, que elle se viu obrigado a dizer das suas obras mil louvores. Avisado o rei disto, disse: «Folgo de que esteja na minha mão dizerem bem de mim os meus inimigos.»

MAGISTRADO POBRO.

O desembargador João Gomes de Campos passou sempre por um dos mais probos magistrados brasileiros.

Um dia apresentou se em sua casa a marquezia de... com uma carta de empenho afim de que elle lhe fosse favoravel em certa pretensão.

—Ah! Exma. Sra., disse elle, tende a bondade de abrir-me aquella gaveta.

A marquezia abriu a gaveta que estava cheia de cartas.

—O que vêdes Exma.?

—Cartas, muitas cartas, dirigidas a V. S. e todas lacradas, disse admirada a marquezia.

—Pois fazei-me o favor de botar tambem esta lá.

—Oh! Sr. desembargador!...

—Tende paciencia; tenho feito isto aos pobres e não posso ser mais generoso para com ricos. Lerei os autos e de accordo com a lei, que é melhor carta de empenho, decidirei a vossa causa.

A marquezia saiu pouco satisfeita para dias depois chorar a perda da sua pretensão, pois o voto do desembargador lhe foi adverso.

PERGUNTA.

Qual é o meio de achar a quaresma curta? perguntava um individuo a outro.

—E' pedir dinheiro emprestado na quarta feira de cinza para o pagar na Pascoa, respondeu este.

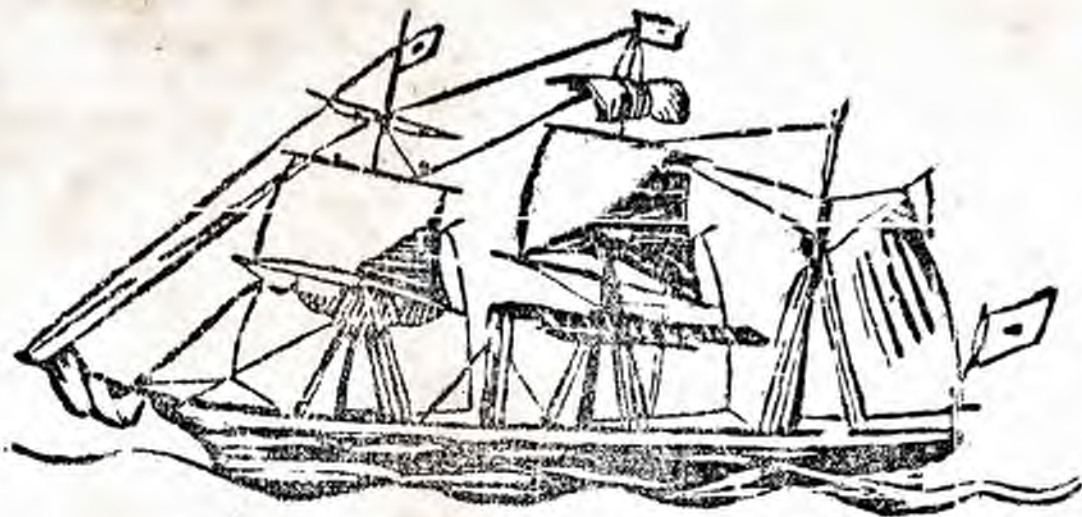
CHARADAS TIRBUCIANAS.

1.^a — Grita o pinto (2) pellado (1) sendo o mais completo instrumento de musica.

2.^a — O que tempera a comida (1) sendo letra (1) serve para receber visitas.

3.^a — Cobrindo a casa (2) de musica (1) cubro a casa.

A charada do numero antecedente é—Violla.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 51

Preço á assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

26 DE MAIO DE 1869.

N. 509.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
25 de maio de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, submettendo á sua apreciação a informação que nos fazem de que o allemão Luiz, estabelecido com fabrica de carros nos fundos do trapiche Julião, acha-se soffrendo de *elephantiasis*, em estado ja mui adiantado, e como o contacto das pessoas atacadas de semelhante mal seja reputado de perniciosos resultados para a salubridade, recorre-se a S. S. para que se digne mandar proceder a um exame medico no referido individuo, e o faça recolher ao lugar destinado aos que soffrem de tal molestia.

—Ao Illm. Sr. Dr. delegado do 1.º districto, participando-lhe que consta que o africano Pedro, morador á Travessa da rua da Lorangeira, becco da Ordem Terceira, castiga por maneira descommunal a sua escrava de nome Esperança, a qual, para prova dos maus tratos de que é victima, traz as costas retalhadas pelo constante latego do senhor.

Em nome da humanidade e da civilização da epocha, pede-se a S. S., que tanto se tem mostrado interessar pela observancia da lei, e tão a peito costuma tomar o direito e a causa do fraco, se digne mandar ir á sua presença a

referida escrava, afim de chegar ao conhecimento da **verdade**.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Conceição da Praia, **dizendo-lhe** que, tendo desabado no dia 16 o telheiro do sobrado n. 40, á rua da Preguiça, **cumpre** que S. S. tome medidas preventivas á **respeito**, uma vez que o mencionado sobrado, **arruinado** como está, com as chuvas da presente **estação**, pode vir abaixo e causar alguma **desgraça**. O que espera-se.

—Quer ouvir noticias do Sul?

—Chegou vapor?

—Não; são do *Tycho Brahe*.

—Já estão *passadas*; mas diga sempre.

—Leio o *Diario Fluminense*.

«As noticias que temos d'ali são más. As nossas forças são insufficientes e mal providas de tudo para poderem operar activamente contra o inimigo, a que agora ja se attribue forças superiores a 8,000 homens!

«Aguardava-se a conclusão da ponte do Yuquery para a marcha do exercito.

«O pessoal deste, isto é por nossa conta, não é superior a 15,000 homens, e talvez não chegue a tantos!!

«Começam a dar-se os pequeninos recontros de forças inimigas com as nossas. As marchas do exercito estão adiadas e dependentes de soluções por parte do governo á questões feitas por S. A. sobre a natureza das operações a empregar contra o inimigo, e recursos desto. Tinham os vapores, conducto-

res de cavallada e locomotiva para o caminho de ferro, encalhado!

«A fatalidade parece posar sobre nós nesta guerra, insensatamente dirigida sempre.

«O exercito está por pagar de seus soldos onze mezes, communicam-nos!! Entretanto aqui se afirma ter-se sempre enviado as sommas necessarias para os pagamentos de soldo!

«O que é então feito desse dinheiro, em mão de quem pára, e que providencias se dá para verificar-se toda a verdade?

«A situação de S. A. em presença das misérias que encontrou no exercito é essencialmente critica..

«Reconhece elle agora, e não o occulta, a gravidade que lhe resulta da sua *commissão forçada.*»

—O governo vive illudindo o paiz!

—Faça pausa; não quero discussões politicas aqui.

—Por quem é, capitão, deixe-me tagarelar um pouco.

Recorda-se V. Ex. do decreto que nomeou o conde d'Eu para general em chefe das forças em operações contra o Paraguay?

—Sim, por que?

—Dava-se como motivo a falta absoluta de outro general distincto para *dirigir o acabamento* da guerra...

—E' verdade.

—Mas o Sr. conde d'Eu chegando ao exercito da-lhe nova organização, e nomea ao legendario Ozorio para o commando do 1.º corpo, fazendo crer ao exercito que o invicto general volta breve ao Paraguay.

Não será isso desconceituar o nobre general e mesmo prejudicar a sua melhor vontade e patriotismo de voltar ao exercito?

Pois elle, o chefe idolatrado e estremecido, sobre tudo das forças do sul, não seria *distincto* para *dirigir o acabamento* da guerra, a ponto do governo ver-se na necessidade de preterir e comprometter as *altas razões de Estado*, nomeando o Sr. conde d'Eu, e agora serve para commandar o 1.º corpo de exercito?

—Homem, eu creio que isso não passa de uma trica, uma especulação que jogam com o nome do bravo general, para entreter a tropa com esperanças illusorias e animal-a nas novas operações contra o inimigo.

—Mas assim é uma ignominia que pratica o governo.

—O venerando Ozorio, consta que achasse absolutamente impedido de voltar ao theatro da guerra pelo grave estado de saude, e até falla-se na sua ida á côrte, aconselhada por seus medicos.

—Si o governo contava com a possibili-

dade de poder o general Ozorio apresentar-se de novo no exercito, do qual aquelle heroe é o idolo, commetten um erro gravissimo, denotou a maior falta do senso, nomeando o Sr. conde d'Eu, compromettendo as *altas razões de Estado.*

—Nada mais justo.

—Entretanto illude-se indecorosa e levianamente o povo com mentiras de character official; e que o nobre principe esposo da herdeira do throno é constrangido a firmar com seu nome!

—Veja a sollicitude e humanidade do nosso governo.

E' um bravo que morreu á mingoa, esquecido, despresado, abandonado, recebendo, por esmola de uma corporação estrangeira, o chão da sepultura, no solo que era seu, que elle regou com seu sangue defendendo-o.

«AS MEMORIAS DE UM BRAVO:—Sobre esta epigraphie lê-se no *Jornal do Commercio*, de Porto Alegre, a seguinte noticia:

«Sepultou-se ante-hontem, á expensas da sociedade portugueza de Beneficencia, o voluntario da patria Luiz de Vargas, que, no memoravel ataque de S. Borja, salvou a bandeira do 1º batalhão, pelo que foi condecorado com o *habito do Cruzeiro.*

«O governo pesou-lhe aquelle importante serviço, deu-lhe uma condecoração, mas *deixou-o morrer na indigena, victima dos padecimentos, que adquiriu em campanha!*

«Deixemos ao menos nós seus patricios, estas poucas palavras como tributo á sua memoria.

«Não nos é dado fazer mais.

«Fazer commentarios á esta eloquente noticia seria diminuir-lhe o merecimento. Basta que á beira do tumulo de heroe mendigo, levantemos um—viva ao Sr. D. Pedro II!»

—Antes ser subdito do sultão da Turquia, do que ter o nome de cidadão brasileiro!

—Não diga isso, rapaz; V. está hallucinado.

—Eu prefiro semelhante estado a este despotismo disfarçado, a essa tyrannia encoberta com que nos opprimem.

Do que serve dizer se que ha garantias para o cidadão, si não passa tudo de parolla?

O que eu vejo são tributos, vexames, compressão, illegalidades; a prepotencia no seu auge; a violencia e o arbitrio de cabeça alçada; o direito individual esmagado, a prerogativa do cidadão dilacerada.

—V. vae longe em sua lamentação.

—Pois quando me lembro, que eu de pobre artista, pago de aluguel de uma casa um pre-

co fabuloso, que Deus sabe como posso matar a fome da numerosa familia, com os generos caros como estão, que levo tres mezes aquartellado e fico individado, e ainda sou obrigado a perder mais um dia; sem necessidade, por causa do maldicto serviço da guarda nacional!

Um dia, que para mim vale um mez, pois fico compromettido com uma obra que tinha de dar em dia aprasado!

—E que serviço é esse? Algum destacamento?

—Não, Sr., fui avisado pelo sargento para hoje ir acompanhar o enterro de um guarda da companhia que falleceu; sob penna... ja sabe.

—Mas vae porque quer; não é serviço obrigatorio; a lei não manda.

—Ora! si eu estou a lhe dizer!...

—Comprehendo agora, si faltar vae preso: Quanto despotismo!

Como se constrange a vontade livre do cidadão!

Onde ja se viu obrigar alguem para acompanhar enterros!

—Onde vê não parece nada; roubam-me um dia de trabalho, arrancam-me 20 rs: do bolso, e tiram o pão da bocca de meus pobres filhinhos!

—E depois fallam em nome da lei, elles que tão sem pudor ferem a lei!

—O Sr. sabe? conversas não adubam sopa; vou tratar de limpar o armamento, e cumprir o que me ordenam para a cousa não ser peor.

—Pobre homem; tem muita razão; ainda si dissesse que o batalhão d'elle, que é o de Sant'Anna, estava aquartellado, bem!

Á PEDIDO

—Cada um dà o que tem.

—E não é a mais obrigado.

—Estou dizendo isto pelo que acabo de ver praticar por um tal Cafezeiro, com certo passageiro dos Vehiculos Economicos.

—O que foi?

—Uma acção estúpida e baixa, um proceder grosseiro e revoltante, um desacato a pessoa de um cidadão pacifico, uma desconsideração a immensidade de pessoas respeitaveis que vinham na gondola, um acto que, quando muito, faria honra a um moleque de cosinha.

—Acabe com isso.

—Em duas palavras.

Uma pessoa que foi a Montserrate, na volta, ignorando o que a companhia tem estabelecido entendeu, que podia embarcar em qualquer lugar.

—E' desculpavel; estando os trilhos entre-gues á concurrencia publica ha poucos dias, não é possivel que todos saibam das regras estatuidas.

—E nem todo mundo lê jornaes.

Mas ouça:

O passageiro, ao atravessar a locomotiva em Roma, aproximou-se e poz o pé na escada para entrar, ao que bradou lhe com voz de feitor de engenho o tal Café:

« So pode embarcar no ponto! »

E mal o insciente passageiro ia lhe perguntar onde era o ponto, ja elle mettia-lhe as mãos e atirava-o na calçada!

—E' bem mau issol

Uma empresa que aspira servir bem e captar a confiança publica, deve servir-se com empregados prudentes, zelosos e polidos, e não com gente que va procurar conflictos.

—Com uma simples advertencia prevenia tudo, sem ser preciso praticar acção tão inqualificavel.

—Entretanto o pobre homem alem de perder o seu dinheiro, foi desfeitoado e ficou desapontado no meio de tanta gente.

—Resta agora que os Srs. gerentes previnam a não reproducção de taes scenas.

—Capitão, acabaram com a canalisação do rio Camarogipe, de Brotas ao rio Vermelho.

—Então está no seu antigo estado, não?

—E' verdade

—Porque acabaram com ella?

—Porque alguns proprietarios d'ali, que tem plantações de capim, quebraram tudo, afim de esgotarem as agnas que ficam empossada nas suas plantações.

—O que admira é como a authoridade do logar consentiu semelhante cousa.

—Mas que quer si ella tambem é interessada?

—Tudo se hade ver nesta terra. Cada um procura sua conveniencia, embora com soffrimento do povo.

—A camara que tomè as medidas necessarias.

Chama-se attenção a camara que lança as vistas, da Agua de meninos até S. Francisco de Paula, a lama que conversa constantemente, que não se pode transitar senão em cima dos Trilhos, se vier algum Wagões como tem acontecido, não ha remedio sinão lançar-se a lama para não ser machucado. Assim entenderão os Senhores desta terra os Directores da Companhia Vehiculos Economicos.

Um Queixoso. (*)

(*) O author deste á pedido recommendou que fosse publicado como estava escripto.

—Capitão, ouvi hontem á noite em uma conversação de conservadores, que o Dr. Pedro Caetano, delegado do 1.º districto, vae ser nomeado juiz de direito, o que será nomeado para a delegacia o Sr. Dr. Altino Rodrigues Pimenta.

—E a quem nomearão para a subdelegacia da Sé, em lugar do Dr. Altino?

—Disseram que ao Sr. Francisco Leonardo da Conceição.

—E' uma boa... escolha.

—Capitão, um caso que revolta.

—Queira contar.

—O Dr. Baptista dos Anjos, indo ao convento de S. Francisco encontrou lá um rapaz pardo, que tinha sido escravo do convento, de nome João Florentino, de quem se agradou.

Esse rapaz, o convento libertou pela quantia de seiscentos mil réis, que elle offereceu para gozar de sua liberdade.

—Conte logo o caso, e deixe-se de floreios.

—Não estou floreando. Para V. Ex. avaliar o facto, é necessario que o ouça de seu principio.

—Prosiga.

—Tendo o Dr. Baptista se agradado do rapaz, chamou-o para seu creado, proposta que foi aceita.

Ora, como a natureza humana é fraca, succedeu que uma das famulas da casa inspirasse ao rapaz sympathia, ou mais alguma cousa; sem comtudo dar escandalo, nem desrespeitar a casa de seu *bemfazejo* amo.

A senhora do Dr., não sei porque, embirrou e fez com que o marido mandasse a rapariga para o Rio Grande do Sul, vendida.

Depois, entendeu ella que devia tambem deitar para fora de casa o rapaz, o que obteve de seu marido.

Mas ainda não ficou somente ahi a cousa.

O rapaz empregou-se n'alfandega, feito trabalhador; mas não estava satisfeita a vingança.

—E foi recrutado, não é?

—E' verdade. O homem foi ao chefe de policia e disse que o rapaz tentava contra sua vida. O chefe mandou chamar o pobre coitado n'alfandega e o recrutou.

O guardião empenhou-se pelo rapaz, pediu, rogou e não foi attendido; o capitão Camillo, do batalhão da Sé, a cuja companhia elle pertencia, requisitou-o, por ser até um guarda prompto, e não foi tambem attendida a sua requisição!

Cahi doente o rapaz de rheumatismo, em estado de não se poder mover; mas ainda assim seguiu no domingo, 16, porque havia ordem para elle embarcar, embora fosse carregado n'uma padiola!

—Com offeito! Grande accusação fez o Dr. ao pobre homem, que as authoridades saltaram por cima de tudo, só para ver o infeliz marchar para o matadouro do Paraguay.

—E isto não é nada. Os medicos o julgaram na inspecção incapaz do serviço da guerra!

—Oh! oh! Pois o Dr. Baptista dos Anjos que já está no ultimo quartel da vida, por pequeninos caprichos de sua mulher, tornou se em carrasco do seu proximo! Um medico que devia ser humanitario!

—Faltou á verdade perante a sociedade e perante Deus, constituindo-se accusador de um homem, que não lhe tinha o menor odio, somente para satisfazer a vontade de sua mulher!

E um homem desses não se lembra de que ha de apresentar-se um dia perante, Deus a quem elle não poderá enganar!

E um homem desses não pensa nos castigos eternos!...

Perdoai-lhe meu Deus, elle não soube o que fez!

Sr. João Vieira, guarda da 2.ª divisão dos menores do arsenal de guerra, responde, ja que é tão audacioso, si é verdade o magnetismo do relógio do Sr. Firmino, dono da casa de charutos na rua Direita de Palacio, o qual foi empenhado por 10\$ rs.

A ser verdade, o Sr. director Paranhos não deve consentir empregado com tão boas qualidades, á vista do procedimento que tem tido para com outros que não são dotados dellas.

O calumniador.

VARIEDADES

CHARADAS TIBURCIANAS.

Come a creança (2) e come o cavallo (2) na gaiolla.

Na cabeça das velhas (2) martyriso (1) o paraíso das moças.

Avistei (1) um pronome (1) na base de um homem (1) correndo entre montes e rochas (2) de que Deus me livre.

AMAR QUE TEMPO E'?

Perguntavam a um escholar que se examinava em grammatica:

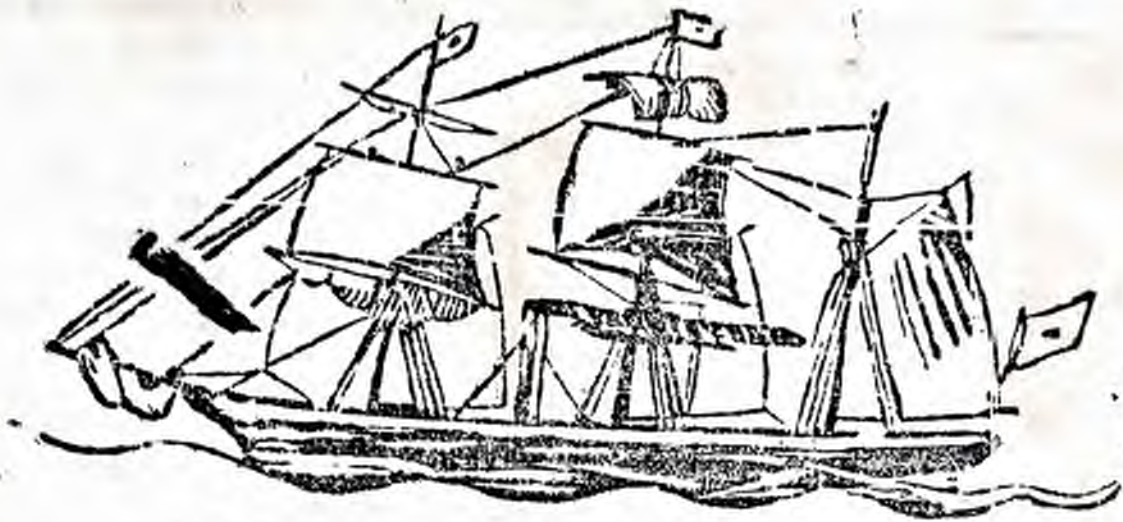
—Sabe as conjugações dos verbos?

—Sei sim, senhor.

—Muito bem; que tempo é amar?

—Tempo perdido, respondeu promptamente o examinando.

Talvez dissesse a verdade.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço á assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 52

BAHIA

29 DE MAIO DE 1869.

Ns. 510 e 511.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
28 de maio de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Santa Anna, dizendo-lhe que torna-se de urgente necessidade acabar com uma jogatina pertencente a um tal Santos, no becco do Mocotó, uma vez que os *parceiros* que la vão são todos gente da pá virada que pela menor duvida está *travando* e pondo a rua em alarma.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, comunicando-lhe que, na quarta feira 25, defronte da fonte do Xixi, houve cacetada por *borra* e facas fora, proveniente de rixa travada na casa de jogo de um tal Cypriano, sendo de admirar que o infernal alarido que fizeram os contendores não fosse capaz de despertar um unico agente da authoridade e da forza publica! Para evitar casos tão desagradaveis, cumpre que S. S. mande ir á sua presença o dito Cypriano e admoeste-o para que não continue com semelhante germen de continuadas desordens.

—Ao Illm. Sr. inspector da illuminação publica, participando-lhe que causa risco transitar á noite pela rua da Mangueira, freguezia de Sant'Anna, porque, além de estar ella actualmente convertida em atoleiros, permanece constantemente em trevas, devido ao descuido do accendedor; motivo por que pe-

de-se a S. S. tome serias providencias á respeito.

Portaria ao Sr. empresario do theatro, dizendo-lhe que a severidade de sua economia não deve estender se ao ponto de conservar o theatro em trevas até depois das sete horas da noite.

—Vejam só isto!

—O que é?

—Como se vende ao povo semelhante lazeira!... uma perfeita carniça!

—E' intoleravel!

—O povo o que devia fazer era leval-a de presente a quem tem culpa de que se esteja a metter-lhe na barriga semelhante peste.

—A policia anda desenfreada!

—Ella que deve ser um elemento de ordem?

—Para V. ver. Os soldados vivem a promover disturbios, a atacar a propriedade alheia; a commetter quanto desmando ha.

—E são os mantenedores da ordem!

—Sem commentario, ouça o seguinte facto e julgue:

Domingo, 23, o açougue de José Firmino de Oliveira, á Baixa dos Sapateiros, foi assaltado por uma escolta de policia, composta do cabo Evaristo e quatro praças mais, sendo uma dellas o soldado Gabriel de Amorim e Silva, as quaes, por calculado proposito, pediram duas libras de carne e á pretexto de que ella estava podre, lançaram mão de toda

que existia no talho e atiraram ao chão, ficando o que estenderam-se em linha na porta do mencionado açougue, á impedir que o povo entrasse nelle para comprar!

—E' um acto de ousadia e immoderação!

—Ouça até o fim.

José Firmino, correu immediatamente até o chefe de policia a quem expoz o insulto que acabava de soffrer, o attentado gravissimo que contra sua propriedade se tinha perpetrado, e quando esperava que a insolencia dos turbulentos, apadrinhados com a farda de policia, encontrasse um paradeiro, na austeridade da authority superior, viu, cheio de pasmo, reproduzir-se o acto de revoltante vandalismo contra sua casa de negocio!

Na quarta feira, a mesma escolta, commandada ja por outro cabo, foi de novo atacal-o e commetter os mesmos excessos de devastação!

—So de proposito!

—Eu quero dar de barato que a carne fosse má, que estivesse mesmo podre, por que ao povo se vende carne podre sem escrupulo, mas por ventura são os soldados de policia os competentes a tomar conta disso?

A municipalidade não tem os seus agentes?

—A continuar em essas investidas contra o direito e propriedade, onde iremos parar?

—Pois os soldados de policia devem se tornar em bandos de sibiusteiros a aggreir a segurança e a propriedade alheia?

—Meu charo, convença-se, nesta terra a policia é tudo: o mais infimo esbiero dispõe a seu bel-prazer da liberdade, propriedade e até da vida do cidadão.

—E elles, cuja é missão garantir, são os primeiros a dar o exemplo da pilhagem e do saque. Muito bem!

—V. conhece o Santos?

—Um, cujo estado normal é estar sempre chumbado.

—Esse mesmo.

—O que fez?

Na quinta feira, *wilrado* a não poder se aguentar, andava com um soldado de policia, atraz de si, a commetter mil desatinos: espancando mulheres, prendendo meninos, batendo em portas, etc.

—Muito bem vae a policia desta terra, quando um desalmado daquelles, ja dispõe da força publical

—Confiar um soldado a semelhante desvairado, é o mesmo que entregar um sacco de pedras a um doido furioso.

—Mais doido do que elle, é quem o authorizou.

—Em quanto que muita vez, para um caso grave, reclama-se o auxilio da força publica e ella nega-se.

—Ao passo que Santos questiona com Julio Feijoadá, em uma venda, vae ao destamento da policia com a maior facilidade, toma uma praça para prender ao seu contendor, que se escama, e depois sabe com ella, a praticar quanta loucura ha.

—Um sajeito trepado na columna do gaz. Aqui no Terreiro dão-se boas cousas; ja outro dia serraram uma arvore.

Ao menos agora que ha patrulha por causa do palanque, devia haver mais vigilancia.

—Mas V. não vê que o individuo que está trepado é justamente um soldado de policia?

Ah! agora é que estou reparando.

O homem é dotado de genio prestativo; subiu para dar fogo áquelle grupo que quer accender os charutos.

—E como não acerta para fechar o lampião, bate com o reflexo.

—Hajenão é terça feira?

—Até agora, que está dando meia noite.

—Pois tome nota de mais essa.

—Notavel incoherencia!

—O que ha?

—Cousas deste mundo!

Emquanto Pio IX, o ministro de um Deus de paz e amor, o chefe da religião d' Aquelle que expirou no Calvario para remir os homens, assigna sentenças de morte contra Mongoni e outros compromettidos politicos; o lutherano rei da Suecia, Carlos XV, nega-se a assignar uma sentença de morte pronunciada contra uma mulher envenenadora por um tribunal do paiz!

—Que differença!

—O rei declarou nessa occasião que, para o futuro não terá logar nenhuma execução capital no seu reino, e que, si a pena de morte não está nelle abolida de direito, quer que o seja de facto.

—Agora, pergunto eu; qual dos dois cumprem a doutrina do Homem Deus, pré-gada na terra; o Santo Padre que não sabe perdoar á fragilidade humana, ou o rei protestante que comprehende que não é licito punir um crime commettendo outro crime?

—E eu, para não ser fulminado por alguma *excommunhão maior*, nada lhe respondo.

—A seguinte carta de amores é muito fresquinha, segundo se vê pela data, e muito divertida pela franqueza do *amolador*:

«hoje 24 de maio de 1869

«Eu desejo fallar com Voçe as 7 horas da

noite não arepare o eu saber o seu nome.

mando perguntar-se vonce no Domingo recebeu um pandenlo desejo saber da resposta deste escripto quero que me mande um cavalo para encastoar em uma figa para mandar mesmo para la.—*J. A. de F.* um seu grido do coração Marocas do ceu.»

—Esta cartinha ao menos tem o cunho da novidade; o tal cujo quiz logo da primeira vez que escreveu fallar as 7 horas e deixou no rol do esquecimento o velho e usual modo de assignar—*O mesmo.*

—Eu faço ideia que rescendente almiscar de chulé não deixaria nas mãos da moça a carta do sebozo taberneiro.

—Fomos obsequiados com um excellente trabalho artistico, obra do distincto artista José Lauro d'Azevedo, o qual acha-se nesta typographia a disposição das pessoas que o quizerem admirar.

Agradecemos ao Sr. Lauro a sua offerta.

O SEculo DAS LUZES, E A CIVILISAÇÃO DOS MODERNOS.

Nas gazetas, nos livros, nas tribunas, nos salões, nas sociedades particulares, não se ouve sinão a estufada bazofia e soberba com que dizem os impostores da moda--estamos no seculo das luzes, estamos no apuro da civilisação!!! Mas pergunta-se a taes entusiastas em que consistem essas luzes? Em repetir com trocas de palavras o que outros ja disseram, em copiar do francez e dizer que é invenção, em intopir um folheto de palavras, e fazer um rodeio de meia legua para andar dois passos, nestes pasteis modernos, que se chamam romances, onde ha uma cascaria immensa de folhado de eloquencia prolixa, e apenas se acha dentro uma oitava de substancia, ou carne para alimentar o estomago da sciencia. As luzes deste seculo tem elareado os vicios, e escurecido as virtudes, o que antigamente se chamava malvadez, hoje se intitula heroismo, ou cavalheirismo; o amante procurava vencer com mimos, com ternura, com docilidade, hoje ao contrario é com pirraças, com traições e por fim com polvora e balla; o theatro era a escola de moral, hoje é a aula de corrupção, representavam-se as virtudes das mulheres briosas e honestas, mas isso está substituido com as patifarias das Lucrecias Borgias e outras que taes! Que bellas luzes para illuminarem as cabeças das moças do tempo!!!

As luzes do tempo tem infundido um espirito de velhacaria quasi em todas as classes--o commercio tudo vende podre e falsificado;--as artes tem retrogrado, a lavoura tem diminuido, apenas tem crescido a ladroeira, e os vicios em geral.

Grandes descobertas, dizem as luzes modernas, grandes invenções tem se feito; mas quaes são ellas? Substituir papel falso por oiro verdadeiro.

O proprio vapor, essa invenção tão decantada, não sei si a despeza que faz e vigilancia que exige, compensam o proveito que resulta da presteza e diligencia.

A medicina, que sem duvida é a sciencia mais util aos homens; ainda fluctua n'um completo mar de enganos, um sustenta que tudo são inflammações, outro que tudo são humores, e la esgota o doente com purgantes até pol-o ôco; outro vem com homœopathia curar com pingos d'agua, e outro virá breve que queira curar tudo com particulas de vento. E os doentes continuando, os defuntos sem conta! Onde está então a utilidade de tal medicina?!!!

Em encher as algibeiras dos medicos.

Na escuridão dos seculos passados, em quanto não tinha aparocido esta lua cheia da sabedoria, os homens estupidos daquelle tempo faziam obras tão solidas, e tão fortes que duram ainda perfeitas até hoje; ao contrario no presente tudo é fraco, tudo ridiculo, a casa é tão mal edificada, que em quanto se preparam as paredes, e a cumieira, ja os alicerces estão alluidos e fracos, porque a cal é indigna, o pedreiro trabalha enganando, o mestre que hoje serve de architecto, então nem prestava para servente. As mulheres, em quanto crianças ou moças, eram criadas ao pé da almofada para cozerem, e socogarem o espirito, hoje incostam-se a janella para verem os macacos petimetres que passam botando a luneta, e por isso vemos guapás mães de familia que sabem lançar, tocar, desenhar, bordar, rabiscar, politicar etc. etc. e só não entendem de criar os filhos, e nem de tomar um ponto de meia, porque isto são trabalhos enjeativos que só usavam as velhas do tempo xéco em que se rezava o terço; as senhoritas da epoca só querem se occupar em ler suas novellas, assistirem aos suores, tomarem banhos salgados pela festa, e algumas fazem certas vadiações bem amargas para o dono da caza.

Perem isto não se pode criminar, porque estamos no tempo da liberdade, e esta palavra presentemente é um breve para cada hum fazer o que quizer.

Á PEDIDO

Esta noite toda inteira
Com certa cousa sonhei,
Julguei estar desfructando
Uma cousa que eu ca sei.

Com moças não quero graças,
Ja dellas me retirei,
Ellas so querem da gente,
Uma cousa que eu ca sei.

De rapazes petit-maitres
Comportas não ouvirei,
Elles so querem pregar
Uma cousa que eu ca sei.

Com os empregados publicos
Jamais eu contenderei,
Pois elles dizem com berros
Uma cousa que eu ca sei.

Dos padrecos mandriões
Conselhos não tomarei,
Suas doutrinas propagam
Uma cousa que eu ca sei.

—O fiscal geral só tem olhos para ver certas cousas.

—O que lhe faz conta, quer V. dizer.

—Isso é que é verdade. Causa que renda; la quanto a bagatellas o homem não dá por ellas..

Ora por exemplo, um dia destes foi infundadamente muletar em 20\$ rs. um proprietario que está edificando uma casa na rua do Bangala, mas passou pelo Guadalupe, e não sentiu abalo ao ver o immundo estado da bocca de lobo que ha na subida da ladeira da Palma, onde a exerescencia ja tomou posse de metade da rua.

—Pois a fedentina não foi capaz de despertar-lhe o faro?

—Nem isso; o homem anda absorvido em cousas que *interessam* mais.

—E o povo que vá soffrendo e a saúde publica perigando!

Está direito!

—O' amigo, V. por aqui? Como vae??

—Massado.

—Isso é mau.

—Homem, V. saberá dizer-me onde poderei encontrar o afferidor de pezos e medidas?

—No seu escriptorio.

—La ja tenho ido eu quatro vezes debalde.

—Tinba negocio com elle?

—Queria afferir uns pezos; entretanto ando sempre desencontrado do homem!

—E arriscado a uma mulcta...

—E' verdade, por que não hei de parar o meu negocio; ao passo que o fiscal não quer saber de quem é a negligencia. Notando que so em ganhador ja gastei 2⁰⁰ rs.

—Mas não ha um tempo certo para as afferições?

—Para os que ja estão estabelecidos; podem eu que abri o negocio agora; não havia de ter pezos afferidos de prevenção.

—Tem razão, neste caso resigne-se com a vontade de quem pode:

—Capitão, sem mais preambulos venho hoje perante V. Exa. levantar a outra ponta da capa, que encobre a hediondez dos actos do tal *Mellorio* afim de apresental-o em espectaculo ao respeitavel publico.

—Faz muito bem em não vir com preambulos, por que, alem de ser inimigo de prolixidades, não estou hoje para massadas.

—Vá feito e sem preambulos. O *Mellorio* era um pobre tabareusinho, que appareceu nesta cidade na qualidade de simples caixeirinho, e não sei por que principio começou a frequentar, não a casa de um respeitavel ancião, que foi honrado commerciante desta praça, e sim as lojas do sobrado em que morava o dito ancião, e onde tinha creação de vacas de leite, si bem que affirmam algumas pessoas que o *Mellorio* ia comprar sua meia medida de leite, sendo certo que elle praticava todas as baixezas, para agradar ao velho, ja catando os carrapatos dos garrotes, e ja lavando as tetas das vacas; e quando entendeu, que tinha captado a benevolencia e affeição do velho, um dia contou-lhe a historia de sua vida, e disse-lhe que seria feliz si elle lhe desse a mão da filha mais velha em casamento, afim de que elle podesse estar sempre a seu lado, ajudal-o em seu trabalho,

cumprindo assim com os deveres de um bom filho; o ancião que já lhe tinha alguma sympathia, e que tinha quatro filhas moças, disse-lhe que consultaria a filha, e lhe daria a resposta; e em poucos mezes estava o *Mellorio* casado, morando com o sogro, e serrando á direita e á esquerda.

—Nisto deu elle provas de que era macaco velho, porque quem é tolo para si pede a Deus que o mate e ao diabo que o carregue.

—Passados annos; morreu o velho, e então já era tempo do *Mellorio* levantar a cabeça, e pôr em pratica suas gentilezas; tratou logo de captar a benevolencia e confiança da velha sogra, agarrando-se a ella como ôstra ao rochedo, bem como o havia praticado com o fallecido sogro, e, isto feito, chamou a si os dous cunhados, asseverando-lhes que elle podia fazer tudo no inventario em proveito delles tres; visto como o juiz de orphãos, que então se achava na vara, era seu patricio; seu compadre e seu amigo, quando aliás devia dizer de quem elle era despresivel adulador, e miseravel capacho (não fallo nas duas cunhadas, porque ellas representavam o papel de innocentes ovelhinhas; sujeitando-se ao querer do cunhado, e dos dous irmãos) o certo é, que esses tres meninos pucharam brazas para suas sardinhas, como quem não queria a cousa; e assim havia de acontecer, porque a pobre velha assignava os papeis, que elles lhe apresentavam, e um outro herdeiro que havia no casal; e que podia se oppôr sobranceiro a essas misérias e infâmias, nunca se apresentou pugnando pelos seus interesses, deixando assim o campo livre para toda casta de esperteza; e ao bel-prazer dos tres concluiu-se o inventario, tocando ao *Mellorio* a melhor das casas terreas, além de ficar com todos os papeis de dividas, de que agora diz que nada se cobrou, porque taes papeis caducaram.

—Homem, elle que diz, é que é verdade, e não tendo-se cobrado hão de existir esses documentos de dividas, pois elle sendo tão vivo não os havia de inutilisar.

Passados annos, o *Mellorio* constituiu-se feitor do immenso quintal; ou pequena rocinha do sobrado, e vendia tudo quanto ella produzia, até mesmo folhas de bananeiras, e então orgulhoso dizia a todos—com esses lucros por mim agenciados é que se fazem as despezas diarias.

—Fazia elle muito bem, isso é o que se chama um no papo, e outro no sacco. Deus ajude a quem trabalha....

—E eu peço a Deus que me não desampare, e que nunca me ajude com o alheio. Como ia dizendo, passados alguns annos

morreu a mulher do Mellorio, porem elle sempre agarrado ao costado da pobre sogra, e eu não sei com que ordem, d'ahi ha annos, vendeu uma casa para pôr no peito o seu quinhão, e o de um filhinho de quem herdou, e eu estou doudo por saber onde se achiam recolhidos os quinhões das duas filhas menores, e si o tal *papa-engolê* tambem roeu esses dons biscoutos.

Capitão, eu estou um pouco cansado, portanto deixemos para amanhan a metralha grossa, que é a morte e inventario da sogra, as contas apresentadas por elle e pelo cunhado, e a celebre declaração.

(*Continúa.*)

Exm. Sr. capitão do *Alabama*.—Diz a inquilina de uma casa que, achando-se o proprietario ausente, a ella compete pugnar pelos interesses do mesmo.

Estando a se concertar uma casinha em Nossa Senhora d'Ajuda e como ninguem ignora, não podendo essa casa ser mais larga no alto que na base em que foi edificada, sendo um defeito, que de nenhuma maneira pode ser tolerado por ferir o direito de propriedade alheia, espera se que S. Ex. por seu despacho ordene ao dono da obra que faça retirar a ponta da terça que deitou para cima da parede da casa do meu proprietario, assim como que rectifique tudo mais que não estiver em ordem; sendo para mais garantia obrigado a levantar sua parede a altura conveniente, não lhe sendo penoso, por ser bastante rico, e mostrar com isto que não estamos ainda no tempo do communismo:

P. a V. Ex. deferimento favoravel afim de não haver replica que faça reviver factos ja esquecidos:

E. R. M.

Remettido ao engenheiro da camara para dar as ordens necessarias, afim de evitar polemicas.

SONETO

Feito a um petit-maitre, mui pedante, que supõe namorar uma moça bonita, a qual nem de manhan cedo, quando accorda; se lembra delle.

Ora quem gostará daquellê tollo,
Quem será a pateta tão pastrana,
Que não veja que delle so emana,
Disparate de casco sem miollo?

E inda teimã com garbo o tal carollo!
Quem me deya ja podre uma banana,

Para do asno, que tanto trapo empana,
No nariz lhe fazer um grande bollo.

Impostor, papellão, nescio fargola,
Vae procurar ao menos teus parentes,
Não gosa sedas, quem nasceu p'ra sola.

Hade a moça te pôr tres ovos quentes,
Hade pôr-te a corôa na caxolla,
Das flores animaes que fazem pentes.

—Capitão, ainda volto sobre o facto do desventurado João Florentino.

—E eu estou prompto para ouvil-o.

—O commandante do batalhão participou o occorrido ao Exm. marechal commandante superior, e foi pessoalmente ao presidente, que era o Sr. S. Lourenço, pedir a soltura do guarda de seu commando.

Quer saber agora V. Ex. a resposta que lhe deu o presidente?

Ouçã:

« Que não podia soltar-o, porque não era possivel deixar de servir ao seu amigo o Sr. Dr. Baptista dos Anjos, com quanto conhecesse ser um capricho delle; mas havia de servir-o, pois ja lhe tinha promettido.»

—Oh! oh! oh! E' de mais.

—Uma pessoa interessada, requererã ao presidente a soltura do infeliz Florentino, e teve o seguinte despacho:

« Em vista da informação do chefe de policia, não tem logar. »

Indo para o Rio o Sr. S. Lourenço, deixou-o recommendado ao seu successor, que não podia deixar de servir-o.

—Escandalo dos escandalos!

—O commandante superior, em vista da requisição do commandante do batalhão, officiou ao governo requisitando o guarda, e teve em resposta que ja havia embarcado.

—Como é que, por caprichos, como reconheceu o proprio presidente, desconhece-se os direitos de um homem, salta-se por cima de todas as considerações, calca-se a lei, com tanto que se satisfaça pequeninas paixões de amigos!

—Tem razão, capitão; isto é um escandalo; porem escandalo este que deve ficar registrado, não n'essas folhas politicas que, si hoje censuram o governo que está, amanhan elogiã o que sobe; mas na gazeta de V. Ex. que censura a qualquer, seja de que politica for, quando elles calcam as leis e escurcem os direitos do fraco, e que só os elogia, quando tornam-se d'isso merecedores.

—E' que eu sou do povo, e advogarei sempre a sua causa; bradarei sempre contra o

grando, quando pretender esmagar o pequeno e fraco!

—Bravo! bravo! Muito bem!

O MUNDO AS AVESSAS.

(Continuação.)

E' maluco—qualquer empregado,
Em exercicio de suas funcões,
Si das partes não ousa exigir
Premios sempre com imposições.

E' maluco—todo advogado,
Tendo a causa d'um pobre cliente,
Si vendel-a não vai a contraria
Parte, prompta e mui cynicamente.

E' maluco—qualquer escrivão,
Quando a troco de grosso dinheiro
Não inverte de um processo os autos,
Com seus digos,.... sagaz e ligeiro.

E' maluco—quem por testemunha
A jurar é chamado, e la vae
Fielmente dizer o que viu...
A favor.... mesmo até de seu pae.

E' maluco—si acaso é politico,
E não usa mudar sempre a côr..
Si não é hoje liberal, ligueiro....
E amanha puro conservador.

E' maluco—tambem o ministro
Que engrandece somente o paiz,
Si fazendo-lhe mil beneficios
Nunca cuida em roubar-lhe um so triz.

E' maluco—sendo deputado,
Si projectos mui bons apresenta;
Em favor do paiz e do povo
Sem crear-lhes uma lei cruenta.

(Continúa.)

VARIÉDADES

O GALE'.

Sou um reu;—minha desdita
Na fronte me poz escripta
A maldição!
Fui castigado de um Deus
P'ra assim viver entr'os reus,
La na prisão.

Quando raia o almo dia,
Vejo tambem o meu guia
Co'a cara feia;
Me ordena com ligeireza,
Que eu faça bem a limpeza
Da cadeia.

Sou um ente malfadado,
Que o fel ha todo esgotado
Da desgraça;

Co'as sujas costas tão nuas
Passcio assim pelas ruas
E na praça.

De corrente atada ao pé,
Eis o viver do galé
Na calceta;
Minha vida é de horrores
Supporto mil dissabores
Na grillheta!

E, p'ra maior dos castigos
Fogem de mim os amigos
Do passado;
Me olham so com desprezo,
Caso não fazem do preso
Desgraçado.

Morro de fome—os malvados,
Estes tyrannos soldados
Tão cruentos;
Não ha p'ra mim piedade,
So vejo feracidade
E tormentos.

Não tenho mais energia;
Esta masmorra tão fria
M'ha de matar;
Venha antes a guilhotina,
Nessa machina ferina
Quero expirar.

Mas, entr'os arcanos da dor
Tenh'eu fé no Redemptor,
Na salvação!

Creio no ceu... no infinito!
Que importa ser eu prescripto?
Sou um christão.

CASAMENTO DESFEITO.

Estava um sujeito para se casar com a viuva d'um boticario; mas no dia da bôda apresentou-se a noiva na igreja com a cara tão cheia de carmim e alvaiade, e o corpo exhalando tantos aromas, que no momento em que o cura pergantou ao noivo se queria D. Fulana por sua esposa, o noivo respondeu que não.

—Pois então o que viemos a qui fazer? retorqui o cura. Não tinha V. S. dito antes que se queria casar com ella?

—Isso é verdade; mas eu quero casar com a boticaria, e não com a botica.

FATALIDADE.

Communicam-nos de Milão, diz um jornal, o facto seguinte, que deverá servir de escarmento a todo o que troca ouro e prata por papel:

Um pobre mecanico chegou da America a Veneza, sua terra natal, depois de uma residencia de muitos annos na America, onde a

juntara com muito trabalho e difficuldades 16:000\$ em ouro.

Teve a malfadada idéa de trocar esse ouro em notas, pelo que recebeu do agio 2:000\$ pouco mais ou menos.

Entrando em casa e indo despir-se deixou em cima da mesa esse dinheiro. Um menino que se achava ali brincando pegou no dinheiro, sem que dessem por isso, e lançou-o ao fogo.

Quando o pobre mecanico conheceu o aniquillamento de sua fortuna, teve um tal accesso de furor, que dando um grande pontapé no innocente causador d'esse infortunio, matou-o instantaneamente.

Esse desgraçado, depois de ter visto em um momento esvacearem todos os seus deusados sonhos futuros, acha-se hoje, de mais a mais, reu de policia.

ALMA PENADA

(LENDAS POPULARES.)

— Dizem, vóvo, que a noutinha:
Alem suspenção no ar,
Vê-se um medonho phantasma:
Que faz a gente espantar...?
E, quando algum viandante
Pernouta nesse caminho.
Elle pede um Padre-Nosso
Ao seu ouvido baixinho...

— Credo em cruz! Ave Maria!
Ai meu Deus, que tentação!
Não fallés, minha netinha,
Não fallés tão alto não.
Aquella sombra terrivel,
Que cresce, cresce no ar,
É uma alma penada,
Longe dos ceos a vagar.
Não falles, que tenho medo
D'o que sei te referir;
Ai tenho passado noutes
Sem mesmo poder dormir,
Porem, si queres que conte,
Rezemos rezemos ambas
A nossa Salve Rainha!

.....
«Ha dez annos que morreu.
(Foi o cura quem contou)
Um homem tão renegado,
Que nunca se confessou.
Era o maldito oppulento
Tão cheio de presumpção,
Que recusou uns bentinhos
Da Virgem da Conceição.

«Só queria nos Domingos
Aos cercados conversar,
E quando o cura passava,
Não ia-lhe as mãos beijar.

Porem afinal morrendo,
Como morre uma preguiça,
Não deixou quatro patacas
Para dizer-se uma missa.

«Quando aquelle excomungado
A' sepultura baixou,
Chovia tanto que a chuva
Toda a cidade inundou.
E parecia que o demo
Nas azas dos furações
Era quem vibrava os raios,
Quem despedia os trovões.»

— Porem vóvo que fazemos
Para apagar-lhe o delicto?

— «Netinha quatro rozarios
Rezar depois de um Bemdicto.
Mas não é só isso; o bom cura,
Com pena dó tal demonio,
Pede esmolas de dez missas
Aos servos de Santo Antonio.»

— Vóvo depois o phantasma
Não volta perdido, não?

«— Menina o padre me disse
Que pode ainda ter perdão.»
Então, vóvo, meus pombinhos.
Eu vou na praça vender,
«— Vae que os rosarios não bastão
P'ra tanto ao ceu merecer.»

Adeus! adeus! vae na guarda
Da cruz do Nosso Senhor,
Que eu vou p'ra o meu oratorio,
Cantar com todo o fervor.
Gallo preto, se a capella
Não fosse perto d'aqui,
Eu não deixara que um passo
Se desse agora por ti.

Juro que amanhã tres missas
Hei de ouvir com devoção,
E dar o dinheiro ao cura,
Tudo por tua intenção.
Mas em quanto vae á feira
E volta a minha netinha;
Pelo signal... Credo em Cruz;
Bemdicto... Salve Rainha!

Mello Moraes Filho.

DUAS SERPENTES E UM GATO.

O *Messenger Algerein* conta o seguinte:

«Deu-se no deposito das *messengeries imperiales*, em Stora, um facto curioso. Um grande caixão contendo duas serpentes mandadas de Batua ao encarregado do jardim zoologico de Marselha, tinha sido deixado no deposito. Um gato curioso, que por alli passou, ignorando a especie de habitantes do caixão, mettu-se nelle. Mal entrara o nobre

bicho, quando os dous reptis se atiraram a elle. Vendo-o bem morto, trataram de traga-lo.

Uma das serpentes tentava engolir o gato pela cabeça enquanto a outra procurava fazer o mesmo pelo lado da cauda.

Está averiguado pelos zoologistas que quando uma serpente procura comer um objecto de certo tamanho, tal é a conformação de seu dentes que lhe não é possível mais deixa-lo.

Sucedeu, pois, que as duas serpentes se encontraram cara a cara; a operação ficou então suspensa, e essa posição extraordinária veio a concluir-se de um modo bem curioso.

Por fim uma das serpentes fez um esforço desesperado, conseguiu engolir a cabeça da outra, mas ficou suffocada.

Para provar-se este facto conservaram-se em alcool as duas serpentes.

Os administradores do jardim zoologico de Marselha estão demandando a companhia das *messageries* por ter deixado as duas serpentes morrerem, e ao mesmo tempo o dono do gato pediu que ao menos se lhe desse a pelle deste, como um objecto de curiosidade.

ESCAPAR A' CRITICA PELA MERCÊ.

Um máu poeta levou a Pilon um volumoso caderno de versos, pedindo-lhe que os examinasse, e marcasse com uma cruzinha aquelles que carecessem de correccão. Poucos dias depois, restituindo-lhe Pilon o manuscrito, exclamou o autor muito ufano: — Que! nem uma só cruz! — Não, senhor, replicou Pilon; pois julguei que fizesse da sua obra um cemiterio.

HORROR A' CALVA.

Um janota, todo presumido da abundancia e formosura do seu cabello, procurava todos os modos de fazer com que lhe reparassem nelle.

N'uma sociedade de senhoras, em que, por acaso, se fallou de calvas, — eu, exclamou elle, si chegasse a ter a desgraça de me ver um dia careca, arrancava os cabellos de desesperação!

PENSAMEETOS.

E' de sí proprio contrario
Quem aceita ser depositario.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 44.^a folha do—RO-
CAMBOLE.

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO.

São convidados todos os Srs. Lyceistas a comparecerem no domingo, ás 4 horas da tarde, na rua do Tira-Chapeu, casa n. 3; afim de tratar-se da organisação do batalhão patriótico Lyceista.

SANTO ANTONIO ALEM DO CARMO.

A meza administrativa da irmandade do Santo Antonio além do Carmo, convida aos seus carissimos irmãos e mais devotos para no dia 30 do corrente ás 9 horas da manha assistirem a benção da Imagem do Glorioso Padre Santo Antonio em sua matriz, e a missa que na mesma occasião se hade celebrar.

A Imagem ficará exposta a veneração no corpo da igreja até as 8 horas da noite.

Bahia 24 de maio de 1869.

O escrivão—*Antonio Aurelio da Costa.*

O Sr Ernesto José Duarte, pintor e sargento do batalhão de S. Pedro, tem uma carta na rua do Corpo Santo, loja n.º 78.

Fugiu da provincia das *Borrachas*, um *cavallo russo* o qual nesta cidade foi de *sella*, e n'aquella provincia andou de cangalhas, e occupava-se na conducção de bebidas alcoholicas; pelo que esvae-se das mãos, em consequencia de lhe ter aggravado o seu nervoso, o forte aroma dos mencionados liquidos, esse animalo é *alto*, *conserva se em boas carnes*, terá meio seculo de edade, pois não ha recordação do tempo em que egualou, seu rinchar é affectado pelo que torna-se descompassado. e é tão manhoso, que, quando a carga é de mais, treme como se estivesse com sezões, e urina-se por si, como si soffresse de diabetis: ja foi visto pastando na horta do convento de S. Francisco, e ultimamente na cidade de Santo Amaro, por junto das casas de alambiques, sem duvida attrahido pelo cheiro que essas casas exhallam.

Quem o descobrir, pode leva-lo pelo cabresto a entregal-o nesta cidade ao *Mellozo*, nos Tamarindeiros da Praça do Commercio, ou em Santo Amaro ao *Randolfe* nas immedições do trapiche de Cima, e por qualquer dos dous será generosamente gratificado com o volume ricamente encadernado do sublime romance que tem por titulo—*A verdadeira doação, ou o legitimo patrimonio de um M Frade.*

Na rua Direita do Collegio, n.º 7, 2.º andar, precisa-se de uma ama de cozinha.

Typ. de Marques, Aristides e C.